

Gratis



A literatura, inserida no círculo das trocas, (sistema que mede o valor de cada coisa por um princípio de equivalência, e no qual o gasto deve ser compensado pela restituição), é simultaneamente uma das linhas de fuga que o interrompe. As palavras não são instrumentos, não têm proprietário, não prestam contas. Essa insubordinação é a sua mais generosa afirmação: o exercício da palavra é o desejo da partilha desmedida, e dá-se com solicitação de resposta, mas sem valor de troca. Isso significa que os seus efeitos são incalculáveis.

Gratuita decide relançar esse desejo: a literatura como dádiva improvável que se inscreve na incessante reinvenção do comum.

Apresentação

Júlia de Carvalho Hansen e Maria Carolina Fenati

Repetidas vezes, bandos de crianças ruidosas surgem nos romances de Kafka. Quase nada acontece com elas, que nem nomes têm — essas crianças rodeiam os personagens, saltam no seu caminho ou espreitam por trás de uma porta. Podem estar alegres, assustadas e com medo, e não lhes falta humor — no Processo, são elas que fazem o pintor Tintorelli rir, enquanto K. não entende nenhuma palavra do que dizem.

Nos livros de Kafka, as crianças são o anúncio de um começo — não exatamente o começo de qualquer coisa, de uma história, de uma imagem, de uma metáfora e sim o próprio começo, um acontecimento intransitivo que anuncia o retorno do indeterminado. Quando um bando de crianças se aproxima, tudo ao redor fica suspenso, e elas correm no rés-do-chão da narrativa, transformando a rigidez em escombros. Por criar este instante de instabilidade, a escrita retoma a sua condição indeterminada e tem a possibilidade de, outra vez, começar.

Esta força de indeterminação — e a confiança no começo — é dádiva da infância.

*

Tema deste número da *Gratuita*, a infância é o começo da vida e é também algo que subitamente retorna. Como a explosão duma supernova ou a eclosão de uma semente, toda a gente nasce criança. Quem escreve rememora e imagina: o que é a infância? Memória, fabulação, destino, jogo, imaginação, nostalgia. Humor e ruído, rumor e susto! A infância é um território em que a alegria e o medo, a destruição e a ternura podem conviver sem exclusão. A esta sobreposição sem exclusão podemos nomear: coragem vital. Se há ingenuidade, há também crueldade e sofrimento. O silêncio de ver a morte pela primeira vez, a lembrança do primeiro beijo, o esquecimento da memória, as brincadeiras, os jogos, o testemunho do trágico, a imediatez da presença nos acontecimentos. Capaz de fissurar as normatividades por inaugurar posturas de improviso perante o imprevisto, a infância reina entre a anarquia e o receio. A infância diz sim! E inventa porvires, devires, aberturas.

Quem escreve, a cada vez que escreve, recomeça o jogo da aprendizagem infantil de balbuciar sílabas, compor universos imaginários, conviver com os outros na linguagem. Como foi aprender a falar? É na infância que acontece pela primeira vez o nascimento da voz, e a escrita experimenta o retorno diferido deste nascimento. Tudo isto é frágil e terrivelmente potente: o retorno da infância mina a tagarelice das línguas, abre-as outra vez ao novo, reforça sua atração pelo singular. Quando a infância opera a escrita, torna-se possível escutar a língua rolar dentro da boca, tocar os dentes, suspensa antes de dizer alguma palavra, viva por dizer aquilo que diz. São tantas as infâncias quanto as línguas porvir.

Algures Walter Benjamin escreveu: “Que ‘as coisas continuem como antes’: eis a catástrofe.” A infância é promessa de começo, testemunho do eterno retorno do novo e, portanto, de adiamento da catástrofe. Talvez seja por isto que todo poder

conservador busque domesticar a infância: para manter um estado de coisas é preciso, injustamente, conter o indeterminado. Todavia, isto não é senão um modo grotesco de fracassar. Sejam quais forem as forças, a infância resiste: condição e promessa do vivo, ela afirma a persistência inegociável da mutação.

*

Gratuita 3 — Infância reúne poemas e textos em prosa escritos ou traduzidos a convite das editoras. Ainda que nos números anteriores da revista o processo de acolhimento dos textos tenha sempre nos surpreendido, nesta edição a radicalidade da diferença entre o que imaginávamos e o que recebemos é latente. O nosso convite partia do desejo de pensar a infância para além da ideia de pureza e inocência tantas vezes a ela associada, e propúnhamos publicar textos em que a loucura, o desconhecido, o medo, a força inventiva da infância estivessem também presentes. Os textos deste número respondem a isto excedendo o que esperávamos, e muitas vezes aprofundam — aqui mora a nossa surpresa — um tom maduro, dolorido e crítico. Nesta *Gratuita*, a infância testemunha a dor, e a aspreza da experiência é vista de frente.

Decidimos editar um número literário, quer dizer, diferindo dos outros números da revista, nos quais as discussões teóricas e críticas se fizeram diretamente presentes, o recorte desta edição é sobretudo poético e narrativo. Para além dos textos aqui publicados, reunimos também ensaios, que migraram da revista para a coleção *Caderno de Leituras*, publicada no site das Edições Chão da Feira. Decidimos formar com estes a série “Infância”, que, inicialmente ligada à pesquisa desta revista, continuará a publicar ensaios sobre esta temática.

A infância não cessa de começar: se com ela todo mundo guarda intimidade, é porque, de fato, se foi criança um dia, e esta memória torna-se promessa de retorno e abertura de futuro. Com esta *Gratuita*, celebramos a partilha desta dádiva.

Gratuita 3

- 11 **Dois abismos**
Marcílio França Castro
- 14 **[Sem título]**
Giorgio Agamben
- 16 **Viver entre línguas (fragmentos)**
Sylvia Molloy
- 21 **[É como se a infância não fosse um tempo...]**
Ana Martins Marques
- 22 **O menino e o rei**
Rafael Barrett
- 24 **O pato bola**
Sebastião Edson Macedo
- 26 **A história das perguntas**
Subcomandante
Insurgente Marcos
- 30 **29.**
Bruna Beber
- 32 **A juventude de Gargântua**
François Rabelais
- 35 **Crianças kids**
Angélica Freitas
- 47 **Lembranças de menino**
Narcís Oller
- 53 **A restinga**
Sebastião Edson Macedo
- 54 **Umas Férias**
Machado de Assis
- 62 **Minha pessoa criança**
Alberto Lins Caldas
- 66 **Lekh Lekho**
Simkha Bunim Shayevitch
- 102 **Por que a criança cozinha na polenta (fragmentos)**
Aglaja Veteranyi
- 109 **O anãozinho corcunda**
Walter Benjamin
- 112 **Carta do Subcomandante Insurgente Marcos a Eduardo Galeano**
Subcomandante
Insurgente Marcos
- 120 **Velotrol**
Fabiano Calixto
- 122 **O mundo está correndo**
Leda Cartum

Infância

- 125 **Bird gerhl**
Tatiana Pequeno
- 128 **Poemas de Emily Dickinson**
Emily Dickinson
- 136 **[Explicar? Como se pode...]**
Abraham Sutskever
- 138 **Sara (diálogos com o pai)**
Sara e Tomás Maia
- 142 **O regresso à infância**
Jorge Sousa Braga
- 143 **A infância prometida**
Maria Carolina Fenati
- 155 **2 poemas sobre erês e um terceiro**
Iago Passos
- 159 **Ensaio de Fritz Koscher**
Contados por Robert
Walser
- 162 **Exercitação III**
Maria Filomena Molder
- 169 **Zoé**
Tomás Maia
- 174 **Beauty Contest Talcum Powder**
Nuno Moura
- 172 **Uma árvore, uma rocha, uma nuvem**
Fernanda Morse
- 175 **Os diabos do novo século**
Subcomandante
Insurgente Marcos
- 193 **X games para Carol Shaw**
João Reynaldo
- 197 **Escola Primária de Delinquência**
Roberto Arlt
- 210 **Matinê perdida**
Fabiano Calixto
- 213 **Cavalitas**
Maria Archer
- 216 **Num lugarejo**
Abraham Sutskever
- 220 **Quando eu era menino**
Friedrich Hölderlin

Dois abismos

Marcílio França Castro

*Dónde está el niño que yo fui,
Sigue adentro de mí o se fue?*

Pablo Neruda, *Libro de las preguntas*

I

Um dia a criança se distrai. Subitamente, ela se distrai. E então você começa a notar. Ela quer amarrar o sapato, por exemplo. Puxa uma ponta de cadarço, embola o dedo na outra, insiste, até que apenas sossega; esquece as mãos onde pararam, olha perdida para a janela. Na mesa do almoço, com o prato pela metade, leva o garfo à boca, interrompe o gesto. Por um longo minuto, segura o garfo no ar, um naco de verdura na ponta, como se acabasse de inventá-la. Na hora do banho, brinca com a água. Brinca com a água e sorri. Balança o chuveirinho, feliz com a pequena guerra. Como um peixe vidrado, concentra-se na água — e não responde mais ao seu chamado. Assim também no meio da rua. Um dia vocês vão juntos pela calçada, de mãos dadas, a criança subitamente te ignora. Você a sacode pelo braço, fala o seu nome; ausente, ela devora uma árvore como se fosse a própria árvore, tateia uma vitrine como se fosse a vitrine. Até que chega uma tarde de domingo. A criança conhece outra criança na grama da praça, um menino e sua bicicleta. Os dois se acercam, mal balbuciam, um sentindo a gravidade do outro. Num segundo, a criança que está com você

começa a soluçar. Está assustada, empalidece, gruda na sua roupa. Você se pergunta como pode uma criança reagir dessa maneira a outra criança, como se tomasse uma pancada, como se recuasse de um abismo. Então ela ergue a cabeça, te solicita com os olhos — nesse instante, você vai notar. Vai notar que quem está ali, quem olha para você com os olhos da criança — e, com a agitação de um invasor, a faz soluçar — não é a criança, mas sim um adulto, o mesmo adulto que um dia ela virá a ser, um desses adultos desgarrados que, por desconsolo ou desespero, retorna sem aviso de seu futuro, e se atira atabalhoado contra o próprio passado, tentando infiltrar-se na criança que foi. Você o encara — ele implora para ficar.

II

Então a cena se repete. O menino surge do corredor e vem apressado pelo pátio, o dia aberto, o sol enchendo o seu rosto. É o mesmo menino magro, de cara redonda e pernas curtas, corre, atravessa o cimento e a grama, vai abraçar alguém no portão. Tem cinco ou seis anos o menino, não pensa na morte, não tem dor, é apenas um menino correndo, com a cabeça levantada e a camiseta frouxa, sem medo, a respiração ligeira, o fígado intacto, e parece que vai tropeçar, cair no cimento, mas isso nunca acontece. Ele corre, e no meio da corrida tento alcançá-lo, emparelhar-me com seu dorso e sua velocidade, salto em sua direção como uma águia salta sobre sua presa, pressinto o céu e os prédios em volta, o barulho de um carro, pressinto o rosto quente do menino, seu coração limpo, seu pé machucado, sua dor de garganta, pressinto seu riso fraco, seus dentes moles, seu choro e sua escola, sua vontade de voar, pressinto os outros meninos, pressinto um cão, uma bola, um cheiro de fruta e biscoito, uma colher de xarope, um arame farpado, uma escada sem luz, pressinto os desenhos sem nexos do menino, seu caderno encapado, sua comida sem luxo, seus sonhos com o mar, pressinto a voz de sua mãe, os

livros noturnos que saem dessa voz, estico os braços, estico os braços com toda minha força, mergulho, quero tocá-lo, correr junto com ele pelo pátio, mas o menino não responde. Mil vezes salto, mil vezes tento capturá-lo, incendiar com sua vida meu corpo degradado, salto para ele como quem salta sobre um cavalo a galope, chego a gritar, mas é inútil, ele volta ao breu do corredor e reinicia a sua corrida, sem sequer me notar, completamente livre deste que um dia ele expulsou em silêncio de seu reino, como um pequeno imperador selvagem, sem que eu me desse conta, sem que houvesse jeito de evitar. Se o procuro, lá está ele, indiferente e atroz, repetindo a mesma corrida, a mesma sequência infinita, em um mundo agora impenetrável para mim, e é assim que ele declara a minha queda, me repele com seu vento decidido, com a fúria e a impiedade de toda criança, como faz com qualquer estranho, com qualquer fantasma fora de seu tempo.

[Sem título]¹

Giorgio Agamben

Tradução de Bernardo Romagnoli Bethônico

- ¹ [Nota da editora] Este texto nos foi enviado pelo coletivo Luddotek (Susana Velasco, Rafael Sánchez-Mateos Paniagua e Jordi Carmona Hurtado), a quem agradecemos, e que elaborou a seguinte nota contando a origem e a trajetória do que aqui publicamos: “No ano de 2009, no coletivo Luddotek [luddotek.wordpress.com], estávamos preparando um projeto audiovisual sobre a infância que concluímos dois anos mais tarde e que se intitulou *Aion Pais* [projeto realizado entre 2009 e 2011, financiado por Ayudas a la Creación del Ayto de Madrid. Para saber mais, visite: <http://tinyurl.com/grat3aionpais>]. Jordi Carmona Hurtado e Carmen Rivera, então em Paris, realizaram duas ‘entrevistas’ importantes para o projeto: uma longa conversa com René Schérer, que serviu de base para o filme *Dialéctica de rené y marc* [disponível aqui: <http://tinyurl.com/grat3reneymarc>], e uma pequena gravação em áudio, registrada no próprio apartamento de Agamben, na qual o filósofo leu este pequeno texto em italiano em três parágrafos, sem título, que amavelmente havia escrito para a ocasião [disponível aqui: <http://tinyurl.com/grat3agamben>]. O texto foi traduzido por Jordi para o castelhano e foi difundido em fotocópias durante a exposição ocorrida em Matadero-Intermediae (Madri, junho-outubro de 2011). Sabemos que um fanzine de tiragem doméstica e distribuição gratuita chamado *Talares de la Manga* o incluiu em sua edição *Se come un hombre. Ciudad · mujer · poeta · niño* (Carabanchel, junho de 2015). Aparece aqui, pela primeira vez, uma versão em português.” A tradução foi revista por Vinícius Nicastro Honesko.

Devemos parar de fingir que sabemos o que é uma criança. A cultura, ou seja, a educação funda-se sobre essa ficção. Tudo o que sabemos da criança é que ela torna inútil tudo aquilo que acreditamos saber sobre o homem. Diante de seu sorriso, todo o saber é ridicularizado. Toda a moral torna-se caduca. Todo o direito é anulado. Isto significa que, só quando deixarmos pra trás o saber, o direito e a moral, poderemos começar a decifrar o enigma do rosto infantil.

Puer, larvae. A pítia fala com a voz de uma menina. A voz infantil é uma oitava acima daquela do adulto e quase sem harmônicos. Voz branca, que não quer dizer nada e por isso nos fere. Branco significa nu, nu e brilhante. De acordo com a hipótese neotênica, o homem não deriva de um primata adulto, mas do filhote do macaco. O homem é um filhote de macaco que adquiriu prematuramente a capacidade de se reproduzir. Daí o seu atraso congênito e a sua eterna imaturidade. Daí a falta de uma vocação genética definida para sempre, como a de outras espécies animais. É a criança o paradigma do humano, não o adulto. Por isso o homem não pode ter um destino, nem uma vocação biológica específica. Ser infantil, que não é nada e pode tudo. Ligado não a um ambiente, mas a um mundo. Sem voz e, ainda assim, condenado a falar. Escutando não os sons e os sinais, mas o ser. A criança é a incessante revogação do não humano diante do humano e do humano diante do não humano. Por isso “já não” e “ainda não” definem o tempo humano, a história. Se a infância é o paradigma do humano, então a regressão é o movimento mais próprio do homem, que não conduz ao passado nem ao futuro, mas a um passado no futuro, um futuro anterior. A infância é o futuro anterior do homem e a sua verdadeira pátria. *Puer, larvae.* A pítia fala com a voz de uma menina. Voz branca, que não quer dizer nada e por isso nos fere.

Todo poder começa com o poder sobre as crianças. E não valerá a pena viver entre os homens, enquanto as crianças não forem liberadas de sua escravidão. Evangelhos da infância. Vida secreta de Jesus, o messias que fala com uma voz branca, infantil. A revolução que liberta o homem e a produção está depois daquela que liberta a infância e a inoperosidade. Voz branca, que não quer dizer nada e por isso nos fere. A linguagem é uma voz branca, infantil. Todo poder começa com o poder sobre as crianças.

Viver entre línguas (fragmentos)¹

Sylvia Molloy

Seleção e tradução de
Rita Mattar e Nicolás Llano Linares

Infância

Para simplificar, às vezes falo que sou trilingue, que fui criada em três línguas, embora, pensando bem, a afirmação complique mais do que simplifique. Além do mais, não é completamente verdadeira: a aquisição das três línguas não aconteceu de maneira simultânea, mas sim em partes, e cada língua passou a ocupar diferentes espaços e a se tingir de diversas afetividades, achadas por acaso. Primeiro eu falei em espanhol, depois, aos três anos e meio, meu pai começou falar comigo em inglês. Foi também quando eu tinha três anos e meio que minha irmã nasceu: em vez de jogar pratos pela janela, como o pequeno Goethe fez quando nasce seu irmão Hermann Jakob,

¹ [Nota da editora] Estes fragmentos são parte do livro *Vivir entre lenguas*, de Sylvia Molloy (Buenos Aires: Eterna Cadencia, 2015). Agradecemos a Sylvia Molloy e a editora Eterna Cadencia pela cessão dos direitos para esta publicação e pela confiança na tradução.

adquiri outra língua, que é outra maneira de romper com a certeza. O francês veio depois e não comemorou nenhum nascimento. Foi mais uma recuperação.

Romance Familiar

Minha avó, mãe do meu pai, como muitos imigrantes ingleses de sua geração, falava espanhol mal. Tinha dificuldade de dizer *xícara* e falava, (para a hilaridade do seu filho) uma *chácara* de chá. Se desesperava por eu não falar inglês, por ter aprendido a falar em espanhol, acho que não gostava muito de que meu pai tivesse casado com uma *Argentine girl*, embora o fato de que meu pai fosse por sua vez um *Argentine boy* não lhe passasse pela cabeça. O imigrante e o filho de imigrante se pensam em termos de língua, *são* sua língua. Minha mãe tinha perdido o francês dos seus pais, era monolíngue, portanto, argentina. Meu pai falava inglês com a mãe, com as irmãs, e espanhol com a mulher e os amigos. Às vezes as pessoas diziam para ele *che, inglés*.

Minha avó, mãe do meu pai, morreu quando eu tinha quatro anos: lembro de ter ido visitá-la pouco antes da sua morte, de ter falado com ela, não sei em que língua. Esta lembrança, este não saber em que língua falei com ela, não me deixa. De fato, usei essa lembrança em dois relatos, *trying to make sense of it*: num deles, um menino fala em inglês e deixa a avó feliz; no outro, se recusa.

Aprendizagens

O fato de minha mãe não falar inglês impõe o espanhol nas reuniões da família paterna. Condescendentes, minhas tias, que são perfeitamente bilíngues, se adaptam: eu sinto vergonha. Quando se dirigem a mim, respondo em inglês, para brilhar, e para mostrar-lhes que não sou monolíngue como minha mãe. “Talk in Spanish so Margo understands”, me dizem. Eu sinto raiva.

Recordo-me que quando era muito pequena minha mãe fazia aulas de inglês com uma inglesa do bairro cujo nome esqueci, embora me recorde perfeitamente onde morava: do lado de um hospital. Recordo-me do caderno amarelo de papel quadriculado em que minha mãe anotava tudo que ia aprendendo. Recordo-me de como ficou brava comigo quando me encontrou lendo o caderno que guardava cuidadosamente na bolsa, cheio de exercícios não muito diferentes daqueles que eu tinha que fazer na escola.

Não sei quando parou as aulas. Sei que o caderno sumiu e que minha mãe continuou monolíngue, como quem continua padecendo de um mal incurável. Também sei, pelos comentários que nos fazia mais tarde, que entendia tudo o que falávamos em inglês, minha irmã e eu.

Mas faço mal em chamá-la de monolíngue. O bilinguismo que poderia ter tido, e que foi roubado pelos pais, subsistia, como resto, em algumas conversas caseiras. Assim, tanto ela como minha tia usavam constantemente palavras francesas quando falavam de moda e costura, termos que conservo até hoje, embora nem sempre saiba a que se referem. Por exemplo: *soutache*. Como ilhotas de outra língua, boiavam na conversa. Quem sabe remetiam a lembranças precisas de sua infância semi-bilíngue; ou talvez não fossem mais do que uma simples afetação de senhoras burguesas argentinas. De qualquer forma, permitiam-me construir uma imagem menos desamparada linguisticamente da minha mãe.

Nome

Que nome dar ao sujeito bilíngue, ao recém-nascido para quem se prevê uma vida bilíngue? Muitas vezes escutei futuros pais declararem que queriam um nome que funcionasse em duas línguas, com mínima adaptação, sem que fosse necessário traduzi-lo. Tomemos o exemplo de Tomás/Thomas, ou Olivia/Olivia, ou Ana/Anna, ou Martín/Martin.

(Por exemplo, nada de Hermenegildos, de Duncans: havia na minha escola uma menina nascida no Havaí chamada Leloni e na hora do espanhol – que não é a do inglês – para irritá-la a chamávamos de “Lela”.) Talvez seja válido este esforço para escolher nomes *passepourtout*, como o personagem de Júlio Verne, para facilitar a vida do filho que vai e vem entre culturas. Mas em termos mais amplos nenhum nome funciona “nas duas línguas”. Sempre é necessário traduzi-lo. O mesmo acontece com os sobrenomes. O meu, irlandês, é inconfundivelmente irlandês na Irlanda e nos Estados Unidos. Na Argentina, onde normalmente o pronunciam acentuando a primeira sílaba, mais de uma vez foi considerado judeu: se Portnoy, por que não Mólloy. E numa viagem pela Borgonha há anos, reconheceram-no como um “un nom du pays”: de fato há um povoado perto de Dijon que se chama Moloy e que se pronuncia, previsivelmente, *molué*.

Território

Cada língua tem seu território, sua hora, sua hierarquia. A escola da minha infância se divide em duas metades, inglês de manhã, espanhol à tarde. É, portanto, uma escola bilíngue. Mas é chamada de “escola inglesa”, sem dúvida pelo prestígio que o termo conota, mas também pela lei que impera. Se durante a manhã uma aluna fala espanhol, e não inglês, e é pega pela professora, é castigada. Deve ir à sala da diretora onde assina o *black book*, que vem a ser uma caderneta preta menos ominosa do que soa. Ao completar as três assinaturas, a aluna é expulsa. Outras transgressões sérias que levam à assinatura e eventual expulsão: usar as meias enroladas nos tornozelos, o cabelo solto, ou colar da colega. São ofensas graves (tão arbitrarias como os pecados capitais da igreja católica), mas talvez falar espanhol durante a manhã inglesa seja a pior.

De repente lembro-me de algo interessante: as piadas sujas eram contadas em espanhol, a língua proibida das

manhãs. Ou melhor dito, a anedota era contada em inglês, mas “as partes” só eram nomeadas em espanhol, como aqueles textos médicos oitocentistas que acudiam ao latim para falar do inominável. Só depois aprendi os equivalentes em inglês, através das leituras. Como bem se sabe, a literatura cumpre múltiplos propósitos.

Pela tarde a escolaridade é em espanhol. Se alguém fala em inglês ninguém se importa. Não há castigo. O espanhol, comparado com o inglês, é uma língua descolorida, pelo menos para aqueles que a trazem de casa. Como a mãe em Freud, é *certíssima*. Meus pais admiram este sistema pedagógico, não só pela divisão de tempos e espaços linguísticos, mas também porque o inglês acontece pela manhã “quando estão mais frescas”. Meus pais me repreendem, nos repreendem, à minha irmã e a mim, se misturamos. A casa reproduz as divisões no romance familiar: espanhol com a mãe, inglês com o pai. Mistura (quando não estão te ouvindo) entre irmãs, como uma forma de língua proibida.

Reconheci essa mesma mistura numa das minhas viagens para Buenos Aires, numa loja de artigos regionais, *of all places*. Duas mulheres, mais ou menos da minha idade, bem vestidas, estão olhando uns cachecóis de alpaca, falam entre si. *Esta vai ficar bem em você, don't you think, mas não quero gastar tanto, it's quite expensive, che*. The switching is effortless: terá suas regras mas eu, como falante, não as conheço: switcho, não analiso. Penso: estas mulheres devem ter frequentado a mesma escola que eu, e agora que os pais não as estão ouvindo, misturam.

[É como se a infância não fosse um tempo...]

Ana Martins Marques

É como se a infância não fosse um tempo
mas um lugar
com seus cumes seus esconderijos
suas pequenas clareiras
um lugar, aquele onde cometemos
nosso primeiro crime
há quem tenha matado um coelho
há quem tenha matado um sapo
há quem tenha matado um cão
há quem tenha mentido perseguido
destruído
deixado morrer
por capricho
de minha parte matei uma criança:
uma menina
morreu em mim
por onde vou carrego
o seu cadáver
e a forma exata do seu corpo
repousa no meu corpo
como num vestido
largo demais

O menino e o rei¹

Rafael Barrett

Tradução de Rita Custódio e Àlex Tarradellas

Era uma vez um menino que achava o seu rei o homem mais belo do mundo; o desejo de o contemplar consumia-o e, tendo sabido que Sua Majestade iria naquela manhã passear ao parque público, compareceu desde a alvorada, palpitante de curiosidade.

Essa mania de se ocupar do rei e esta ideia de que era belo são estranhas num menino moderno. Trata-se, sem dúvida, de um candidato à neurastenia, talvez condenado a um romântico suicídio. Já dizia La Fontaine que nessa idade não existe compaixão: é normal que nela exista poesia? Os meninos são cruéis, glutões e invejosos; são homenzinhos perfeitos, e o tempo, incapaz de transformar a índole das suas paixões, só lhes ensina o fingimento. Para além do mais, será verosímil que o nosso pequeno sonhador não tivesse visto, tão interessado como estava nele, um dos infinitos retratos reais que circulam por revistas, anúncios e prospectos, que se colam aos muros, se mostram nas montras e presidem às assembleias, desde o parlamento, onde votam uns

¹ [Nota dos tradutores] Este texto foi publicado pela primeira vez em *Moralidades actuales* (1910). Para esta tradução utilizámos a seguinte edição: Rafael Barrett. *Moralidades actuales*. Logroño: Pepitas de calabaza, 2010.

nos outros couraçados, até à fumegante taberna onde os marinheiros trocam facadas? Será que esse menino excepcional não ia à escola? Será que aí, nos livros escolares, não havia uma efígie do rei? É difícil de acreditar!

Mas não abusemos da crítica. Acabaríamos por rejeitar todas as notícias que nos chegam e não nos dignaríamos a conversar. Aceitemos a História; é interessante, e portanto encerra alguma verdade, porque a verdade é aquilo que tem algum efeito sobre nós. O menino, intrépido amigo dos príncipes das lendas que, como o de Boccaccio, se sentam à cabeceira de humildes virgens doentes de amor por eles, esperou inutilmente. As horas passaram. Entediado, dirigiu-se a um cavalheiro gordo que por ali andava.

— Senhor, que horas são? Estou à espera do rei que devia vir, o rei mais belo da Terra.

O cavalheiro gordo, que era naturalmente Sua Majestade, absteve-se de desfazer o engano. Nunca tinha encontrado um juiz tão formidável como aquele rapazinho. A sua vida de príncipe, as suas aventuras vulgares de solteiro rico, os seus apertos de *dandy* pródigo, as suas dívidas, que no fim nenhum banqueiro da Europa decidia pagar e que o afligiram até que a sua mãe, acabando por morrer, o salvou deixando-lhe com o trono a assinatura da pátria, o seu passado convencional e nulo oprimiram-no de repente com mais força do que nunca. O Rei? Não, não era o Rei: não tinha nada em comum com os Reis, os gigantes que carregavam as suas aldeias às costas e que, ungidos pelos santos, discutiam com Deus. E, por acréscimo, chefe da Igreja? Já nem sequer era o Rei da moda: agora um actor francês e um espadachim divorciado de uma americana eram aqueles que impunham aos dois continentes a nova gravata, a nova levita. E o Rei envergonhou-se diante do menino, envergonhou-se por ter tanta barriga e os olhos turvos, sublinhados por olheiras lívidas, e bochechas penduradas. Sentiu-se aquilo que era, um velho que se tinha divertido muito, e mais nada.

Voltou tristemente ao seu palácio. A magnificência da corte, a cirandar à sua volta, fê-lo recuperar, por um instante, a despreocupação quotidiana. Mas à noite sentiu-se indisposto. Mandou chamar o seu médico e acatou as suas ordens com total obediência. O médico era o amo; o seu ferro já tinha entrado na carne do Rei. Sua Majestade adormeceu em companhia da morte.

Entretanto, o menino poeta meditava noutra manobra para admirar de perto o monarca mais belo do mundo.

O pato bola

Sebastião Edson Macedo

o pato bola só existe porque eu insisto
nos relatos que fizemos dele
na roda gigante no poste da esquina
com o sanduíche com o cachecol

o pato bola bola de rir porque eu
sempre eu sempre
eu insisto em dublar a garota afetada da televisão

o pato bola não se zanga
vamos ser bons amigos
vamos dormir e acordar numa estação pitoresca
onde vendem tangerinas e rimas bem frescas

o pato bola bebe da água que oferece
la abuelita que sigue en la otra dirección
torna a próxima casa tranquila
caiada pela cerração da concordância

o pato bola e o lagartim
o pato bola e a lista de música que salteamos
para enxergar melhor o México
a constelação das mães acumuladas no circo
no meio do mundo da minha solidão
dos meus colegas de janeiro e do futebol

o pato bola olha para mim e toca
e eu toco de volta e é gol

eu insisto em comemorar correr pelo chaparral
para o pato bola existir para eu abraçar
o que ele sempre ele
soube mais e melhor desses pequenos infinitos

A história das perguntas¹

Subcomandante Insurgente Marcos

Tradução de Susana Guerra

“Vou contar para você a verdadeira história do tal Zapata.”

Puxando tabaco e “bolador”, o velho *Antonio* inicia a sua história que une e confunde tempos velhos e novos, tal e como se confundem e unem o fumo do meu cachimbo e do seu cigarro.

“Há muitas histórias atrás, quando os deuses mais primeiros, os que fizeram o mundo, estavam ainda dando voltas pela noite, existiam dois deuses que eram o Ik'al e o Votán.

Dois eram de um só. Voltando-se um, aparecia outro, voltando-se outro aparecia um. Eram contrários.

Um era luz como manhã de maio no rio. Outro era escuro, como noite de frio e caverna.

¹ [Nota da tradutora] Texto publicado em: Subcomandante Insurgente Marcos (EZLN). *La historia de las preguntas*. 2ª Edición. Colección El Viejo Antonio. Guadalajara: Ediciones Colectivo Callejero, 2001.

Eram o mesmo. Eram um os dois, porque um fazia o outro. Mas não caminhavam, quietos estavam sempre estes dois deuses que um eram sem mover-se.”

“Que fazemos, então?”, perguntaram os dois. “Está triste a vida assim como estamos”, entristeciam os dois que eram um no seu estar.

“A noite não passa”, disse o Ik'al.

“O dia não passa”, disse o Votán.

“Caminhemos”, disse um que dois era. “Como?”, perguntou o outro. “Para onde?”, perguntou um. E viram que assim moveram-se um tiquinho, primeiro para perguntar como e depois para perguntar onde. Contento ficou um que dois era quando viu que um tiquinho se moviam. Quiseram os dois ao mesmo tempo mover-se e não puderam.

“Como fazemos então?” E se debruçava primeiro um e depois o outro e moveram-se outro tiquinho e deram-se conta que se um primeiro e o outro depois então sim se moviam e chegaram a um acordo que para mover-se primeiro se move um e depois se move o outro e começaram a mover-se e ninguém se lembra quem primeiro se moveu para começar a moverem-se porque muito contentes estavam que já se moviam e “que importa quem primeiro se já nos movemos?” diziam os dois deuses que o mesmo eram e riam e o primeiro acordo a que chegaram foi dançar e dançaram, um passinho um, um passinho o outro, e demoraram-se na dança porque contentes estavam por se terem encontrado.

Logo se cansaram de tanta dança e viram que outra coisa podiam fazer e viram que a primeira pergunta de “como mover-se?” trouxe a resposta de “juntos mas separados de acordo”, e essa pergunta não lhes importou muito porque quando perceberam já estavam movendo-se e então veio a outra pergunta quando viram que havia dois caminhos:

um era muito curtinho e aí mesmo chegava e claro se via que aí mesmo pertinho terminava esse caminho e tanto

era o gosto de caminhar que tinham nos seus pés que disseram rápido que o caminho que era curtinho não muito o queriam caminhar e chegaram ao acordo de caminhar o caminho comprido

e já iam começar a caminhar, quando a resposta de escolher o caminho comprido lhes trouxe outra pergunta: “onde leva este caminho?”; tardaram pensando a resposta e aos dois que eram um logo chegou à sua cabeça que só se caminhavam o caminho comprido iriam saber onde levava porque assim como estavam nunca iam saber para onde levava o caminho comprido. E então disseram-se os dois que um era:

“pois vamos caminhá-lo, então”, e começaram a caminhá-lo, primeiro um e depois o outro. E aí mesmo deram conta que levava muito tempo caminhar o caminho comprido e então veio a outra pergunta: “como vamos fazer para caminhar muito tempo?” e ficaram pensando um bom bocado e então o Ik'al clarinho disse que ele não sabia caminhar de dia e o Votán disse que ele de noite medo tinha de caminhar e ficaram chorando um bom bocado

e logo que acabou a choradeira que tinham puseram-se de acordo e viram que Ik'al podia muito bem caminhar de noite e que o Votán podia muito bem caminhar de dia e que o Ik'al caminhasse o Votán na noite e assim acharam a resposta para caminhar o tempo todo. Desde então os deuses caminham com perguntas e não param nunca, nunca chegam e se vão nunca.

E assim aprenderam então os homens e mulheres verdadeiros que as perguntas servem para caminhar, não para ficar só parados. E, desde então, os homens e mulheres verdadeiros para caminhar perguntam, para chegar se despedem e para ir embora cumprimentam. Nunca ficam quietos.

Eu fico mordiscando a já curta boquilha do cachimbo esperando que o velho *Antonio* continue mas ele parece já não ter intenção de fazê-lo. Com medo de quebrar algo muito sério pergunto: “E Zapata?”

O velho *Antonio* sorri: “Já aprendeste que para saber e para caminhar há que perguntar.” Tosse e acende um cigarro que não sei a que horas enrolou e, por entre o fumo que sai dos seus lábios, caem as palavras como sementes ao solo:

“O tal Zapata apareceu aqui nas montanhas. Não nasceu, dizem, apareceu sem mais. Dizem que é o Ik'al e o Votán que até aqui vieram parar no seu longo caminho e que, para não espantar as gentes boas, tornaram-se um só. Porque de muito andar juntos, o Ik'al e o Votán aprenderam que eram o mesmo e que podiam tornar-se um só no dia e na noite e quando chegaram até aqui tornaram-se um e adotaram o nome de Zapata

e disse o Zapata que até aqui havia chegado e aqui ia encontrar a resposta de onde leva o longo caminho e disse que por vezes seria luz e por vezes escuridão, mas que era o mesmo, o Votán Zapata e o Ik'al Zapata, o Zapata branco e o Zapata negro, e que eram os dois o mesmo caminho para os homens e as mulheres verdadeiros.”

29.¹

Bruna Beber

Laura me leva para a água
 Não é só assim que somos felizes
 Mas aqui somos mais
 É bom passar minúsculos
 Olhando para uma coisa só
 Como se nunca tivéssemos inventado
 Uma imagem sequer do futuro
 E então ficamos cerca de um minúsculo
 Olhando para o mar e fingindo
 Que o movimento das ondas
 Era parecido com estender lençóis
 E quem as estendia éramos nós
 Você sabe, a água não para de ser água
 E nós não parávamos de tentar
 Arrumar o mar, que, não nos incomoda
 Ele é um peixe amando outro peixe
 Laura gosta de arrumar a cama
 Todos os dias, eu desligo o ventilador
 Porque a cama é um tipo de mochila
 De encosta, de bandeja, de sola de pé
 Para os morcegos; prisma ao que gosta
 de dormir, balcão ao que gosta de acordar

1 [Nota da editora] Escrito para a revista *Gratuita*, este poema foi publicado no livro *Ladainha* (Rio de Janeiro: Record, 2017).

Não sei explicar mas é como chegar na água
 E saber nadar, muito mais ainda assim e por tudo
 É sobre conseguir chegar naquilo que eu sou
 E cada vez mais perto daquilo que sou com alegria
 É uma camisa de força do avesso
 Muito boa para o mergulho.

A juventude de Gargântua¹

François Rabelais

Tradução de Guilherme Gontijo Flores

Gargântua dos três aos cinco anos foi nutrido e educado em toda disciplina adequada por ordens de seu pai e passou aquele tempo como qualquer criança do país, ou seja, bebendo, comendo e dormindo; comendo, dormindo e bebendo; dormindo, bebendo e comendo.

Todo dia se chafurdava na lama, lambrecava o nariz, se emplastava a cara. Acalanhava os sapatos, bocejava sempre para as moscas e corria com gosto atrás das borboletas,

¹ [Nota do tradutor] O trecho aqui traduzido é o capítulo 11 do Gargântua, uma passagem toda trabalhada a partir de expressões populares e eruditas, para mostrar como o personagem principal cresce pelos avessos. Na tradução, busquei recriar o ritmo da prosa rabelaisiana e a série de expressões francesas medievais e renascentistas em outras similares em português. A tradução foi revista por Leda Cartum. Sigo a edição crítica de Mireille Huchon: François Rabelais. Oeuvres complètes. Édition établie, présentée e annotée par Mireille Huchon avec la collaboration de François Moreau. Paris: Gallimard, 1994.

que seu pai governava. Ele mijava sobre os sapatos, ele cagava na camisa, ele se assoava nas mangas, ele melecava dentro da sopa. E vadeava por toda parte e bebia na pantufa e com frequência esfregava a barriga num cesto. Seus dentes afiava com um casco, suas mãos lavava com caldo, se penteava com uma taça. Se sentava entre duas selas com o cu na terra. Fazia o João sem braço. Bebia ao tomar sopa. Comia manteiga sem pão. Mordia rindo. Ria mordendo. Sempre cuspiu no prato, peidava de gordo, mijava contra o sol. Se escondia na água para fugir da chuva. Malhava ferro frio. Sonhava acordado. Pagava de santo. Chamava o Raul. Rezava um pai-nosso de macaco. Voltava à vaca fria. Dava bom dia a cavalo. Posava para inglês ver. Botava o carro na frente dos bois. Metia o nariz onde não era chamado. Jogava verde para colher maduro. Abraçava o mundo com as pernas. Comia o pão de hoje sem amanhã. Chovia no molhado. Se fazia cócegas só para rir. Era bom de garfo. Oferecia feixes de palha aos deuses. Mandava cantar o *Magnificat* nas matinas e achava bem conveniente. Comia couve e cagava alho-porró. Reconhecia moscas no leite. Arrancava as patas das moscas. Raspava papel. Rabiscava pergaminho. Dava no pé. Virava o gargalo. Fazia as contas do inimigo. Batia arbusto no mato e voltava sem prato. Pensava que nuvens eram çarolas e que bexigas eram lanternas. Matava dois coelhos numa cajadada só. Se fazia de burro para comer farelo. Dava murro em ponta de faca. Apanhava mosca com vinagre. Queria que fizessem malha por malha uma cota de malha. De cavalo dado olhava sempre os dentes. Mudava de pau para cavaco. Botava em meio às verdes uma madura. Enchia de terra o fosso. Protegia a lua contra lobos. Se as nuvens caíssem, queria pegar passarinhos. Das necessidades fazia virtude. De um pão fazia sopa. Dava o mesmo valor para raspados ou carecas. Toda manhã chamava o Raul. Os cachorrinhos de seu pai comiam na sua tigela. Ele mesmo comia ali juntinho: mordida a orelha deles. Eles arranhavam

seu nariz. Assoprava no cu deles. Eles lambiam seus beijos.

Tu quer saber como é? Que o mal do tonel te tropique.
Aquele descaradinho sempre bolinava as governantas em cima, em baixo, em frente, atrás, upa upa jumentinho: já começava a exercitar a jeba. Essa que as governantas a cada dia enfeitavam com lindos buquês, lindas fitas, lindas flores, lindas coroas e passavam o tempo a fazê-la crescer nas mãos, que nem uma bisnaga de creme. Depois soltavam gargalhadas quando ela levantava as orelhas, como se gostassem da brincadeira.

Uma a chamava de “minha rolhinha”, outra de “meu alfinete”, outra de “meu galho de coral”, outra de “meu batoque, minha rolha, minha camba, meu boticão, minha broca, meu pingente, meu rude deleite duro e de leite, minha estaca, minha vininha vermelha, meu colhão em botão.

— É só minha, dizia uma.

— É minha, dizia outra.

— E eu (dizia outra) fico sem nada? Juro por Deus que vou cortar.

— Ah, cortar (dizia outra), isso faria mal para ele, senhora; se cortarem a coisa das crianças, ele viraria um Senhor Sempica.

E, para se divertir como qualquer criança do país, fizeram para ele um lindo cata-vento com as asas de um moinho de Mirebalais.

Crianças kids¹

Angélica Freitas

1.

criaçada correndo na rua
não tem mais, não tem mais
pedalando uma bicicleta
não tem mais, não tem mais

estão todas atadas a tablets
e os raios que saem da tela
fazem danos às cabecinhas
provocando-lhes comportamentos

curtos-circuitos neurais!

CRIANÇAS KIDS
CRIANÇAS KIDS
CRIANÇAS KIDS
CRIANÇAS KIDS

¹ [Nota da editora] A série de poemas *Crianças Kids* foi apresentada por Angélica Freitas (texto e voz) e Juliana Perdigão (guitarra, clarinete, sampler e voz) na 5ª edição do Zapoeta, em São Paulo, no dia 21 de julho de 2017, e no mesmo dia publicada num fanzine pela Única Banana Edições, selo das autoras da performance poética.

crianças de apartamento
 (mas não como nos anos 80)
 crianças superdotadas
 (mas não como nos anos 90)
 crianças tecnológicas
 (mas não como nos anos 2000)

não é tempo de retrocesso
 é tempo de CRIANÇAS KIDS
 CRIANÇAS KIDS CRIANÇAS KIDS

2.

PEPPA PIG, a babá de uma geração

se você achava ruim
 ver a PEPPA PIG
 pulando em pocinhas
 de galochinhas
 fazendo OINC

espere até ver
 o novo app
 que preparamos pra você
 com as notícias político-econômicas
 do país
 formuladas em linguagem SIMPLES
 pra qualquer criança entender

vai ficar a galerinha
 triste e macambúzia
 na hora do jantar
 soletrando NIETZSCHE
 com a sopa de letrinhas

— você quer mais massinha?
 — ah, não sei, mamãe
 — filhote, você está triste
 — é a corrupção no país
 — mas você tem só nove anos!
 — eu sei mamãe mas é que
 já não existe futuro pra mim
 no BRAZIL

CRIANÇAS KIDS CRIANÇAS KIDS
 NÃO É APENAS DIVERSÃO
 CRIANÇAS KIDS CRIANÇAS KIDS
 BAIXE O NOSSO APLICATIVO

MARCO AOS 11 ANOS (MARCO LIBERADO)

imagine um futuro não muito distante
em que os adultos insatisfeitos do mundo
poderão se rebelar bater no peito e gritar
que a idade é uma tirania
que é um conceito imposto pela sociedade
que é uma arma do capitalismo para nos levar
mais rapidamente até a morte
passando pelo maior número possível
de pedágios rodoviários

assim o senhor marco poderá tirar a gravata
abrir os primeiros botões da camisa e confessar
— eu sempre tive onze anos de idade!
e que sofreu terríveis opressões até galgar
ao mais alto escalão de sua empresa
a MARCO & FILHOS & OS FILHOS DESTES

o primeiro ato de marco aos 11 anos
será fazer xixi nas calças
o segundo ato de marco aos 11 anos
será gritar MANHÊ!
os funcionários ficarão perplexos
mas em poucos dias saberão atender
às suas novas necessidades

o filho mais velho de marco
um homem de trinta anos
rapidamente tomará o lugar do pai
na empresa
reprovando-o fortemente
enquanto a sociedade se organiza
para reprovar marco em uníssono
mas em casa, na solidão do banheiro
tem os mais loucos pensamentos

LOUCURA TOTAL, O GERENTE FICOU LOUCO
TROQUE SEU CACHORRO, TROQUE SEU CACHORRO
AS CRIANÇAS VOLTARAM AOS SINAIS
SERÁ UM SINAL?

dependendo de sua casta
no brasil
o conhecimento
de maior serventia
é o circense
saber administrar
bolas de borracha no ar
em frente a motoristas
impassíveis

se a vida te der limões
utilize limões

na falta de limões
o conhecimento
de maior serventia
dependendo de sua casta
é pôr a mão em concha
e pedir

olhando bem nos olhos
pensando lá no fundo
que grande filho da puta
ódio mútuo
separado
por uma lataria

A FAVOR! DA PROIBIÇÃO!
DAS ARMAS! (DE BRINQUEDO!)

proibiram as armas de brinquedo
e em seu lugar
venderam
tabletas iluminadas
com longos tutoriais
de ovos de chocolate
que contêm brinquedos
muito pequenos
passíveis de serem engolidos
por crianças com menos
de três anos de idade

mais de dois milhões
de views!
são vídeos
verdadeiramente educativos
em que aprendem
a descascar um ovo de chocolate
a partir um ovo de chocolate
e depois a recompensa:
brincar com a família inteira
da PEPPA PIG
(habilidades motoras, socialização
questões de gênero)

você poderá ficar tranquilo!
porque pelo menos
com a tableta
NINGUÉM SE MATA

divida o valor
da tableta iluminada
pelo valor
de uma babá!
e aprenderá a amar
os tutoriais
de ovos
de chocolate

NINGUÉM MORRE
NO BRAZIL
SEMPRE VEM ALGUÉM
EM SEU LUGAR
E TUDO FICA COMO ANTES

6.

bebê CORONEL
bem-vindo ao mundo
vamos cuidar bem
de você
não se preocupe
você nunca vai
morrer

bebê LATIFUNDIÁRIO
bem-vindo ao mundo
vamos cuidar bem
de você
não se preocupe
você nunca vai
morrer

bebê SENHOR DE ENGENHO
bem-vindo ao mundo
vamos cuidar bem
de você
não se preocupe
você nunca vai
morrer

no brasil ninguém morre
é sempre você
ocupando lugar

daqui a cem anos
será você
há cento e cinquenta
era você também

de certa forma
você nunca nasceu
nunca vai morrer

estive sempre zelando
pelos negócios da família
olhe álbuns de fotografia
não se vê?
era você
o tempo todo, bebê

bem-vindo ao brasil
você já é de casa
sugue a sua teta
você nunca vai morrer
dorme um pouco agora
há mais tetas pra você

7.

— criança tem direito a educação?
 — só algumas, só algumas
 — a livro, disco, diversão?
 — só algumas, só algumas
 — a trabalhar no chão da fábrica?

— AÍ CÊ TÁ FALANDO A MINHA LÍNGUA

CRIANÇAS PODEM TRABALHAR
 ELAS TÊM PERNAS E BRAÇOS, AFINAL
 CRIANÇAS PODEM TRABALHAR
 INDONÉSIA, ÍNDIA, PAQUISTÃO

CRIANÇAS PODEM TRABALHAR
 AQUI NÃO TEM PÁTRIA, SÓ PATRÃO
 CRIANÇAS PODEM TRABALHAR
 É SÓ MUDAR A CONSTITUIÇÃO

CRIANÇAS PODEM TRABALHAR
 TAILÂNDIA, CHINA E BRASIL!

8.

papai foi pro gabinete
 mamãe tá no celular
 papai é o presidente
 vai a todos nos ferrar

quer dizer, ferrar vocês
 porque eu vou estar
 bem longe daqui
 quando a farra acabar

com suas mãozinhas mostrou
 o mapa inteiro do brazil
 disse: “filho, isso tudo será seu”
 quero não

e ele disse: “mas por quê?
 tá cheio de mocinha pra você comer
 tá cheio de índio pra incendiar
 tá cheio de povo pra você fazer
 o que quiser, ha ha ha”

acho que papai tá gagá
 e mamãe tá sempre no celular

botaram tela na janela
 pra eu não cair
 nem me jogar
 como se eu pudesse morrer
 ou mudar de vida

pensei num logo bem bacana
 pro brazil
 papai sempre quer
 minha opinião

uma estrela de cinco pontas
e em cada ponta uma vela acesa
só não pode ser vermelha a estrela
que aí dá chabu

papai é o presidente
mamãe é primeira-dama
vai acabar com vocês tudo
eu vou morar em miami

pau! no cu! de vocês!

LA LA LA LA LA LA LA
LA LA LA LA LA LA LA

Lembranças de menino¹

Narcís Oller

Tradução de Rita Custódio e Àlex Tarradellas

Quando eu era pequeno, na minha aldeia reinava o selvagismo. O mau exemplo das guerras e transtornos que se seguiram, quase sem interrupções, do ano oito ao 45,² tinha habituado os meus conterrâneos a matarem-se, a roubarem a vida uns dos outros, às vezes por motivos insignificantes.

Eu tinha ouvido como pessoas sensatas consideraram como actos heróicos comportamentos abomináveis dos nossos bagageiros da guerra do ano oito, que acabavam de forma traiçoeira com a maior parte dos feridos franceses quando

1 [Nota dos tradutores] Este texto foi publicado pela primeira vez em *Notes de color* (1883). Nesta tradução usámos a edição das *Obres completes* (Barcelona: Selecta, 1948).

2 [N.t.] Referência à Guerra Peninsular (1808-1914), que começou com a entrada das tropas napoleónicas na Península Ibérica e levou ao trono o *bourbon* Fernando VII, e à Primeira Guerra Carlista (1833-1839), originada após a morte do rei e na qual se confrontaram os carlistas, partidários de colocar no trono Carlos de Bourbon, irmão do defunto, com os isabelinos, que pretendiam que o fizesse Isabel II.

os transportavam; e ainda me lembro da fruição com que se narravam as sangrentas vinganças e crueldades que a Guerra dos Sete Anos tinha promovido nas duas facções. Filhos e irmãos das vítimas ainda ali estavam para ouvir essas histórias e, no fundo do seu coração, ansiavam pela hora daquilo a que eles chamavam “fazer justiça”. Quando descobriam o alvo dos seus ódios, quando este menos o esperava, cravavam-lhe um punhal nas costas; restava o homem estendido no chão e a autoridade nunca conseguia descobrir o assassino. Se alguém tivesse visto o crime, calava-se: umas vezes por medo, outras por serem daqueles que tinham objectivos iguais; outras por uma estranha aberração do sentido moral que os levava a ter pena do assassino, tendo em conta que este tinha sofrido a perda de algum dos seus.

Estava tudo, então, num estado deplorável. Como a vila ainda não tinha candeeiros, metade do ano não podíamos sair à noite sem uma lanterna na mão; e era frequente termos de recuar, espantados, quando víamos, à luz da mesma, o corpo de um homem atravessado ao pé de uma esquina solitária. E, apesar disso, dormíamos com as portas abertas, sem sonhar-mos com ladrões, e passávamos os verões calmamente na nossa casa de campo, rodeada de bosques suficientemente bravios e desertos para que, de vez em quando, nos viesse visitar algum lobo. Lembro-me de ter ouvido os seus uivos, e de ter visto as pequenas luzes fluorescentes dos seus olhos a cintilarem, na escuridão da noite, desde a fresta por onde eu espreitava com a minha mãe, a tremer de medo, agarrado às suas saias.

Mas nem sequer esta impressão, que a hora e a imponente quietude da natureza adormecida deviam tornar mais aguda, me ficou tão profundamente gravada como aquela que agora vos vou descrever.

Morávamos na vila, numa casa antiga, grande; um verdadeiro casarão, com uma horta na parte de trás, que à noite se enchia do mistério com o qual a vegetação se envolve; com as suas adegas subterrâneas, grandiosas e de naves tão

altas que pareciam de igreja; com os seus celeiros e as suas águas-furtadas, panteão de lembranças onde iam parar todos os móveis velhos, formando fantásticos túmulos; com os seus corredores longos e escuros, e umas grandes escadas de pedra cujo candeeiro apenas iluminava um pequeno lanço. Nem é preciso dizer que a minha imaginação infantil, já suficientemente exaltada por histórias à volta da fogueira e arrepiantes episódios da própria vila, via fantasmas por todos aqueles espaços tenebrosos!

A minha família era numerosa e nela abundavam jovens, que, com o seu bom humor, atraíam em todos os serões uma grande tertúlia. Costumávamos jantar tarde e eu já tinha dormido a minha sesta em cima da *Aritmética* ou do *Fleury* quando entrava na sala de reuniões e, em plena visita, me entregava ao sono de corpo e alma, confortavelmente encolhido numa imensa poltrona almofadada com estofos antigos que me protegiam das correntes de ar. Por isso, quando íamos jantar, descia as escadas de braço dado com a minha mãe e mais disposto a sonhar do que a outra coisa. Chegávamos à sala de jantar do primeiro andar. Os meus familiares, ainda animados pela conversa dos tertulianos, sentavam-se alegremente em redor da comprida mesa, e eu aproximava-me dela com tantos arrepios de frio que nem sequer me apetecia tocar na louça e naqueles talheres de tão grande brilho. Por fim lançava-me à comida, e engolia tudo sem saborear nada, apenas à espera da bendita hora de ir para a cama, ou seja, de subir bem acompanhadinho aquelas grandes escadas e entrar no espaçoso andar com a garantia de que não me deixariam sozinho enquanto o anjo, a quem a minha mãe me fazia encomendar-me enquanto me despia, não viesse vigiar o meu sono. Só a ideia de poder acordar, abandonado no meio daquelas imensas salas escuras, deixava-me cheio de medo.

É preciso referir que, se, como disse antes, os da casa não se preocupavam se a porta da rua estava ou não aberta, eu, pelo contrário, todas as noites a tinha cravada no pensamento.

Ao sair para o patamar do primeiro andar, os meus olhos deslizavam involuntariamente até ao guarda-vento, que vislumbrava lá em baixo como a boca de um lobo, e a minha medrosa imaginação atravessava a espessura da madeira e já se via na rua, bem escura, ou apenas banhada pela azulada luz da lua, com os homens estendidos no chão, terrivelmente manchados de sombra, quando não colocava, para além do mais, nas esquinas, traidores embrulhados até aos olhos em ásperas mantas. Tudo isto aparecia na minha fantasia como num espelho à meia-luz. Eu tremia, acelerava o passo e fazia à minha bondosa mãe a pergunta de sempre:

— A porta já está fechada?

A interpelada repetia a pergunta com mais serenidade, e do fundo da grande sala que tínhamos deixado para trás costumava responder a voz grossa e sonolenta do mordomo:

— Já podem vir, minha senhora, já podem vir.

Nunca, nunca o ouvi dizer “sim” ou “não”!

Então, numa noite estávamos a jantar naquela grande mesa, talvez com maior animação do que era habitual graças à companhia do juiz, um bom amigo da família, jovem, que gostava de se retirar tarde e tentava prolongar o máximo possível a tertúlia. Como era um homem do mundo, de muito paleio e alegre, a sua conversa agradava a todos nós. Naquela noite estava tão inspirado que até me tinha conseguido acordar a mim, quando pouco antes estava bem adormecido na colossal poltrona. Talvez, pela primeira vez, eu achasse simpática a luz daquela lâmpada solar que iluminava a mesa, acrescentando mais brancura às toalhas e a quebrar-se em furta-cores dentro do líquido das taças.

Há algum tempo que não paravam de ecoar pela sala de jantar os risos do *hereu*³ (que estava à cabeceira da mesa), da

3 [N.t.] Filho primogénito de uma casa a quem se costumava deixar como herança a maior parte dos bens paternos.

minha mãe, dos meus tios, das minhas tias, ainda muito novas, quando, de repente, um golpe seco do guarda-vento a bater com fúria contra a parede lá de baixo interrompeu a voz de todos.

Olhámos uns para os outros sobressaltados, todos com olhares inquisitivos dirigidos para o biombo, o chão estremeceu, o biombo bateu, e apareceu ao pé de mim um homem desconhecido, amarelo, aterrado, manchado de sangue.

— Senhor, salve-me! Acabo de matar um homem! — disse com voz entrecortada, os olhos a saírem das órbitas, e sem ver, sem dúvida, mais ninguém a não ser o *hereu*.

Um guincho arrepiante das senhoras seguiu a sua horrível confissão, os homens saltaram todos das cadeiras, e eu, tomado por um violento tremor, encolhi-me nos braços da minha mãe, sem perder de vista aquele rosto desfigurado, que nunca mais esquecerei na minha vida.

Era um homem pequenino, atarracado, de feições rudes, lampinho, branco como a cera, com uma grande esmechada na têmpora esquerda que jorrava sangue por cima da orelha; este sangue gotejava-lhe pelo pescoço abaixo perdendo-se entre a espessa penugem do seu peito que espreitava pela abertura da sua camisa. Também tinha as mãos ensanguentadas, que pareciam de santo de pedra empoeirado, e a luta tinha deixado evidentes marcas de terra, sangue e rasgões na sua pobre roupa. A sua cabeça não estava coberta nem sequer por um mísero boné: parecia que aquele cabelo eriçado o atiraria para o chão. Mas o que mais me aterrorizava era aquele fio de sangue, aquele nariz aberto e franzido, aqueles olhos de gato encurralado, com uma expressão indefinível.

Um momento de hesitação, apenas, paralisou todos os homens. O juiz também se tinha levantado e pareceu fazer um movimento instintivo de agarrar o criminoso. O mais novo dos meus tios interpôs-se ao mesmo tempo que, por outro lado, chegava o *hereu*, pegava naquele desgraçado pela manga e desaparecia com ele, detendo a autoridade com um olhar imponente, avassalador.

Um minuto depois voltava a estar entre nós, alegando, com um olhar conciliador, os seus deveres de hospitalidade, que nem sequer ao criminoso sabia negar em momentos como aquele; e, compreendendo-o assim, o juiz esticou a mão para ele e apertaram-nas com força, e despediu-se com poucas palavras:

“Quem tinha estado ali até então era o amigo: o juiz não tinha visto nada; mas lá em baixo havia um cadáver, o juiz tinha de instruir o processo.”

E, sem acabar de jantar, sem ninguém saber onde é que o meu tio tinha escondido aquele desventurado, todos, mudos de terror, fomos desfilando para os quartos para não pregaros olho em toda a noite. Para mim, que longa, que tenebrosa foi! Queria tentar dormir, e entre o vazio da escuridão aparecia à minha frente aquele rosto de cera, aquele fio de sangue, aqueles olhos, aqueles olhos que me enchiam de medo!

Nem no dia seguinte, nem nunca mais, soube onde é que se escondeu aquele homem, nem sequer o tribunal, com todas as suas diligências, conseguiu apanhá-lo.

Ficou a dever a sua salvação à hospitalidade da minha casa, e nem ele me conhece, nem sei mais sobre ele do que aquilo que narrei. Porém, a sua cara apareceu-me tantas vezes nos sonhos que conseguiria desenhá-la para vocês; mas tenho a certeza de que, por melhor que o fizesse, ninguém conheceria o original: só podia ter uma fisionomia tão horrível naquela noite e, se a morte ainda não a devorou, o arrependimento deve tê-la apagado.

A restinga

Sebastião Edson Macedo

toco-te os dentros luzeiros
digo-te que a cachoeira
dura moleira das pedras mais lisas
nos risos
que o pessoal dá quando vem pro banho

você pega na minha mão e eu
pego pelo cacho da carreira d'água

tu aos miúdos cristais de alegria
pelas plantas palpitações

índigo depois
com a barriga estatelada no céu
pareço entender de borboletas

Umas Férias¹

Machado de Assis

Seleção e transcrição de Hélio Guimarães

¹ [Nota de Hélio Guimarães] Este texto foi transcrito de *Relíquias de Casa Velha*. 1ª ed. Rio de Janeiro: H. Garnier, 1906. Disponível em <https://tinyurl.com/grat3machado>. Escritor adulto, de narradores adultos, Machado de Assis raramente se aproxima da infância. As memórias dos primeiros anos, tanto do escritor como dos seus personagens, estão quase sempre mediadas pela visão tendenciosa e deformadora de narradores adultos, que recompõem o passado distante a partir dos interesses e precariedades do presente. Isso é muito notável em duas das suas narrativas mais conhecidas, *Memórias póstumas de Brás Cubas* e *Dom Casmurro*, em que os narradores, um morto, o outro já bem avançado na idade, revolvem entre as ruínas as peripécias infantis de um tempo longínquo. Nas narrativas curtas, o “Conto de escola” é a exceção mais conhecida e, talvez pela raridade do relato, foi muito utilizado pelos biógrafos para preencher as lacunas biográficas do escritor, que não deixou nenhum depoimento sobre seus primeiros anos de vida. “Umas férias”, escrito e publicado poucos anos antes da morte de Machado, é o outro conto em que ele se demora um pouco mais nas percepções da infância. A história é singela como devem ser as histórias tremendas: uma criança de dez anos é buscada na escola por um tio, e recebe, inesperadamente, a notícia da morte de seu pai. Machado capta o momento de silêncio e imobilidade de quem se compenetra da dobra no tempo em que a morte de alguém querido nos lança. Dali em diante nada será como antes, ainda que a vida siga seu curso, com suas distrações, perdas e alegrias sem férias.

Vieram dizer ao mestre-escola que alguém lhe queria falar.

— Quem é?

— Diz que meu senhor não o conhece, respondeu o preto.

— Que entre.

Houve um movimento geral de cabeças na direção da porta do corredor, por onde devia entrar a pessoa desconhecida. Éramos não sei quantos meninos na escola. Não tardou que aparecesse uma figura rude, tez queimada, cabelos compridos, sem sinal de pente, a roupa amarrotada, não me lembra bem a cor nem a fazenda, mas provavelmente era brim pardo. Todos ficaram esperando o que vinha dizer o homem, eu mais que ninguém, porque ele era meu tio, roceiro, morador em Guaratiba. Chamava-se tio Zeca.

Tio Zeca foi ao mestre e falou-lhe baixo. O mestre fê-lo sentar, olhou para mim, e creio que lhe perguntou alguma coisa, porque tio Zeca entrou a falar demorado, muito explicativo. O mestre insistiu, ele respondeu, até que o mestre, voltando-se para mim, disse alto:

— Sr. José Martins, pode sair.

A minha sensação de prazer foi tal que venceu a de espanto. Tinha dez anos apenas, gostava de folgar, não gostava de aprender. Um chamado de casa, o próprio tio, irmão de meu pai, que chegara na véspera de Guaratiba, era naturalmente alguma festa, passeio, qualquer coisa. Corri a buscar o chapéu, meti o livro de leitura no bolso e desci as escadas da escola, um sobradinho da Rua do Senado. No corredor beijei a mão a tio Zeca. Na rua fui andando ao pé dele, amiudando os passos, e levantando a cara. Ele não me dizia nada, eu não me atrevia a nenhuma pergunta. Pouco depois chegávamos ao colégio de minha irmã Felícia; disse-me que esperasse, entrou, subiu, desceram, e fomos os três caminho de casa. A minha alegria agora era maior. Certamente havia festa em casa, pois que íamos os dous, ela e eu; íamos na frente, trocando as

nossas perguntas e conjecturas. Talvez anos de tio Zeca. Voltei a cara para ele; vinha com os olhos no chão, provavelmente para não cair.

Fomos andando. Felícia era mais velha que eu um ano. Calçava sapato raso, atado ao peito do pé por duas fitas cruzadas, vindo acabar acima do tornozelo com laço. Eu, botins de cordovão, já gastos. As calcinhas dela pegavam com a fita dos sapatos, as minhas calças, largas, caíam sobre o peito do pé; eram de chita. Uma ou outra vez parávamos, ela para admirar as bonecas à porta dos armários, eu para ver, à porta das vendas, algum papagaio que descia e subia pela corrente de ferro atada ao pé. Geralmente, era meu conhecido, mas papagaio não cansa em tal idade. Tio Zeca é que nos tirava do espetáculo industrial ou natural. — Andem, dizia ele em voz sumida. E nós andávamos, até que outra curiosidade nos fazia deter o passo. Entretanto, o principal era a festa que nos esperava em casa.

— Não creio que sejam anos de tio Zeca, disse-me Felícia.

— Por quê?

— Parece meio triste.

— Triste, não, parece carrancudo.

— Ou carrancudo. Quem faz anos tem a cara alegre.

— Então serão anos de meu padrinho...

— Ou de minha madrinha...

— Mas por que é que mamãe nos mandou para a escola?

— Talvez não soubesse.

— Há de haver jantar grande...

— Com doce...

— Talvez dancemos.

Fizemos um acordo: podia ser festa, sem aniversário de ninguém. A sorte grande, por exemplo. Ocorreu-me também que podiam ser eleições. Meu padrinho era candidato a vereador; embora eu não soubesse bem o que era candidatura nem vereação, tanto ouvira falar em vitória próxima que a achei certa e ganha. Não sabia que a eleição era ao domingo, e o dia era sexta-feira. Imaginei bandas de música, vivas e palmas, e nós, meninos, pulando, rindo, comendo cocadas. Talvez houvesse espetáculo à noite; fiquei meio tonto. Tinha ido uma vez ao teatro, e voltei dormindo, mas no dia seguinte estava tão contente que morria por lá tornar, posto não houvesse entendido nada do que ouvira. Vira muita cousa, isto sim, cadeiras ricas, tronos, lanças compridas,

cenar que mudavam à vista, passando de uma sala a um bosque, e do bosque a uma rua. Depois, os personagens, todos príncipes. Era assim que chamávamos aos que vestiam calção de seda, sapato de fivela ou botas, espada, capa de veludo, gorra com pluma. Também houve bailado. As bailarinas e os bailarinos falavam com os pés e as mãos, trocando de posição e um sorriso constante na boca. Depois os gritos do público e as palmas...

Já duas vezes escrevi palmas; é que as conhecia bem. Felícia, a quem comuniquei a possibilidade do espetáculo, não me pareceu gostar muito, mas também não recusou nada. Iria ao teatro. E quem sabe se não seria em casa, teatrinho de bonecos? Íamos nessas conjecturas, quando tio Zeca nos disse que esperássemos; tinha parado a conversar com um sujeito.

Paramos, à espera. A ideia da festa, qualquer que fosse, continuou a agitar-nos, mais a mim que a ela. Imaginei trinta mil cousas, sem acabar nenhuma, tão precipitadas vinham, e tão confusas que não as distinguiu, pode ser até que se repetissem. Felícia chamou a minha atenção para dous moleques de carapuça encarnada, que passavam carregando canas, — o que nos lembrou as noites de Santo Antônio e S. João, já lá idas. Então falei-lhe das fogueiras do nosso quintal, das bichas que queimamos, das rodinhas, das pistolas e das danças com outros meninos. Se houvesse agora a mesma cousa... Ah! lembrou-me que era ocasião de deitar à fogueira o livro da escola, e o dela também, com os pontos de costura que estava aprendendo.

— Isso não, acudiu Felícia.

— Eu queimava o meu livro.

— Papai comprava outro.

— Enquanto comprasse, eu ficava brincando em casa; aprender é muito aborrecido.

Nisto estávamos, quando vimos tio Zeca e o desconhecido ao pé de nós. O desconhecido pegou-nos nos queixos e levantou-nos a cara para ele, fitou-nos com seriedade, deixou-nos e despediu-se.

— Nove horas? Lá estarei, disse ele.

— Vamos, disse-nos tio Zeca.

Quis perguntar-lhe quem era aquele homem, e até me pareceu conhecê-lo vagamente. Felícia também. Nenhum de nós acertava com a pessoa; mas a promessa de lá estar às nove horas dominou o resto. Era festa, algum baile, conquanto às nove horas costumássemos ir para a cama. Naturalmente, por

exceção, estaríamos acordados. Como chegássemos a um rego de lama, peguei da mão de Felícia, e transpusemo-lo de um salto, tão violento que quase me caiu o livro. Olhei para tio Zeca, a ver o efeito do gesto; vi-o abanar a cabeça com reprovação. Ri, ela sorriu, e fomos pela calçada adiante.

Era o dia dos desconhecidos. Desta vez estavam em burros, e um dos dous era mulher. Vinham da roça. Tio Zeca foi ter com eles ao meio da rua, depois de dizer que esperássemos. Os animais pararam, creio que de si mesmos, por também conhecerem a tio Zeca, ideia que Felícia reprovou com o gesto, e que eu defendi rindo. Teria apenas meia convicção; tudo era folgar. Fosse como fosse, esperamos os dous, examinando o casal de roceiros. Eram ambos magros, a mulher mais que o marido, e também mais moça; ele tinha os cabelos grisalhos. Não ouvimos o que disseram, ele e tio Zeca; vimo-lo, sim, o marido olhar para nós com ar de curiosidade, e falar à mulher, que também nos deitou os olhos, agora com pena ou cousa parecida. Enfim apartaram-se, tio Zeca veio ter conosco e enfiámos para casa.

A casa ficava na rua próxima, perto da esquina. Ao dobrarmos esta, vimos os portais da casa forrados de preto, — o que nos encheu de espanto. Instintivamente paramos e voltamos a cabeça para tio Zeca. Este veio a nós, deu a mão a cada um e ia a dizer alguma palavra que lhe ficou na garganta; andou, levando-nos consigo. Quando chegamos, as portas estavam meio cerradas. Não sei se lhes disse que era um armarinho. Na rua, curiosos. Nas janelas fronteiras e laterais, cabeças aglomeradas. Houve certo rebuliço quando chegamos. É natural que eu tivesse a boca aberta, como Felícia. Tio Zeca empurrou uma das meias portas, entramos os três, ele tornou a cerrá-la, meteu-se pelo corredor e fomos à sala de jantar e à alcova.

Dentro, ao pé da cama, estava minha mãe com a cabeça entre as mãos. Sabendo da nossa chegada, ergueu-se de salto, veio abraçar-nos entre lágrimas, bradando:

— Meus filhos, vosso pai morreu!

A comoção foi grande, por mais que o confuso e o vago entorpecessem a consciência da notícia. Não tive forças para andar, e teria medo de o fazer. Morto como? morto por quê? Estas duas perguntas, se as meto aqui, é para dar seguimento à ação; naquele momento não perguntei nada a mim nem a ninguém. Ouvi as palavras de minha mãe, se repetiam em mim, e os seus soluços que eram grandes. Ela pegou em nós e arrastou-nos para a cama, onde

jazia o cadáver do marido; e fez-nos beijar-lhe a mão. Tão longe estava eu daquilo que, apesar de tudo, não entendera nada a princípio; a tristeza e o silêncio das pessoas que rodeavam a cama ajudaram a explicar que meu pai morrera deveras. Não se tratava de um dia santo, com a sua folga e recreio, não era festa, não eram as horas breves ou longas, para a gente desfiar em casa, arredada dos castigos da escola. Que essa queda de um sonho tão bonito fizesse crescer a minha dor de filho não é cousa que possa afirmar ou negar; melhor é calar. O pai ali estava defunto, sem pulos, nem danças, nem risadas, nem bandas de música, cousas todas também defuntas. Se me houvessem dito à saída da escola por que é que me iam lá buscar, é claro que a alegria não houvera penetrado o coração, donde era agora expelida a punhadada.

O enterro foi no dia seguinte às nove horas da manhã, e provavelmente lá estava aquele amigo de tio Zeca que se despediu na rua, com a promessa de ir às nove horas. Não vi as cerimônias; alguns vultos, poucos, vestidos de preto, lembra-me que vi. Meu padrinho, dono de um trapiche, lá estava, e a mulher também, que me levou a uma alcova dos fundos para me mostrar gravuras. Na ocasião da saída, ouvi os gritos de minha mãe, o rumor dos passos, algumas palavras abafadas de pessoas que pegavam nas alças do caixão, creio eu: — “vire de lado, — mais à esquerda, — assim, segure bem...” Depois, ao longe, o coche andando e as segas atrás dele...

Lá iam meu pai e as férias! Um dia de folga sem folguedo! Não, não foi um dia, mas oito, oito dias de nojo, durante os quais alguma vez me lembrei do colégio. Minha mãe chorava, cosendo o luto, entre duas visitas de pêsames. Eu também chorava; não via meu pai às horas do costume, não lhe ouvia as palavras à mesa ou ao balcão, nem as carícias que dizia aos pássaros. Que ele era muito amigo de pássaros, e tinha três ou quatro, em gaiolas. Minha mãe vivia calada. Quase que só falava às pessoas de fora. Foi assim que eu soube que meu pai morrera de apoplexia. Ouvi esta notícia muitas vezes; as visitas perguntavam pela causa da morte, e ela referia tudo, a hora, o gesto, a ocasião: tinha ido beber água, e enchia um copo, à janela da área. Tudo decorei, à força de ouvi-lo contar.

Nem por isso os meninos do colégio deixavam de vir espiar para dentro da minha memória. Um deles chegou a perguntar-me quando é que eu voltaria.

— Sábado, meu filho, disse minha mãe, quando lhe repeti a pergunta imaginada; a missa é sexta-feira. Talvez seja melhor voltar na segunda.

— Antes sábado, emendei.

— Pois sim, concordou.

Não sorria; se pudesse, sorriria de gosto ao ver que eu queria voltar mais cedo à escola. Mas, sabendo que eu não gostava de aprender, como entenderia a emenda? Provavelmente, deu-lhe algum sentido superior, conselho do céu ou do marido. Em verdade, eu não folgava, se lerdas isto com o sentido de rir. Com o de descansar também não cabe, porque minha mãe fazia-me estudar, e, tanto como o estudo, aborrecia-me a atitude. Obrigado a estar sentado, com o livro nas mãos, a um canto ou à mesa, dava ao diabo o livro, a mesa e a cadeira. Usava um recurso que recomendo aos preguiçosos: deixava os olhos na página e abria a porta à imaginação. Corria a apanhar as flechas dos foguetes, a ouvir os realejos, a bailar com meninas, a cantar, a rir, a espancar de mentira ou de brincadeira, como for mais claro.

Uma vez, como desse por mim a andar na sala sem ler, minha mãe repreendeu-me, e eu respondi que estava pensando em meu pai. A explicação fê-la chorar, e, para dizer tudo, não era totalmente mentira; tinha-me lembrado o último presentinho que ele me dera, e entrei a vê-lo com o mimo na mão.

Felícia vivia tão triste como eu, mas confesso a minha verdade, a causa principal não era a mesma. Gostava de brincar, mas não sentia a ausência do brinco, não se lhe dava de acompanhar a mãe, coser com ela, e uma vez fui achá-la a enxugar-lhe os olhos. Meio vexado, pensei em imitá-la, e meti a mão no bolso para tirar o lenço. A mão entrou sem ternura, e, não achando o lenço, saiu sem pesar. Creio que ao gesto não faltava só originalidade, mas sinceridade também.

Não me censurem. Sincero fui longos dias calados e reclusos. Quis uma vez ir para o armário, que se abriu depois do enterro, onde o caixeiro continuou a servir. Conversaria com este, assistiria à venda de linhas e agulhas, à medição de fitas, iria à porta, à calçada, à esquina da rua... Minha mãe sufocou este sonho pouco depois dele nascer. Mal chegara ao balcão, mandou-me buscar pela escrava; lá fui para o interior da casa e para o estudo. Arrepelei-me, apertei os dedos à guisa de quem quer dar murro; não me lembra se chorei de raiva.

O livro lembrou-me a escola, e a imagem da escola consolou-me. Já então lhe tinha grandes saudades. Via de longe as caras dos meninos, os nossos gestos de troça nos bancos, e os saltos à saída. Senti cair-me na cara uma daquelas bolinhas de papel com que nos espertávamos uns aos outros, e fiz

a minha e atirei-a ao meu suposto espartador. A bolinha, como acontecia às vezes, foi cair na cabeça de terceiro, que se desforrou depressa. Alguns, mais tímidos, limitavam-se a fazer caretas. Não era folguedo franco, mas já me valia por ele. Aquele degredo que eu deixei tão alegremente com tio Zeca, parecia-me agora um céu remoto, e tinha medo de o perder. Nenhuma festa em casa, poucas palavras, raro movimento. Foi por esse tempo que eu desenhei a lápis maior número de gatos nas margens do livro de leitura; gatos e porcos. Não alegrava, mas distraía.

A missa do sétimo dia restituiu-me à rua; no sábado não fui à escola, fui à casa de meu padrinho, onde pude falar um pouco mais, e no domingo estive à porta da loja. Não era alegria completa. A total alegria foi segunda-feira, na escola. Entrei vestido de preto, fui mirado com curiosidade, mas tão outro ao pé dos meus condiscípulos, que me esqueceram as férias sem gosto, e achei uma grande alegria sem férias.

Minha pessoa criança

Alberto Lins Caldas

- algo assim foi dito •
- assim como se minha pessoa não •
- fosse a criança q é •
- mas velho aos pedaços e maçante •
- um cavalo destroçado •
- e nu •
- esperando não sua mamadeira quente •
- sempre bem quente o peito •
- cheio da mãemamãe •
- de minha pessoa q chora •
- não de fome não de solidão não •
- chora porq disseram q minha pessoa •
- é um velho q morre sem saber quem é •
- velho aos pedaços inutil e podre •
- esperando so a morte •
-
- algo assim foi dito •
- mas minha pessoa não acredita •
- ha o berço os lençõis minusculos •

- ha tudo isso q cerca as crianças •
- mas minha pessoa sabendo disso •
- sente q não poderia saber •
- se fosse criança dessa maneira •
- q minha pessoa sabe •
- se fosse assim •
- é bem possivel q minha pessoa seja •
- mesmo um velho q morre um cavalo •
- desconjuntado jogado pra morrer •
-
- isso é muito triste •
- mas se minha pessoa for uma criança •
- ou um velho nada pode fazer •
-
- algo assim foi dito •
- sabe agora q foi pura perversidade •
- se fosse criança não diriam isso •
- mas crianças podem sonhar o horror •
- de tal velhice o horror do cavalo •
- a loucura a dor de ser jogada •
- no lixo diz minha pessoa pra seu urso •
- de pelucia ?ou sera apenas uma cabeça •
- de cavalo quase morto •
-
- quase respirando como respiram •
- os q vão morrer isso uma criança não •
- sabe não deveria saber •

- quem sabe minha pessoa não é mesmo •
 - isso q ta morrendo ou numa vala •
 - um cavalo ou um velho na sala •
-
- algo assim foi dito •
- mas ontem minha pessoa criança andou •
- pelas ruas de braços dados com o amigo •
- tambem criança vendo as ruas as mulheres •
 - as bolas de gude a terra batida os olhos •
 - as bocas os espirros as ruas as ruas •
- o rio !olha o rio gordo demais cheio •
- de lama cheio de infinitas tartarugas •
- boiando entre o verde e a lama tão negra •
- ainda ontem ontem mesmo quase agora •
 - minha pessoa e seu amigo andaram •
 - pela cidade antiga pela cidade •
- q olha pra minha pessoa e seu amigo •
 - como olham pras tartarugas no rio •
 - entre lama tão negra e agua tão suja •
-
- algo assim foi dito •
- como se minha pessoa tivesse dançando •
 - num lugar cheio de luzes •
- com madames com cães sob as mesas •
- com homens imensos nas saidas e escadas •
- minha pessoa criança dança com madame •

- q olha nos olhos de minha pessoa criança •
- dizendo das *ist das leben das die schrecken* •
- de repente minha pessoa criança sabe •
- q isso não é nada q isso é sem sentido •
- mas continua dançando com madame olhando •
 - os peitos imensos de madame •
- como se madame fosse mãemamãe de minha •
 - pessoa porisso minha pessoa se desespera •
 - e nua rola no berço rola na sala rola na vala •
-
- algo assim foi dito •
- porisso minha pessoa ta perturbada demais •
 - deve dormir ou ate mesmo morrer •
- minha pessoa não sabe mais quem é •
- não sabe mais quem foi ou quem sera •
- mas isso é de todos não de minha pessoa •
- ser criança um velho q morre um cavalo •
 - q morre faz parte diz minha pessoa •
 - pro urso de pelucia ou pra cabeça •
- do cavalo q morre rindo porq minha pessoa •
- sabe mesmo sem dever saber se for criança •
 - q morrer faz parte mas minha pessoa •
- não sabe se é gente se é cavalo minha pessoa •
- criança quase dormindo so sonha sonhando •
- com mãemamãe e seu leite pra minha pessoa •

Lekh Lekho¹

Simkha Bunim Shayevitch

Tradução de Hanna Deutscher

לך לך...

און אצינד בלימעלע, קינד-לעב,
צוים דיין קינדערישע פרייד-
ס קוועקזילבערדיקע טייכל אין דיר-
און צום אומבאקאנטן וועג לאַמיר זיין גרייט.

שטעל נישט דייע גרויסע בריווע
אויגענעס אויף מיר נייגעריק אויס
און פרעג נישט פאָרווען און פאָרוואָס
מיר מוזן פאָרלאָזן אונדזער הויז

איך אַליין בין שוין, קינד-לעב שיינס,
אַ מענטש דערוואקסן און שוין גרויס
און ווייס אויך נישט, פאָרוואָס מען טרייבט
דעם פויגל פון זיין נעסט ארויס.

¹ [Nota da tradutora] Escrito no gueto de Lodz em fevereiro de 1942, e publicado pela primeira vez em ídiche após a guerra pela Comissão Histórica Judaica em *Lekh-lekho* [Go forth]. Ed. Nachman Blumenthal. Lodz: Central Jewish Historical Commission, 1946. Para esta publicação foi utilizada a edição online, acessível em: <http://tinyurl.com/grat3shayevitch>

E assim Blimele, minha criança,
extingue sua alegria infantil
a temperamental correnteza em você,
e para a estrada desconhecida vamos nos aprontar.

Não pouse seus grandes escuros olhos,
cheios de curiosidade sobre mim,
não me pergunte a razão e o por que
temos que deixar nosso lar

eu mesmo que sou, criança adorada,
um homem já feito e crescido
igualmente não sei por que os homens
expulsam os pássaros de seus ninhos.

האַלט-אין דיינע זיסע צארטע
געלעכטערלעך- זילבערנער געקלאנג
פון פאַרצייטישע בשמים-ביקסלעך-
און טו דיר אַן צום צווייטן אַנגג .

טו-אַן די פאַר וואַרימע הייזלעך,
וואָס ס האָט דיר צורעכטגעמאכט
די מאַמע ערשט נעכטן ביינאַכט
און דערביי געזונגען און געלאַכט

און נישט געוואוסט, אַן די שטוב הערט
שוין איר לעצט פריילעך געלעכטער,
ווי די קו וואָס מעקעט און ווייסט נישט
פון חלף אין האַנט פון שעכטער.

טו-אַן, קינד, דאָס בלויע יאַקעלע,
וואָס כאַטש אַ ברעג האָט זיך אַנגעברענט
ביים טרוקענען אויף דער רער- וועט עס דיר
וואַרימען דאָרט אין דער קאַלטער פרעמד

און אַפּהיטן דיינע לונגעלעך,
אז זיי זאָלן זיין שטאַרק און געזונט.
און זיך חלילה נישט צוקילן
ביי ליאַדע פרעסטל ביים מינדסטן ווינט.

די פֿראַסט דרויסן סמאַליעס, ברענט, ברייט,
נעמט אַרום מיט אַן אייזערנע רייף
-נו, פאַרפלעכטן וועט דיר די מאַמע
די צעפעלעך מיט אַ רויטע שליף.

די פֿראַסט דרויסן גלייט, פֿלאַמט, שטאַלט דעם גוף.
און דער באַראַמעטער ווייזט נאַכצ גראַד-
נו, כ'האַב פאַר דיר קינד-לעב אויסגעזוכט
ס'גאַלדן בענדל מיט טראַלדון פון זייד.

Guarde dentro de si sua doce
risadinha — som de prata
de antigos unguentos
e se apronte mais uma vez

coloque o par de ceroulinhas
que, para você, sua mãe
remendou na noite passada
enquanto ria e cantarolava

e sem saber, no apartamento ecoaria
esse seu último riso de alegria,
como o gado que muge desavisado
da faca nas mãos do açougueiro.

Ponha, criança, a sua jaquetinha azul,
que apesar de ter uma beirada queimada
pelo calor do aquecedor — vai lhe servir e
lhe aquecer lá no frio do desconhecido

e protegerá seus pulmõezinhos,
para que eles permaneçam fortes e saudáveis
e você, se Deus quiser, não se resfrie
por causa de qualquer vento encanado.

O frio lá fora queimou, castigou, corroeu
acomodou-se com um anel de ferro
— vá, a mãe irá amarrar para você
as trancinhas com um arco vermelho.

O frio lá fora brilhou, flamejou, tomou conta,
e o termômetro marca menos sete graus.
E eu, escolhi para você criança querida
a fita dourada com o adorno de seda.

שטעל- נישט דיינע גרויסע ברוינע
 אויגענעס אויף מיר אזוי אויס
 און פרעג נישט פארווען און פארוואס
 מיר מוזן פון אונדזער שטוב ארויס

און און זיך אין ווייטע, ווייטע
 אומבאקאנטע פארשנייטע וועגן
 און אונשטאט א דארף, א שטאט
 זאל דער פחד קומען אקעגן.

און זיין ווי מיסט צום מיסטן, צוגעגרייט
 צו אלערליי, אלערליי פלאגן,
 און אט דא ווי היינט געכטיקן
 אט דארט נישט מארגן טאגן.

און נישט חאבן קיין ידיעה
 וואס דיך אין ווייטן וועג דערווארט:
 צי א ווארעם בעט צום שלאפן,
 צי א גאלן דיל - קאלט און הארט

צי א טעפל ווארימע קאווע
 און א שטיקל ברויט מיט זאלץ באשיט,
 צי גאר לעבעדיק, א לעבעדיק
 און ברידער-קברים פארשיט.

שטעל נישט דיינע גרויסע, ברוינע
 אויגענעס אויף מיר אויס מיט ושחיד,
 וואס אין א פראסטן מיטוואך מאך איך
 דעם פרייטיק צונאכטיקן קידוש.

Não pouse seus grandes escuros olhos
 sobre mim assim como o faz,
 e não pergunte a razão e o por que
 nós precisamos deixar nosso lar

e lançarmo-nos além, além
 na desconhecida estrada de neve
 e ao contrário de um vilarejo, de uma cidade
 deve vir de encontro o medo.

E seremos como esterco ao esterco, prontos
 pro que vier, pra aflição que vier,
 e como será a noite de hoje
 não será a do dia de amanhã.

E não ter ideia alguma
 mas assim como você, na vasta estrada adiante:
 prepare uma cama quente para dormir,
 prepare um chão vazio, frio e duro

prepare um pouco de café
 e um pedaço de pão coberto com sal,
 prepare toda a vida em ti, ah a vida
 e cubra nossos irmãos de túmulo.

Não pouse seus grandes escuros olhos
 sobre mim como que surpresos,
 como se eu fizesse em uma quarta-feira
 o *kidush*¹ do anoitecer de sexta.

1 [N.t.] Bênção recitada no Shabbat.

דאָס מאַך איך קידוש: "יום השישי"
איבער אונדזער היימישער נעסט,
און זאָג מיט פרייד: "שלום עליכם"
צו די צוויי מלאכים-געסט

וואָס באַגלייטן מיט און גייען
אומעטום מיט מיר מיט זייט ביי זייט,
און וויינען-מיט מיט מיין געוויין,
און פרייען זיך מיט מיין פרייד.

די צוויי מלאכים-געסט- ווער זענען?
נו, טרעף שנעל ווי אויסן בויגן די פייל-
דאָס ביסטו דאָך בלימעלע קינד-שיינס,
און דיין מאַמע- די אשת חייל

וואָס אין איר געמיט רוט תמיד
דער שבת כאַטש ס'פנים רכמורעטפאַ,
ווי ס'רוט די זון אונטערן וואַלקן
אין רעגן-טאָג, ווען דער הימל - פאַרכמורעט.

און כאַטש אין באַקאָנטן געטאַ-מקום
האַט זיך אונדזער נעסט געפֿונען
און אַ זילבער-שנייאיק געוועב
האַט די פראַסט-שפין פֿאַרשפינען

דורך די דינע, הילצערנע ווענטלעך
פון אונדזער ענג נישט געהייצט צימער
און ווי ווייס-טויטע הענט געשראַקן
מיט איר קאַלט-אומהיימלעכן שימער

Assim faço eu o *kidush*: "yom hashishi"
sobre nosso acolhedor lar,
e digo com satisfação: "*sholem aleichem*"
aos dois anjos visitantes

que me acompanham e seguem comigo
por todo o canto lado a lado,
e choram com as minhas lágrimas,
e alegram-se com a minha felicidade.

Os dois anjos visitantes — onde estão?
Viajam rápido como flecha atirada.
Cá está você Blimele, minha linda criança,
e sua mãe — louvada mulher

de quem a resignação guia toda vez
o *Shabes*.² Apesar de seu rosto sombrio,
como o sol que repousa sob as nuvens
em um dia chuvoso, de céu carregado.

E mesmo dentro deste gueto
veio a encontrar nosso lar,
e uma branco-prateada teia
a aranha da neve teceu

através das finas paredinhas de madeira
do nosso minúsculo quarto sem aquecimento,
e como mão pálida e morta assombra
com seu brilho sinistro e frio.

2 [N.t.] Shabbat ou sábado. Dia guardado pelos judeus, representa o descanso após os outros seis dias da criação do mundo.

און כאַטש דער הונגער און די זאַרג
האַבן געבויגן דעם רוקן
און שרעק- אַן אַרומשפּרינגענדע זשאַבע-
צעגראַבן ס'פנים ווי ביי אַ זקן -

נדן צוגעבו צו אונדזער ווינקל
זענען מיר מיט טויזנטער שטריק
און אין אונדזער האַרץ ברענט דאָס פּייער
און פּלאַטערט דער חלום פון גליק

ווי די גאַלדענע זאַטע זשאַרנע
אינעם שנעבעלע פון פּויגל
איז דער חלום אונדזער שפּייזער
אַ זוניק בראַנזן האַניק-טייגל,

וואָס כאַטש נישט איינמאַל האַבן מיר זיך
אַנטוישט און ביטער גענאַרטאַפּ-
האַט ער דעסטוועגן געגעבן כח
און מיר האַבן אויף בעסערס געוואַרט.

און אַצינד בלימעלע קינד-לעב
הער אויף... נו, הער שוין אויף צו שטיפּן...
נישט קיין פּאַסיקע צייט איצט דערויף-
מען קאָן אונדז יעדע מינוט רופּן...

צו פּערלאַזן די אַרעמע היים-
אַן עלנט שיפל אויפן אינדזל פון זאַמד
און שליידערן אונדז אין מיטן
נאַקעט צעבושעוועטן ים.

אַט דרויסן שלעפּן זוך שוין פּאַרביי
די ערשטע גרופן איןפּן וואַנדער-

E apesar da fome e da preocupação
terem curvado nossas costas
assustado, um sapo pula
de cá pra lá como uma peça de xadrez.

Atados ao nosso lar querido
tornamo-nos com milhares de cordas
e no nosso coração queima o fogo
e o sonho por felicidade arde

como um bom agouro
o bico de um passarinho,
no sonhar está nosso sustento,
um delicioso e dourado *teigl*³ de mel,

mesmo nós não tendo nenhuma vez nos
enganado e amargamente iludido —
Ele contudo nos deu a força
e esperamos pelo melhor.

E assim Blimele, criancinha
ouça aqui... ouça bem até cansar...
agora não nos resta mais tempo suficiente
eles podem nos chamar a qualquer minuto

e esquecer nosso pobre lar —
Um barco solitário em uma ilha de areia
partido pela metade
em um ataque de fúria do mar.

Lá fora já passou o transporte
do primeiro grupo em marcha

3 [N.t.] Sobremesa feita de massa assada coberta de mel, servida no Rosh Hashana.

פרויען, מענער, וקנים, אויף רוקנס-
משאות שווערע, אויף הענט- קינדער.

זייערע פארבאבלטע פנימער
זענען פון שאַנד און אַסטפר שיכור-רויט,
זייערע שריט- פאַרחלשט-וואַקלדיק,
מיט בליקן-פאַרמשפטע צום טויט.

נאָר אויף דעם חורבן איז נישטאָ
ירמיה וואָס זאָל קלאַגן איכה,
ער גייט נישט מיט מיט זיי און גלוח
צום טרייסט ווי ביי די בבל טייכן

און שטעל נישט קינד-לעבן אויף מיר אויס
דיינע אויגן מיט שדיקחידו געפרעג
פאַרוואָס גייען בלויז אַרעמעלייט
און די זאַטע וווּ צום ווייטן וועג?

ווייס, קינד- "עולם-וועלט, עולם-אייביק" -
ס'ווערטל פון חכם אַ באַוווסטן-
כ'האַב דאָך דיר שוין דערציילט די מעשה-
די מעשה מיט די קאַנטאַניסטן.

...אַרעמע קינדער געכאַפט און פון
טאַטע-מאַמע עקגעריסן אַוו
טאַ וואָס זשע קינד ווונדערסטו זיך,
אַז יענע צייט לאַזט די געטאַ גריסן...

און מיר מוזן נעמן אין האַנט
דעם אַלטן וואַנדער-שטעקן און גיין
און נישט וויסן וווּ ס'וועט אַהינקומען
אונדזער אַרעם און קראַנק געביין

mulheres, homens, velhos. Na parte de trás —
fardos pesados nas mãos — crianças.

Seus rostos babelizados
são de vergonha e corados do frio,
seus passos — insensíveis, arruinados,
com os olhares condenados à morte.

Apenas nessa catástrofe não há
visão que Jeremias possa lamentar,
eles seguem inconsoláveis em diáspora
como se para a torre de Babel.

Não pouse sobre mim, criancinha
seus olhos cheios de perguntas surpreendentes
por que são apenas os pobres
os que seguem o caminho até o fim?

Saiba criança — Deus a tudo vê,
o provérbio dos sábios, um bem conhecido.
Eu já te contei essa história
a história com os cantonistas,⁴

pobres crianças capturadas e
de pai e mãe levados pra longe
e aqui você se espanta criança,
como aqueles tempos mandam lembranças ao gueto...

E nós teremos que tomar em mãos
o velho cajado da andança e ir,
e não saber onde ele levará
nossos pobres e doentes ossos

4 [N.t.] Crianças obrigadas a serem alistadas para treinamento militar na Rússia czarista. Os judeus deveriam cumprir uma cota maior de crianças enviadas que os demais.

צי מיר וועלן קומען ערגעץ
און דערגיין אויף אן פרוץ-אַרט
און מענטשן וועלן אויסשטרעקן
הענט פריינטלעכע מיט אַ גיט וואָרט

צי ווי פייגל קראַנקע, וואָס בלייבן
ליגן טויט אין פעלד ערגעץ אין אַ טאַל
וועלן מיר אויסגיין אין מיטן וועג-
נישט קומען צו קבר ישראל.

און סעודות וועלן זיך די ראַבן
אַכּן פון אונדזערע גופים
און אַז זאַט וועט ווערן איין טשאַטע
וועט זי דאַן די צווייטע רופן.

וויין נישט טייער קינד, וויין נישט! ס'לעבן
און טאַקע שיין און ס'ציט ווי מאַגנעט
און נאָך מער ווי תמיד און נאָך מער
ווי אומעטום ציט ס'אויף נאָך דער געטאַ.

ווייס אַבער- דער זינדיקער מענטש
מוז תמיד זיין מוכן ומזומן
ס'י צום רעשיק פאַרביק לעבן.
ס'י צום וויסטן טרויעריק אומקומען.

אַט זעסטו- פאַק איך איין דעם טלית
און דעם קיטל אויף תכריכים
און אויך דאַס קליינע, רויטע תנכל
און לייוויקס לידער אויף צייט פון מנוחה.

será que a nós virá um outro destino,
e chegará o momento de um lugar de repouso.
E pessoas irão estender as mãos
amigavelmente e dizer palavras boas

será que como pássaros doentes, que caem
mortos em algum lugar num campo
iremos nós nos extinguir no meio do caminho —
sem jamais alcançarmos nosso túmulo prometido.

E banquetes prepararão os corvos
de nossos corpos
e ao se saciar do primeiro
demandarão pelo segundo.

Não chore, criança querida, não chore.
A vida é muito bonita e atraída como ímã.
Mais uma vez, como sempre, mais uma vez
como em toda parte, atraia-a também ao gueto.

Mas saiba — O pecador homem
precisa sempre se fazer pronto,
seja a uma vida de pedras coloridas
seja para perecer em um deserto de tristeza.

Você observa, eu embrulho o *Talis*⁵
e o *kittel*⁶ com o *Takhrikhin*⁷
assim como a pequena *Tanakh*⁸ vermelha
e os poemas de Leivick para o tempo livre.

5 [N.t.] Xale utilizado para oração.

6 [N.t.] Túnica branca de linho utilizada como mortalha. Também usada em algumas celebrações.

7 [N.t.] Manto branco de linho usado para envolver o corpo dos falecidos.

8 [N.t.] Conjunto dos 24 principais livros sagrados do judaísmo.

און די קינד- נעם מיט ס'שטיקעלע זייף
צוואַשן אויס דיר אַ העמדל-
ריין מוז מען זיך האַלטן אין דער היים
און נאָך מער און דער פרעמדער פרעמד.

פאַרגעס אויך נישט מיצונעמן
ס'ניסן קעמל ס'ווייסע און געדאַכטע-
דאָס קעפעלע וועט דיר די מאַמע
אַפקעמען יעטוועדן פאַרנאַכט

און זען און אַכטונג געבן אויף דיר
זאַלסט חלילה נישט ווערן פאַרלוזט
און זינגען דיר: "ביבל, ביבל
לייזעלע" און דיר האַלטן אויף איר שויס

און דיר דערציילן מעשהלעך
פון אַמאָל. וואָס ענדלען צום היינט
און זי וועט אַליין זיין ירמיה,
וואָס טרייסט אַלעמען כאַטש ס'האַרץ שרעקט און וויינט.

און אַצינד בלימעלע קינד-לעב
ווייז ישטן דיינע ווייסע ציין אַרויס-
צום געזעגענען זיך מיט דער שטוב
געבליבן צייט איצט פאַר אונדז בלויז

טאָ לאַמיר זיך געזעגענען
מיט אַלעס וואָס אונדז איז ליב און טייער!
מיט יעדער קלייניקייט וואָס מיר לאָזן
דאָ איבער און ס'לויפט אונדז נאָך ווי פייער.

מיט דער בענקשאַפט וואָס אַריינגעהויכט
אין איטלעכער זאָך ס'האַט מיין לונג
און וואָס האַפּט אונדז ווי אַ הינטל
סיי ווי אומעטום נאָך טריי און פלינק.

E você criança, leve com você a barra de sabão
para lavar suas blusinhas —
limpas as pessoas devem se manter em casa,
mais limpas ainda no exterior desconhecido.

Também não se esqueça de apanhar
o seu pente branco —
a cabecinha pra você a mãe irá
pentear todas as noites

e irá cuidar e olhar por você
pra evitar que, Deus não permita, você se perca
e te cantará uma canção
enquanto a abraça em seu colo

e te contará historinhas
de outros tempos que se estendem a hoje
e ela será o próprio Jeremias,
que conforta a todos apesar do coração em pranto.

E assim Blimele, criança amada
não ponha esses seus dentinhos brancos à mostra —
podemos permanecer com a casa
apenas pelo tempo que nos sobra

assim, por agora vamos permanecer
com tudo que a nós é querido,
cada pequena coisa que nós deixaremos,
e nós estaremos marcados como fogo.

Com a nostalgia que sopra
em cada coisa há o meu coração
e ele palpita como um cachorrinho
como em toda parte, ainda assim esperançoso e ágil.

מיט די נישט דערזינגענע געזאנגען,
וואָס פלאַטערן דאָ אַרום אין שטוב
און לויפן פאַרויס און גייען
אַקעגן ווען מ'פירט אונדז צום גרוב.

לאַמיר זיך מיט יעדען פיצל
געזעגענען פונקט ווי אַלטע סבאבע:
ווי מען געזעגנט זיך פרום פאַרנאַכט
מיטן הייליקן טאָג שבת

ווען שאַטנס קריכן אויף ווענט און מ'דערבליקט
פינקלענדיק, וואַכעדיק שטערן-
ס'האַרץ נאָגט, ווערט צעריסן באַנג
און פון אויגן קייקלען זיך טרערן.

אַט אין דער טיש- דערויף ס'טישטוך
מיט די בלויע קענטעלעך פרייטפאַרש:
אויף אים האָט דיין אַרעמע מאַמע
אירע מאַלצייטן צוגעגרייט.

כאַטש נישט תמיד וואָס צוגרייטן
האַבן געהאַט אירע בלייכע הענט,
האַט דעסטוועגן אַ ליבער יום-טוב
אייביק פונעם טיש אַראַפגעבלענדט.

אויפן טיש האָט אויך אויסגעגאַסן
דיין אַטעט זיין פיכערדיק געמיט:
דעם טישס האַלצן האַרץ דער ערשטער געהערט
דעם ניגון פון זיין אומעטיק ליד.

און האָט אויפגעציטערט-דערשראַקן
און גענומען מיטברומען שטיל

Junto às canções nunca cantadas,
que flutuam pelo apartamento
e correm à frente e caminham
em direção enquanto somos levados à cova.

Vamos nós de cada farrapo
nos despedir assim como de velhas avós,
como as pessoas despedem-se devotas
ao crepúsculo do dia santo do *Shabes*

quando as sombras sobem as paredes e avistam
as cintilantes estrelas semanais —
O coração perturbado, inquieto.
E dos olhos rolam lágrimas.

Ali está a mesa, a toalha rendada
de borda azul estendida.
Sobre ela sua pobre mãe
suas refeições preparou.

Apesar de não ter mais preparado
coisa alguma suas mãos pálidas,
há contudo um *Yom-Tov*⁹ carinhoso
eternamente da mesa emanando.

Sobre a mesa há também lançado
seu pai em seu humor febril:
o coração de madeira da mesa é o primeiro a ouvir
a melodia dessa triste canção.

Com calafrios de pavor
e ressoando baixinho

9 [N.t.] Comemoração ou feriado judaico.

און אין וואַלדיק-שאַרפן ריח
אונדזער אַרעם שטיבל איינגעהילט

און די פייכס איינגעהויקערטע וואַנט
טהאַ אויסגעבויגן ס'קרומע או ער,
זיך עגחידושט און מיטגעפליסטערט
דאָס ליד פון פרייד, דאָס ליד פון טרויער.

און דער באַלקן אַראַפגענידערט
צו הערן די מאַדנע געזאַנגען
און דער דיל דביקותדיק זיך געדרייט
און פאַר מתיקות שיר אויסגעזאַנגען

אַט, קינד-שיינס, אין די גאַרדעראַב-
צוויי טירן און אין דערמיט אַ שפיגל.
וואָס האָט זיך אַלעם שטיל צוגעזען
און אין גלעזערן האַרץ עס פאַרזיגלט,

און טראַגט אין זיך די זוניקע פאַרב
פון דיין רויט קערפעלע. ביים געבורט
און ערשטן פראַטעסט וואָס צעקרומט האָט
דיין זיין ליפעלע אן וואַרט

וואו ווי אַ פאַטעפאַן פליטע-
טראַגט פאַרבאַרגן אין זיך דער שפיגל
ס'ערשטע ליד מיט וואָס איינגעדרימלט ביסט
אין דיין פראַסטן שטרויענעם וויגל

און פארקריצט איז דאָרט דיין ערשט געלעכטערל,
וואָס האָסט צעשפריצט ווי שאַקאַלאַד זיסע
און אויך שוין דער דערצו ענדלעכער
מיל-קרום פון לעצטן ווי בעת גסיסה.

e em pungente odor amadeirado
nosso pobre apartamento é envolvido

e a irregular e úmida parede
curvou sua superfície,
se fez surpresa e murmurou
a canção de alegria, a canção de pesar

e o teto se fez mais baixo
para escutar o peculiar cantar
e o chão se tornou pegajoso, sinuoso
e para o doce poema se consumiu.

Assim, minha criança, no guarda roupas
há duas portas e em meio um espelho
que a tudo silenciosamente vê
e no coração de vidro tem estampado

e carrega em si a cor ensolarada
de seu sangue. Do nascimento
ao primeiro protesto em que formou
sua boquinha uma palavra

e como uma caixinha de música
traz escondido dentro de si o espelho
a primeira canção com que adormeceu
você em seu simples berço de palha

e dispersa está lá a sua primeira gargalhada,
espalhada como calda de chocolate
e além, também a finita
agonia dos recentes lamentos.

און אָט, קינד, אין רעכטן פליגל-שאַנק
האַט דיין מאַמע געהאַלטן די וועש,
וואָס אירע הענט אַליין געוואָשן
און ז'האַבן געשמעקט מיט ריחות פון בעז.

און זיי האָט זי געפלעגט אַרייַנוויינען,
ווען איר האַפּנונג איז צערינען
און די חלומות האַבן זיך
שונגעלאָ ווי פאַרנאַכטיקע זינען.

נאָר אַפט אַרייַנגעלאַכט ווען אין מיטן
פאַראַכטן זיי האָט זי איינגעדרימלט
און געזען דיין מזל-אַ זון,
וואָס גייט אויף אין בלויען הימל.

און אין לינקן פליגל ליגן דאָרט
ספרים, ביכער און מיינע כתבים-
ישעיה חברט זיך מיט געטען און רב
יונתן אייבעשיץ מיט טוויים.

און יעסענין וויל זיך נאָנשיכור
און משתיין זיין בפני קהל וערה
נאָר ער זעט פּלוצים, ווי אברהם
פירט יצחקן אויף דער עקידה.

מרים אולינאווער ווייזט פון איר
באַבעס אוצר די "אַנטיקלעך"-
פּלאַמט דוד המלך אויף ביים תהילים
און מאַכט לכבוד אים רקודימלעך

און דער ערקאַצק שטייט נאָך אַלץ און וואָרט
מיט קגיליקער באַרד און ביין געברום

Então, criança, ao lado direito do armário
sua mãe guardou as roupas limpas,
que suas mãos sozinhas lavaram
e as perfumaram com lavanda.

Ela se pôs às lágrimas
quando suas esperanças se dissiparam
e os sonhos foram dela
extintos como os que se tem ao dormir.

Apenas vem às gargalhadas quando
em meio a tudo cai no sono
e vê sua felicidade — um sol
que se abre no azulado céu.

E no lado esquerdo estão
os *Seforim*,¹⁰ livros e meus escritos—
Isaiah amigou-se com Geten e
Rab Jonathan Eybeschutz com Tuwim.

E Iessienin vai se embebedar
e urinar em frente ao comitê da comunidade
ele se satisfaz abruptamente, enquanto Abrahão
conduz Isaac para o sacrifício.

Miriam Ulinover mostrará de seus
Tesouros da Avó a riqueza —
Cora o rei Davi nos salmos
e faz em honra a dança angelical.

E o Kotzker permanece parado e espera
com a barba emaranhada e brado irritado

10 [N.t.] Livros de literatura rabínica.

אויף צען יינגעלייט וואָס זאָלן פאַר וועלט
אויסשרייען: "די הוא אלוקים".

נאָר דער וואַרקער קלאַפט אים פריינטלעך
אין פלייצע, אַוּש ביים קאַצקער ציקט די ברעס:
"ניטע, נ'גלות איז אַ ייד אַ יעדן טאַג
שוין מקיים מצוות קידוש השם-

אַ מער- מירן כאַפּן ייִש אַ אַפּק,
אַ שטיקל קען און זאַגן לחיים
און שוין צייט דער בורא ברוך הוא
אַליין זאָל מקדש זיין שם שמים"...

און מיט הכנעה און מיט צימער
ליגן מיינע לידער און נאָוועלן:
זיי ליגן און וואַרטן מיט שרעק
ווי אַרעמעלייט אויף רייכע שטעלן

און שעפטשען שטיל, פליסטערן מיט תחנונים
ביז ס'דערהערט זייער מורמלען רב אשי
און הייסט מאַכן אַ וואַרע און ס'ווערט
אויך פריינטלעך דער שטאַלצער שלום אש

און אַ גערודער ווערט: "נאָך איינער
אין דער משפּחה... לאַמירן קרוינען"-
צעשפרייט אהרן הכהן די הענט
צום דוכן און זאַגט ברכת כוהנים...

nos dentes guarda o que irá ao mundo
clamar: "Eis D'us".

Apenas os trabalhadores se cumprimentam
com alegria, os *Kotzker* repreendem aos de *Bres*:¹¹
"cada dia na diáspora em que um
judeu diz o *Kidush*, é uma alegria para *Hashem*¹²

a boa sorte nos encontrar
um pedaço de queijo e um brinde
já é tempo do santíssimo
sozinho santificar nossos nomes"...

E com submissão e estremecimento
permanecem meus poemas e romances,
ficam e esperam com pavor
como miseráveis de nobre valor

e sussurram baixo, murmuram suplicantes
até serem ouvidos seus gemidos por Rab Ashi
abrem caminho e fazem jus
também ao orgulhoso Sholem Ash.

E um mérito tortuoso: "apenas um
na família nós iremos coroar"
estendeu Aarão Cohen as mãos
e disse a bênção dos Cohanim¹³

11 [N.t.]. Kotzker e Bres foram duas dinastias hassídicas rivais.

12 [N.t.] Forma de designar Deus fora de contexto religioso.

13 [N.t.] Linhagem judaica de descendente de Aarão. As funções religiosas costumavam ser-lhes atribuídas.

ציטערט, ציטערט ספרים ליקעהיי
 ציטערט, ציטערט חלומות פון גאונים-
 אין באַגין אַמאַל וועט איינער אויפשטיין
 און אין די בלוזע תחתונים

וועט ער פון אייך שניידן קוואַדראַטנע
 שטיקלעך אשר-יצר פאַפיר
 און ר'וועט זיך נאָך קרומען: "ס באַשריב-
 ס'קאַן נאָך חלילה פאַרשאַדטן מיר"..."

און אַט אין ס'בעט וווּ ס'האַט זיך אַנטפלעקט
 די קראַפט פון אדם הראשון
 און וואָס איז דער עדות פון געטער,
 פון אַ מעשי-בראשית אַ פרישן.

דאָס בעט וואָס האָט אונדז צאַרט פאַרוויגט
 מיט די זיסער, שענסטע חלומות
 און געוויזן פרויען-טויזנט מאָל
 שענער פאַר די טויזנט ווייבער שלמהס.

דאָס בעט, וואָס האָט אונדז אויפגעהויבן
 ווי אַ כשופדיקע ראַקעטע
 און איבער אַלע צוימען און דראַטן
 אונדז אַרויסגעפירט פון דער געטאַ

און געפלייגן מיט אַדלער-פליגלען
 איבער מדינות און שענסטע מקומות-
 אין געכט פון צער אַרויסגעצויגן
 דזאונ פון די טיפסטע, טיפסטע תהומות

tremam, tremam *Seforim* santos
 tremam, tremam sonhos dos Geonim¹⁴
 no alvorecer um dia irá se levantar
 e apenas de roupas de baixo

farão eles de seus quadradinhos cortados
 pedaços de papel higiênico
 e ele irá se contorcer: "ele descreve
 ele pode também, Deus não permita, nos machucar".

E ali está a cama onde você revelou
 a força de seus ancestrais
 e que é a testemunha da divindade
 de um novo Genesis.

A cama onde suavemente imortalizaram-se
 nossos doces, mais bonitos sonhos
 e conheceu mulheres — mil vezes
 mais bonitas que as esposas de Salomão.

A cama da qual nós nos levantamos
 como de um salto só, e que
 acima de tudo mostrou e manteve
 a nós do lado de fora do gueto

e voar com asas de pássaro
 sobre países e belos lugares,
 em noites de dor afastou a nós
 do profundo, mais profundo abismo

14 [N.t.] Título atribuído aos presidentes das duas grandes academias talmúdicas babilônicas.

און אונדז געמאַכט יונג. און שיינ און פריש-
אַריינגעזעצט אין שלעסער גאַלדענע
און אַנגעטון קרוינען אויף די קעפּ
דוקא אין שעהן פאַרשאַלטענע

און אונדז דערציילט ווינדערלעכע
מעשות פון טויזנט און איין נאַכט,
און אין אונדזערע טריבע געמיטער
יטמ טויזנט חנען אַריינגעלאַכט.

קרעכצ, קרעכץ לייטזעל קריק הייליק בעט-
אויף דער קילאַ פאַרקויפט ווערסטו אַצינד-
אַ געטאַ-זיפּ אַפּצוקאַכן
ביי דיין פלאַם אין-אסור נישט קיין זינד...

און אַצינד בלימעלע קינד-לעב-
אַט זע ווי דרויסן וואַנדערט שוין אויס
די צווייטע גרופע אין גלות אַריין-
באַלד וועלן מיר אויך זנמו אַרויס.

און כאַטש קינד, ביסט אַ מיידעלע
און ווער ס לערנט מיט זיין טאַכטער תורה
איז ווי ריוואַלט איר אויסגעלערנט צו טון
אַן אומוירדיקע עכירה-

געקומען איז דער בייזער טאַג,
געקומען איז די בייזע שעה,
וואָס ענלערנ כ מוז מיט דיר, אַ מיידעלע,
די שרעקלעכע פרשה לך לך

e a nós fez jovens, e belos e novos
sentados em cadeira dourada
e vestidos com uma coroa sobre a cabeça
apesar da hora condenada

e a nós contou maravilhosas
histórias de mil e uma noites,
e em nosso sombrio ânimo
com mil graças rimos.

Chora, chora pelo retorno à cama eterna
agora que foi vendido a quilo
para ser cozido na sopa do gueto
em fogo brando, não em pecado.

E agora Blimele, criancinha
veja como lá fora já estão marchando,
o segundo grupo segue ao exílio
logo nós também deveremos nos juntar.

E apesar, criança, de você ser uma menininha
e aquele que estuda com sua filha a *Torah*
ser tido como indigno por ensiná-la a cometer
um terrível pecado

é chegado o dia fatídico,
é chegada a hora fatídica,
em que devo estudar contigo, uma menininha
a terrível *Parasháh*¹⁵ *Lekh Lekho*.¹⁶

15 [N.t.] Porção semanal da Torah lida no Shabbat.

16 [N.t.] Traduzido como vai-te. Terceira Parasháh em Bereshit (Genesis).

נאָר ווי מעג מען עס פאַרגלייכן
צום בלוטיקן לך לך פון היינט?!-
"און געזאָגט האָט גאָט צו אברם
גיי דיר אַרויס פון דיין לאַנד

און פון דיין געבורט-אַרט און פון
דיין פאַטערס-הויז צום לאַנד, וואָס כ וועל דור
אַנווייזן נאו דאָרט וועל איך
מאַכן אַ גרויס פאַלק פון דיר"...

און איצט מוז דאָס גרויסע פאַלק אַרויס
צום אומבאַקאַנטן ווייטן וועג-
קראַנק און מיד- צעבראַכענע שיפלעך,
וואָס דערשווימען נישט צו קיין ברעג.

ווער ס'וועט פאַר הונגער-חלשות
זיך אַראָפּזעצן אין מיטן שניי
און שטיל אַזוי און פייגלעך אַזוי
ווי אַ הינדל אויסגיין אין זיין וויי.

וועמען ס'וועלן פאַר שרעק די אויגן
אַרויסקריכן און אין מיטן גיין
וועט אים פלוצים ס'האַרץ- אַ סטרונע פלאַצן
און ער וועט פאַלן שווער ווי אַ שטיין.

און וועמענס אַן אַפגעציטערט קינד
וועט אין פראַסט-פייער פאַרפירן
און די מאַמע וועט'ס נאָך טראַגן לאַנג
און מיינען אַן ס'טוט זיך נאָך רירן.

און טאַטעס וועלן רופן די קינדער
און קינדער וועלן מאַמעס מאַנען-
משפחות וועלן זיך פאַרלירן
און זיך מער נישט אַפגעפונען.

Mas como poderia se comparar
com o sangrento *Lekh Lekho* de hoje?
"E disse Deus a Abrão
vai-te para além da tua terra

e do teu berço e da
casa de teu pai, para a terra que eu
vou te guiar, e lá de você
farei uma grande nação".

E agora deve a grande nação rumar
para a desconhecida longa estrada —
doentes e cansados — barcos quebrados,
que não navegam a costa alguma.

Definhar de fome
e abaixar-se em meio à neve
e assim quieto, assim dolorido
como cães extinguindo-se em seu pesar.

Quando os olhos se voltam ao terror
atiram-se para longe e em meio
repentinamente o coração — uma corda estourada
e ele cairá pesado como pedra.

Quando uma criança frágil
congelar na neve em brasa
e a mãe seguir carregando-a adiante
acreditando ainda se mover.

E os pais se põem a chamar pelas crianças
e as crianças pedem por suas mães —
famílias irão se perder
e não mais se encontrar.

און לאנגע שטחים וועט מען טראָגן
אויף אַקסלען ס'גרויסע שווערע געפעק
און ל'סוף ס'אָוועקוואַרפן און לצומאַ
נישט האָבן קיין קישן אונטערן קאַפּ

און דער קראַנקער וועט אַן כח
אין טיפע שנייען בלייבן שטעקן-
די פייגל וועלן פאַרבייפליען
און ווי פאַר סטראַשידלעס זיך שרעקן.

און פרויען מיט מעוברתע לייבע
וועלן פאַרשמאַכטע אַנדערקניעז
באַלד וועלן זיי נפאַל אַהינטער זיך
און דער שניי וועט זיי ווי קוילן גליען

און פון די פייערדיקע פנימער
וועט זיך גיסן טויט-קאַלטע שווייסן
און דאָס הינטישע און ווייען געוויי
וועלן זיי מיט די ליפן פאַרבייסן

און זיך ברעכן און זיך קורטשען
אויפן פיינלעך-שנייאיקן בראַך שטול
קעגן מלהי, קעגן זון, קעגן גאַט,
קעגן אַלע וואָס האָבן זיך לוסטיק צעשפילט.

איבער זייער טראַכט וואָס מפילט אין שניי
און באַפרוכפערט ס'פעלד מיט בלוט און געוויין,
וויסער שניי צינדט זיך רויט און רויט וועט-
אין גאַלדענע זאַנגען אויפגיין.

און מיט טרויזנטער פיינען און מיט
טויזנטער שרעקן וועט די נאַכט גרוילן-
כאַטש די לבנה לייכט העל- דער שטערן פינקל
וועט יאַגן אימהדיק ווי ביקסן קוילן

E por longos caminhos os homens carregam
nos ombros enormes e pesadas trouxas
finalmente desistem mas não haverá
nenhum travesseiro sob suas cabeças

e os doentes irão sem forças
na funda neve restar fincados
os pássaros irão voar próximos
e como com espantalhos se assustar.

E mulheres com barrigas gestantes
irão desmaiar repentinamente
logo cairão abaixo e a neve
irá queimá-las como a pedaços de carvão

e dos rostos corados do gelo
elas irão derramar suor frio como a morte
sentirão o gosto do choro
e retesarão os lábios

e se dobram e se contorcem
sobre a nevada cadeira quebrada
sob o céu, sob o sol, sob Deus,
sob tudo que lhes trouxe alegria.

Seus pensamentos extraviando-se no gelo
fertilizando o campo com sangue e lágrimas,
neve branca acende-se vermelha e vermelho irá
no dourado das espigas de milho ressurgir.

E com mil dores e com
mil medos irá a noite estremecer —
apesar da lua brilhar clara, das estrelas piscarem
perseguirá terrivelmente como bala de rifle

און סאיז אונטער די פיס וועט קנאָקן
מיט דער בהלה פון שראַפּנעל אויפרייסן,
דער שניי וועט ווינקען: "תכריכים פאַר אַלע...
תכריכים פאַר יינגע און גרייזן"

נאו פון יעדן קושאַקל און פון יעדן
צווייגל וועלן זיך הענט הייבן
און ארויסבליקן פון יעדן ביימל
וועלן אויגן ווי פון וועלף און לייבן

ערגעץ אין אַ וואַלדיקן מדבר
וואָס טשאַטעווען אויף דינע טריט-
דיין אַטעס פאַרע וועט אַפקלינגען
ווי דער גאַס פון דיין אייגן וואַרים בלוט...

אין אַ גרוס דיר זידע אברהם-
מיר גייען אויף דיין וואַנדער. עסד שווערן,
נאָר צו וועסטו זיך נישט שעמען
פאַר די אייניקלעכס בלוטיקע טרערן?!...

און אַצינד, בלימעלע, קינד-לעב,
טו-אַן ס מענטעלע און לאַמיר גיין-
אַט הוידלט זיך שוין די דריטע גרופע
און צווישן זיי מוזן מיר אויך שוין זיין.

נאָר לאַמיר נישט וויינען, לאַמיר נישט
יאַמערן און להכעיס אַלע שונאים-
שמייכלען, נאָר שמייכלען, אַז ווונדערן
זאָלן זיי זיך וואָס יידן קאַנען

און נישט פאַרשטיין אַז אין אונדזער בלוט
ריזלט קראַפט פון אונדזערע זיידעס,

e o chão sob os pés irá tremer
com a confusão dos estilhaços explodidos
a neve irá acenar: "*Takhrikhim* para todos...
Takhrikhim para os novos e para os anciões".

E para cada arbusto e para cada
galho levantarão as mãos,
e refletindo de cada árvore
haverão olhos como de leões e lobos.

Algum lugar em um vasto deserto
espera à espreita de seus passos,
seu faraó ressoará
com o derramar de sangue morno

em uma saudação a ti avô Abrahão —
nós seguiremos sua jornada. A promessa.
Poderia apenas você não se envergonhar
das lágrimas ensanguentadas de seus netos?

E agora, Blimele, pequena,
pegue o *Mentele*¹⁷ e vamos —
já se apresentou o terceiro grupo
e entre eles precisamos nós também estar.

E assim não vamos chorar, não vamos
lamuriar e apesar de todos os inimigos —
Sorrir, apenas sorrir, e surpresos
eles ficarão de que ainda conseguimos

e não compreenderão pois em nosso sangue
corre força de nossos avós

17 [N.t.] Manta bordada que envolve o rolo da Torah.

וואָס זענען אין אַלע דורות
געגאַנגן אויף כלערליי עקדהס

אַז כאָטש אונדזער טריט איז קלדיקוואַ
ווי דעם בלינדנס פאַר אַ פרעמדער טיר-
קלינגט אין אים דער עכאַ פון פעטערס
גאַנג אויף די וועגן פון סיביר.

אַז כאָטש ווי ביי געפאַנגענע חיה
ציקט די שרעק אין אונדזער וויע-
ברענט דער שטאַלץ אין פלאַמיק הייסן בליק
ווי ים טאַטן אויף דער תליה.

אַז כאָטש מען קאַן אונדז יעדער מינוט
פאַרפייניקן און אויף דער שיס-
ער, נישט קיין נייעס אין עס- אונדזער
שוועסטער האָט מען נאַקעט געשמיסן.

און לאַמיר נישט וויינען, לאַמיר נישט
יאַמערן און להכעיס אַלע שונאים-
שמייכלען, נאָר שמייכלען, אַז ווונדערן
זאַלן זיי זיך סוואַ יידן קאַנען

און נישט וויסן אַז ס באַגלייטן אונדז היינט
די זעלבע מלאכים, וואָס אַמאָל-
פון רעכטס- מיכאל, פון לינקס גבריאל,
פון פאַרנט- אוריאל, פון אונטן רפאל.

און כאָטש אונטער די טריט- דער טויט-
איבערן קאַפּ- די שכינה פון גאַט-
איז נדקי אַרויס מיט מסידת נפש
נייעם און מיטן אַלטן אחד.

de todas as gerações que
por tantos foram feitos pária

e apesar de nossos passos serem vacilantes
como os de um cego em uma porta estranha
ressoa neles o eco do trajeto de nossos pais
pela estrada da Sibéria.

E apesar de como bestas capturadas
o terror buscar nossas pestanas
queima o orgulho como chama
relampeja no olhar do pai na força.

E apesar de poderem a qualquer minuto
tanto nos unir quanto nos separar —
sim, não há novidade nisso — nossa
irmã foi feita nua e castigada.

E assim não vamos chorar, não vamos
lamuriar e apesar de todos os inimigos
sorrir, apenas sorrir, e surpresos
eles ficarão que ainda podemos.

E sem eles saberem, nos acompanham hoje
os próprios anjos, como uma vez —
à direita Michael, à esquerda Gabriel,
à frente Uriel, atrás Rafael.

E apesar de ter sob os passos a morte
sobre a cabeça emana Deus.
Criança, sigamos com abnegação
nova à companhia do Deus velho.

Por que a criança cozinha na polenta (fragmentos)¹

Aglaja Veteranyi

Seleção e tradução de Fabiana Macchi

IMAGINO O CÉU.

Ele é tão grande, que logo adormeço, para me acalmar.
Quando acordo, sei que Deus é um pouco menor do que o céu. Senão, adormeceríamos sempre de susto na hora de rezar.

Será que Deus fala outras línguas?

Será que entende os estrangeiros?

Ou será que os anjos ficam sentados em pequenas cabines de vidro fazendo traduções?

EXISTE MESMO UM CIRCO NO CÉU?

Mamãe diz que sim.

Papai ri, teve más experiências com Deus.

¹ [Nota da tradutora] Fragmentos do romance experimental *Por que a criança cozinha na polenta*, de Aglaja Veteranyi (São Paulo: DBA, 2004. Tradução de Fabiana Macchi). Aglaja Veteranyi. *Warum das Kind in der Polenta kocht*. © 1999, Deutsche Verlags-Anstalt, München, in der Verlagsgruppe Random House GmbH.

Se Deus fosse Deus, desceria para nos ajudar, diz.
Mas por que ele deveria descer se, afinal de contas, nós viajaremos até ele mais tarde?
Seja como for, os homens acreditam menos em Deus do que as mulheres e as crianças, por causa da concorrência.
Meu pai não quer que Deus também seja meu pai.

*

MINHA MÃE É A MULHER DOS CABELOS DE AÇO.

Ela fica pendurada pelos cabelos na cúpula e faz malabarismos com bolas, aros e tochas de fogo.
Quando eu crescer e for magra, também terei de ficar pendurada pelos cabelos. Só me deixam pentear os cabelos com muito cuidado, minha mãe diz que o cabelo é o mais importante numa mulher.

MEU PAI DIZ QUE O MAIS IMPORTANTE SÃO OS QUADRIS.

Imagino uma mulher com os quadris do tamanho do circo.
Mas isso não combina com a história de se pendurar pelos cabelos.

*

Nunca vou me pendurar pelos cabelos, não quero.
Arranco meus cabelos aos chumaços, como as penas da galinha da sopa.
Uma mulher sem cabelos não encontra marido, diz minha mãe.
Não quero marido, prefiro ser como a minha irmã, que é corajosa e sempre cria problemas.
Minha irmã é filha só do meu pai.
Ela come tudo porque minha mãe lhe salvou a vida quando ela estava raquítica e cheia de piolhos.

Apesar de ela ser uma estranha, amo-a como irmã. A mãe dela é filha adotiva do meu pai. A filha adotiva e a mãe dela, a avó da minha irmã e ex-mulher do meu pai, moram num hospital, porque ficaram loucas.

Minha irmã também é louca, diz minha mãe, porque meu pai a ama como mulher.

Eu tenho de tomar cuidado para não ficar louca também, por isso minha mãe me leva junto para toda a parte.

*

ESPERO O DIA INTEIRO QUE CHEGUE A NOITE. SE MINHA MÃE NÃO CAI DA CÚPULA, DEPOIS DO ESPETÁCULO JANTAMOS JUNTOS SOPA DE GALINHA.

*

Minha mãe tem pernas longas e elegantes, na foto ela parece japonesa, com o cabelo liso, preto e com franja. Não somos parecidas.

Pareço com meu pai.

Ele nem é seu pai, esse bandido, diz minha mãe às vezes, furiosa, não precisamos dele!

POR QUE MEU PAI NÃO É MEU PAI?

Diante de outros homens, às vezes minha mãe diz que é minha irmã. Ela revira os olhos e fala as palavras bem compridas, como se, de repente, tivesse mel na boca. E ela nem gosta de mel, ela prefere pão preto com manteiga e sal. E vinho branco. Ela bebe tanto vinho branco quanto eu como algodão-doce. Se, em vez disso, economizássemos o dinheiro, poderíamos comprar a nossa casa grande com galinhas. Quando minha mãe se passa por minha irmã, de uma hora para outra ela fica com um cheiro muito estranho. Não deixo

mais ela me tocar. No hotel, ela tem que dormir no chão, pois não quero dividir a cama com ela.

*

MINHA MÃE É DIFERENTE DAS OUTRAS PORQUE FICA PENDURADA PELOS CABELOS, E ISSO ESTICA A CABEÇA E DEIXA O CÉREBRO COMPRIDO.

*

Desmontar o circo é igual em todos os lugares, parece um grande enterro, sempre de noite, após o último espetáculo na cidade. Quando a cerca do circo é retirada, às vezes vêm pessoas estranhas até o nosso trailer e colam o rosto no vidro das janelas. Sinto-me como os peixes no mercado.

Os trailers e as jaulas são conduzidos com o pisca-pisca ligado, como um cortejo fúnebre, até a estação ferroviária e, lá, são colocados no trem.

Dentro de mim, tudo se dissolve, e um vento me atravessa.

Queria ser como as pessoas lá fora. Lá, todos sabem ler e sabem das coisas, eles têm a alma de farinha branca.

Queria estar morta. Todos chorariam no meu enterro e se sentiriam culpados.

*

A tristeza envelhece.

Eu sou mais velha do que as crianças no estrangeiro.

Na Romênia, as crianças nascem velhas, porque já são pobres dentro da barriga das mães e ficam ouvindo as preocupações dos pais.

Aqui vivemos como no paraíso. Mas, mesmo assim, eu não fico mais jovem.

*

Em casa, meus pais trabalhavam no circo nacional. Eram muito famosos.

O DITADOR CERCOU A ROMÊNIA COM ARAME FARPADO.

Meu pai, minha mãe, minha tia, minha irmã e eu fugimos de avião para o estrangeiro depois que meu pai roubou o dinheiro do caixa do circo.

Minha mãe foi com o dinheiro roubado para o HOTEL INTERNACIONAL, fez olhos doces e comprou dólares.

Os mortos vivem melhor do que os vivos, no céu não se precisa de passaporte para viajar, diz minha mãe.

Minha tia abandonou o marido. Ela quase nunca fala dele.

Em compensação, minha mãe fala dos seus muitos irmãos e chora, batendo com a mão na cabeça. Parece um balé.

Minha tia não chora, ela é mais velha do que a minha mãe.

*

Somos boa gente, diz minha mãe, porque somos ortodoxos.

O que é ortodoxo?

É quando se acredita em Deus, diz ela.

Os ortodoxos basicamente cantam, comem e rezam. Mas nunca os visitei.

Minha tia sempre faz bolo de sêmola para os mortos, com decoração de confetes de chocolate. Mas nós mesmos comemos, pois não há nenhuma igreja ortodoxa por perto para doarmos o bolo.

Enquanto come o bolo, minha mãe chora e enumera os mortos da nossa família.

Minha tia pisca o olho para mim: sua mãe poderia ser cantora de ópera.

O DITADOR PROIBIU DEUS.

Mas, no estrangeiro, podemos ter religião, embora aqui quase não haja igrejas ortodoxas.

Todas as noites, eu rezo a oração que minha mãe me ensinou.

Em casa, as crianças não podem rezar nem desenhar Deus.

Nos desenhos, só podem aparecer o ditador e sua família. Em todos os cômodos das casas, há um retrato dele, para que todas as crianças saibam que cara ele tem.

Sua mulher tem metade de uma cidade cheia de sapatos, ela utiliza casas como se fossem armários.

*

O ditador é sapateiro de profissão, seu diploma da escola é comprado.

Ele não sabe ler nem escrever, diz minha mãe, é mais burro do que uma parede.

Mas uma parede não mata, diz meu pai.

*

Os homens buscam a felicidade como nosso sangue busca o coração. Quando o sangue não corre mais para o coração, o homem seca, diz meu pai.

O estrangeiro é o coração. E nós, o sangue.

E nossa família, em casa?

*

Na África, moramos um ano inteiro em um trem.

Eu dividia uma cabine com minha tia e minha irmã.

Minha tia pendurava fotos da Sofia Loren e de outras belas mulheres e homens em todo lugar. Todos muitos famosos.

Eu também vou ser famosa.

NO ESTRANGEIRO, É POSSÍVEL SER FAMOSO SEM SER MEMBRO DO PARTIDO DO DITADOR.

Dia e noite, ouvíamos canções de Elvis Presley. Ele também estava pendurado por toda a cabine.

Minha tia é apaixonada por Elvis Presley. Ela fica ruborizada quando ele canta.

Embora a África seja no estrangeiro, há tantos pobres lá quanto na Romênia.

Eles são pretos.

Na África, os pobres têm de sentar em lugares separados no circo e, mesmo assim, têm de pagar o ingresso inteiro.

*

UM DIA TAMBÉM ME CASAREI COM UM HOMEM RICO.

Ou com dois homens, assim jamais ficarei sozinha. No dia do casamento, tocarei suas partes proibidas por debaixo da mesa. As pessoas vão comer bolo e ficar com inveja. Meus maridos vão me amar e me lamber.

Fora o ditador e seus filhos, não há homens ricos na Romênia, meus pais fizeram bem em fugir, pois com filho de ditador eu não me caso.

Temos passaporte de refugiados.

Em todas as fronteiras, tratam-nos de maneira muito diversa de como se tratam as pessoas de verdade. A polícia nos faz descer e desaparece com os nossos passaportes.

Minha mãe sempre lhes dá presentes, chocolate, cigarros ou conhaque.

E faz olhos doces.

Mesmo assim, nunca sabemos se eles vão telefonar ou não para a SECURITATE.

O anãozinho corcunda¹

Walter Benjamin

Tradução de João Barrento

Na minha infância gostava de olhar através de umas grades horizontais que nos permitiam ficar diante de uma vitrine, ainda que debaixo dela houvesse uma abertura que servia para deixar entrar um pouco de luz e ar nas caves. As aberturas das caves eram mais entradas para o mundo subterrâneo do que saídas para o ar livre cá em cima. Isso explica a curiosidade com que eu olhava lá para baixo através das grades, para levar comigo, vinda do subterrâneo, a imagem de um canário, de um candeeiro ou de um dos moradores. Nos dias em que a busca tinha sido em vão, a noite seguinte por vezes virava o espeto, e os sonhos traziam-me olhares que me fixavam e prendiam, vindos desses buracos das caves. Eram-me lançados por gnomos com gorros pontiagudos. E mal me tinham aterrorizado até a medula, logo desapareciam. Eu fiquei sabendo com o que contava quando um dia dei com estes versos no *Deutsches Kinderbuch* [O Livro Infantil Alemão]:

1 [Nota da editora] Texto publicado em: Walter Benjamin. *Rua de mão única / Infância berlinense: 1900*. Belo Horizonte: Autêntica, 2013. p. 113-114. Agradecemos ao tradutor a autorização para esta publicação.

Quis descer à minha adega
 Para ir buscar o meu vinho,
 Está lá um anão corcunda
 Que me rouba o meu jarrinho.

Eu conhecia os desta espécie, apostados em fazer mal e pregar peças, e não me admirava nada que gostassem de adegas. Era a “canalhada”.² Dessa espécie eram também os companheiros da noite, aqueles que atacam o Galinho e a Galinha no Monte das Nozes – a Agulha e o Alfinete, que aí gritam que a escuridão vai cair a pique. Eles provavelmente sabiam mais coisas desse corcunda. De mim não se aproximou. Só hoje sei como se chamava. Foi a minha mãe quem me disse. “Já chegou o desastrado!”, dizia ela quando eu quebrava alguma coisa ou caía. Agora entendo o que ela queria dizer. Referia-se ao anãozinho corcunda que tinha olhado para mim. Aqueles para quem ele olha não dão atenção ao que fazem. Nem a si, nem ao corcundinha. Ficam encavacados diante de um monte de cacós.

Quis ir à minha cozinha
 Fazer a sopa, e já nela
 Me espera um anão corcunda
 P’ra me partir a panela.

Onde ele aparecesse, quem ficava a perder era eu. E o que perdia eram as coisas, até que no decorrer do ano o jardim se transformava num jardimzinho, o meu quarto num quartinho e o banco num banquinho. As coisas minguavam, e era como se lhes crescesse uma corcunda que as tornava coisas do anãozinho. O anãozinho antecipava-se-me em tudo. Antecipando-se, lá estava ele no meu caminho. De resto, não me fazia nada, esse bailio pardo, a não ser cobrar metade do esquecimento de cada coisa de que eu me aproximasse:

2 [Nota do tradutor] *Canalhada* [*Lumpengesindel*] é precisamente o título de um conto dos Irmãos Grimm, em que intervêm as personagens a seguir referidas: a galinha e o galinho, a agulha e o alfinete.

Se pr’o quarto de comer
 Com a minha papa vou,
 Está lá um anão corcunda:
 Já metade me levou.

Era assim que o anãozinho aparecia muitas vezes. Mas eu nunca o vi. Só ele é que me via. Via-me no meu esconderijo e diante do poço da lontra, nas manhãs de inverno e diante do telefone no corredor da cozinha, no Brauhausberg com as borboletas e na minha pista de patinação ao som da música da banda. Há muito tempo que se despediu. Mas a sua voz, que é como o zumbido da camisa do candeeiro a gás, atravessa o limiar do século e vem sussurrar-me as palavras:

Reza, meu menino, anda,
 Pelo anãozinho corcunda!

Carta do Subcomandante Insurgente Marcos a Eduardo Galeano¹

Tradução de Imara Bemfica Mineiro

A: Eduardo Galeano
Montevideu, Uruguai.

De: Subcomandante Insurgente Marcos.
Montanhas do Sudeste Mexicano.
Chiapas, México.

Exército Zapatista de Libertação Nacional, México.
2 de maio de 1995

Senhor Galeano:

Te escrevo porque... Porque me deu vontade de te escrever. Porque já passou o dia das crianças aqui no México, e ocorreu-me que posso conversar com você sobre o que

¹ [Nota da editora] Esta carta foi escrita em espanhol e está disponível em <https://tinyurl.com/grat3submarcos>

acontece aqui, num dia das crianças, em meio a uma guerra surda. Te escrevo porque não tenho nenhuma razão para fazê-lo e, assim então, posso te contar o que acontece, ou o que passa pela minha cabeça, sem a preocupação de que eu me esqueça do motivo da carta. Porque sim, ora. Também porque perdi o livro que você me deu, e porque esse animal trapaceiro que costuma ser o destino (?) substituiu o livro perdido por outro livro. E porque ficou dando voltas na minha cabeça uma parte do seu livro *As Palavras Andantes*. Porque diz assim:

¿Sabe callar la palabra cuando ya no se encuentra con el momento que la necesita ni con el lugar que la quiere? Y la boca, ¿sabe morir?

*Ventana sobre la palabra (VIII)*²

E, então, eu me recostei para pensar e fumar. É madrugada e, como travesseiro, tenho um fuzil (bom, na verdade não é um fuzil, é uma carabina que foi de um policial até janeiro de 1994. Antes, servia para matar indígenas, agora, serve para que não os matem). Com as botas calçadas e a pistola escorada de um lado, ao alcance da mão, penso e fumo. Fora, uma nuvem de fumaça e pensamentos, maio engana a si mesmo fingindo que é junho e cai uma tempestade de chuva, raios e trovões que consegui o que parecia impossível: calar os grilos.

Mas eu não estou pensando na chuva, não estou tentando adivinhar qual dos relâmpagos, prestes a arranhar o tecido da noite, será o da morte, sequer me preocupa que o toldo de nylon que cobre meu abrigo seja muito pequeno, e

² [Nota da tradutora] *Sabe calar-se a palavra, quando já não encontra o momento que a necessita, nem o lugar que a quer? E a boca, sabe morrer?* Tradução de Eric Nepomuceno à edição brasileira de *As Palavras Andantes*, de Eduardo Galeano (Porto Alegre: L&PM, 2015. p. 262).

que esteja molhando a borda do colchonete (Ah, porque fiz para mim um colchonete de galhos e gravetos amarrados com cipó. Fiz assim porque uso como escrivadinha, despensa e, às vezes, para dormir. Não me acomodo na rede, ou me acomodo demais, durmo profundamente e o sono profundo é um luxo pelo qual, aqui, pode-se pagar muito caro. Na cama de varetas de pau se está suficientemente incômodo para que o sono seja apenas um cochilo).

Não, não me preocupam nem a noite, nem a chuva, nem os trovões. Me preocupa isso de *“Sabe calar-se a palavra, quando já não encontra o momento que a necessita, nem o lugar que a quer? E a boca, sabe morrer?”* Ana María me mandou o livro. Uma indígena tzotzil que tem o maior grau de infantaria em nosso exército. Alguém mandou para ela e ela me mandou, sem saber que eu perdi um livro seu e que esse livro repõe o livro perdido, que não é o mesmo e também não é igual. O livro está cheio de desenhinhos em tinta preta, e eu penso que assim devem ser os livros e as palavras: desenhinhos que saem da cabeça, ou da boca, ou das mãos, e que vão e começam a dançar no papel cada vez que o livro é aberto, e no coração, cada vez que o livro é lido. O livro é o maior presente que o homem deu a si mesmo. Mas vamos voltar ao seu livro que tenho agora. O li com um toquinho de vela que carregava na mochila. O último trecho do pavio se foi com essa página 262 (palíndromo, não? Um sinal?). E, então, lembrei daquela frase de Perón que você me mandou e, em seguida, minha resposta desajeitada e, depois ainda, o livro que você me enviou. E aqui a vergonha de te contar que deixei esse livro para trás na *“graciosa huída”* de fevereiro. E até que chegam a mim este livro e estas letras sobre o saber calar. E eu já levo várias noites dando voltas ao assunto, antes mesmo de que o livro chegasse até mim. E me pergunto se não é hora de calar, se será que já não passou o momento e já não é o lugar, se não é hora de a boca morrer...

Te escrevo isso em uma madrugada de maio, já se passou o 30 de abril de 1995, que é o dia das crianças aqui no México. Nós, as crianças mexicanas, celebramos esse dia na maioria das vezes, apesar dos adultos. Por exemplo, graças ao supremo governo, hoje, muitas crianças indígenas mexicanas celebram seu dia na montanha, longe de suas casas, em más condições de higiene, sem festa e com a maior das pobreza: a de não ter um lugar onde recostar a fome e a esperança. O supremo governo diz que não expulsou essas crianças de seus lares, apenas enfiou milhares de soldados em seus territórios. Com os soldados, chegou a bebida, a prostituição, o roubo, as torturas, as perseguições. O supremo governo diz que os soldados vêm para *“defender a soberania nacional”*. Os soldados do governo *“defendem”* o México dos mexicanos. Essas crianças não foram expulsas, diz o governo, e não têm porque se atemorizar com tantos tanques de guerra, canhões, helicópteros, aviões e milhares de soldados. Também não têm porque temer, ainda que esses soldados tragam ordens de prender e matar os pais dessas crianças. Não, essas crianças não foram expulsas de suas casas. Compartilham o chão acidentado da montanha pelo prazer de estar perto de suas raízes, compartilham a sarna e a desnutrição pelo simples gosto de se coçar, e para luzir uma figura esbelta.

Os filhos dos donos do governo passam seu dia em festas e presentes.

Os filhos dos zapatistas, donos de nada além de sua dignidade, passam seu dia brincando de soldados que recuperam as terras que o governo lhes tirou, brincam de semear o milho, de ir buscar lenha, de adoecer e não ter ninguém para cuidar deles, de passar fome e, no lugar de comida, encher a boca de canções. Por exemplo essa canção, que gostam de cantar à noite, quando mais intensa é a chuva e mais fechada a neblina, e que diz mais ou menos assim:

*Já se vê o horizonte,
combatente zapatista,
o caminho marcará
àqueles que vêm atrás.*

E, por exemplo, no horizonte aparece, marcando o passo, o Heriberto. E atrás do Heriberto, por exemplo, vai o filhinho de Oscar, a quem chamam de Osmar. E vão, os dois, armados de duas varetas que pegaram num campo de girassóis perto dali (“Não são varetas”, diz Heriberto, e garante que trata-se de armas poderosas, capazes de destruir um formigueiro de saúvas que tem perto do riacho e que picaram Heriberto e foi preciso retaliar). Heriberto e Osmar avançam em formação. E pelo *front* oposto avança Eva, armada de um pau, que tem a vantagem de transformar-se em boneca quando o ambiente é menos bélico. Atrás da Eva vem a Chelita, que levanta seus quase dois anos somente alguns centímetros do chão, e que tem uns olhos vidrados que logo vão tirar o sono do tal Heriberto ou do que se deixe ferir por lampejo tão moreno. E atrás da Chelita vai um cachorrinho que, de tão magrelo, parece uma pequena marimba.

Estão me contando tudo isso, mas é como se eu estivesse vendo Wellington frente ao Napoleão nesse filme chamado *Waterloo* e que, acho, aparecia Orson Welles, e derrotavam Napoleão por causa de uma dor de barriga. Mas aqui não tem Orson que valha, nem manobras de infantaria, nem apoio da artilharia, nem defesa em quadrado oco contra as cargas dos que vêm a cavalo, porque tanto o Heriberto quanto a Eva resolveram optar pelo ataque frontal e sem escaramuças nem sondagens prévias. Estou quase achando que isso parece uma batalha entre sexos, mas Heriberto já está se jogando sobre a Chelita, evitando a carga direta da Eva que se encontra, de repente, frente a Osmar, que não a espera cara a cara, nem de pé, mas de lado e de cócoras,

porque deu nele uma vontade de cagar, aí mesmo, e a Eva proclama que Osmar se cagou de medo, e Osmar não diz nada porque agora quer montar no cachorrinho que se aproximou para cheirar e, enquanto isso, a Chelita começou a chorar quando viu que vinha o Heriberto, e agora o Heriberto não sabe mais o que fazer para a Chelita se calar, e oferece a ela uma pedrinha de presente (“Será mesmo uma pedrinha”, diz o Heriberto, que garante que se trata de puro ouro), e nada para a choradeira da Chelita e estou pensando que, no caso de Heriberto, o feitiço virou contra o feiticeiro, quando chega a Eva, em manobra que denominam “derrubar a posição inimiga”, e se joga sobre as costas de Heriberto (quando Heriberto já está oferecendo sua arma antiformiga saúva à Chelita que, entre soluços, está considerando a oferta) e então, Paft!, a boneca-arma da Eva golpeia a cabeça de Heriberto e começa a choradeira (estereofônica, porque Chelita sente-se estimulada pelos gritos de Heriberto e não quer ficar para trás), e sai sangue e vem a mamãe de não sei quem, mas traz um cinto na mão, e os dois exércitos debandam e o campo de batalha fica deserto e, na enfermaria, declaram que o Heriberto tem um galo na cabeça do tamanho do seu nariz e que, como a Eva está intacta, as mulheres ganharam esta batalha. O Heriberto se queixa da arbitragem parcial e prepara o contra-ataque, mas será amanhã, porque daqui a pouco é hora de comer os feijões, que não enchem nem o prato, nem a pança...

E assim passaram o dia das crianças, dizem, as crianças de um povoado que se chama Guadalupe Tepeyac. Passaram na montanha, porque no seu povoado há milhares de soldados defendendo “a soberania nacional”. E o Heriberto diz que, quando crescer, vai ser chofer de caminhão e que piloto de avião não quer ser porque, afirma, se fura um pneu do caminhão é só descer e ir caminhando ao passo que, se fura o pneu do avião, não há para onde ir. E eu me digo que, quando for grande, quero ser uruguaio-argentino e escritor, nessa

ordem, e não pense que será fácil porque esse tal de mate, eu não suporto tragar.

Mas não era isso o que eu queria te contar. O que eu queria contar era um conto, para que você conte:

O Velho Antônio me ensinou que somos tão grandes quanto o inimigo que escolhemos para lutar, e que somos tão pequenos quanto é grande o medo que temos. “Escolha um inimigo grande e isso te obrigará a crescer para poder enfrentá-lo. Diminua seu medo porque, se ele crescer, você encolherá”, me disse o Velho Antônio, em uma tarde de maio e de chuva, nessa hora em que reinam o tabaco e a palavra. O governo teme o povo do México, por isso tem tantos soldados e policiais. Tem um medo muito grande. Por consequência, é muito pequeno. Nós temos medo do esquecimento, ao que fomos diminuindo com a força da dor e do sangue. Somos, portanto, grandes.

Conte isso em algum escrito. Coloque que lhe contou o Velho Antônio. Todos tivemos, alguma vez, um Velho Antônio. Mas, se você não teve, eu te empresto o meu desta vez. Conte que os indígenas do Sudeste Mexicano diminuem seu medo para ser grandes, e escolhem seus inimigos descomunais para se obrigarem a crescer e ser melhores.

Esta é a ideia e estou certo de que você encontrará melhores palavras para contar. Escolha uma noite de chuva, relâmpagos e vento. Você verá como o conto sai fácil, como um desenhinho que começa a dançar e a levar calor aos corações, porque para isso são as danças e os corações.

É isso. Saudações e um bonequinho sorridente, como esses com os que você assina.

Das montanhas do Sudeste Mexicano.
Subcomandante Insurgente Marcos

P.S. DE ADVERTÊNCIA POLICIAL. É meu dever informar que sou, para o supremo governo do México, um delinquente. Por isso, minha correspondência pode ser comprometedora. Peço que memorize o conteúdo da presente, quer dizer, esta é uma encomenda que suplica, e que destrua a carta imediatamente. Se o papel fosse de goma de mascar, te recomendaria que o colocasse na boca e, mascando, começasse a fazer essas bolas de chiclete que tanto escandalizam as boas consciências, e que demonstram a falta de urbanidade e de educação de quem faz. Ainda que alguns façam-nas com a esperança de que uma das bolas seja suficientemente grande para levá-los por essa rota luminosa que se estende lá no alto... como estendem-se a dor e a esperança sobre o céu de nossa América.

P.S. IMPROVÁVEL. Mande meus cumprimentos ao tal Benedetti, se encontrá-lo. Diga-lhe, por favor, que suas letras, colocadas por minha boca no ouvido de uma mulher, já arrancaram suspiros como esses que fazem caminhar a humanidade inteira. Diga-lhe, também, que isso foi com *El cumpleaños de Juan Angel*.

Velotrol

Fabiano Calixto

certa paragem
 diluída nas cores
 as beiradas roídas
 um suspiro febril
 pelo quintal de casa
 onde você passava
 cabelos crespos
 pretíssimos
 as canelas secas
 os pés metidos
 num kichute velho
 retorno outra vez
 ao meu sorriso
 de dentes de leite
 chapados
 sorvete de chiclete

(escrevo *lágrima*
 e os fios d'água
 sulcam o rosto
 surdamente
 enquanto colho
 desta noite mineral
 os figos maduros
 com os quais fiz
 a minha carne)

aquele disco ao vivo
 me esperando
 com seu rock pauleira
 e *glitter* sobre a vitrola
 nos domingos
 onde tumultuava
 os tímpanos

por alguns minutos
 feito estrela cadente
 a cruzar, fugaz,
 esta fotografia
 pude (pudera)
 entregar àquele
 esqueleto plástico
 multicolorido
 o meu espírito

O mundo está correndo

Leda Cartum

Havia um tempo em que havia alguém que vivia do lado de fora das palavras. Esse é um dom inato que quando perdido passa a ser quase impossível de ser recuperado: era alguém que conseguia enxergar um tempo completamente externo àquele mesurado. Então como um gato ela tinha os olhos grandes para observar de longe os lábios que modelavam sons estranhos; acompanhada sempre por um mundo inacessível trancado com portas feitas de pressupostos, ela olhava tudo e às vezes ria, ria alto, ria muito, porque era mesmo engraçado esse absurdo intranquilo respeitado por todos sem nenhuma pergunta.

Às vezes também chorava, até gritava ou urrava, esperneava sozinha e chamava a atenção daqueles que estavam ao seu lado: perguntavam-lhe o que era, procuravam ajudá-la, davam-lhe mimos, cercavam-na, mas nada nunca bastava porque antes de qualquer coisa havia a perplexidade dos dias que se invertiam, os barulhos ordenados, as horas seguidas por todos como se fossem carneiros que para ela eram mares, eram

cavalos ou monstros — mas nunca com esses nomes. Naquele tempo distante, depois de chorar bastante ela então se distraía, o rosto inchado, irritado, as bochechas palpitavam, ela deitava cansada e os olhos ainda enormes voltavam a ver aquilo que ninguém mais reparava. Ela devia ser velha, cheia de rugas nos dedos e nas orelhas vermelhas; quando entregava-se ao sono seus sonhos de pronto alcançavam as imagens ancestrais que tanto custam chegar ao hábito dos insones: sonhava com grandes florestas, árvores anciãs que cantavam muito baixo, astros articulados em linhas fracas e retas, pedras pontiagudas lançadas em uma guerra, mulheres e homens em roda dançavam todos pintados, a noite durava muito e quando ela enfim acordava continuava a ouvir aquilo que cochichavam, para o que não havia qualquer tradução possível.

Como explicar aos outros? Quem é que escutaria esses sons cheios de sentido que ainda não são palavras? Ela ensaiava consigo, abria a boca e deixava saírem formas, fonemas, balbucios imponderáveis: às vezes vinham ouvi-la e respondiam depressa ao que ela não sabia que devia estar pedindo: se tinha fome, saudade, não procurava por nada mas respondiam por ela às demandas que não tinha. Ela aceitava; nem sempre: às vezes se recusava, às vezes se conformava, outras se acomodava nos braços que a seguravam. Havia um tempo em que alguém tentava avisar aos outros que já sabia a resposta: ela apontava para as coisas que estavam ao seu redor mostrando que agora pulavam, que se mexiam, rodavam: ela rodava junto, caía e se machucava. Mas com que propriedade ela se machucava!

Algumas palavras que ouvia no tempo em que eram ruído ela guardava consigo como talismãs ou bússolas. Pareciam-lhe importantes certas sílabas mais fortes, determinadas vogais, e por isso repetia muitas vezes, muitas mesmo, como se fossem caixas bonitas e bem lacradas cuja chave de abertura fosse preciso encontrar. Ela investigava as coisas com as mãos grandes, com a língua, com os pés e os dedos todos

que eram tantos incontáveis; queria saber o gosto e sentir com a barriga as pontas dos objetos, os lados e as texturas. Será que os outros sabiam o que ela desconfiava? Todos andavam altos num passo que não caía, e ela voltava a olhar para as luzes, para as cores, os sapatos das pessoas. Quem é que um dia teria construído tudo isso? Como é que eles conheciam os meios e os chamados e o que é que se segredavam por tanto tempo parados, sentados no mesmo lugar? Por que é que não ouviam o que ela estava ouvindo?

Havia um tempo em que havia alguém para quem a lembrança não se distinguia muito de tudo o que ainda não era. Ela recordava assim dos tempos que chegariam: por vezes se via enorme, do comprimento do mundo — também do tamanho de quem a olhava de cima e sorria. Acenava para a outra que se tornaria um dia e passava a ser também cúmplice dos sistemas que viria a conhecer; mas seria necessário que, quando tivesse virado para o lado avesso ao que via, quando as peças que enxergava se encaixassem como fazem para quem sabe falar, pudesse de vez em quando recorrer a esse espaço mudo mas nada surdo, no qual já vivia agora e onde todas as coisas têm uma voz que diz. O que é que ela perderia quando deixasse a fronteira e conquistasse o território que distingue as formas claras daquilo que não tem forma? Não fazia essa pergunta. Voltava o olhar para fora e, da janela do carro, ela podia acompanhar as paisagens desenhando traços horizontais; e alertava depressa: veja, o mundo está correndo — para onde é que está indo?

Bird gerhl

Tatiana Pequeno

1987

uma tarde meu pai veio a público
na sala da casa de araruama
o chão rachado de pó e cimento
luzia a sombra da amendoeira
onde meu balanço ventava e doía
caía o pai e junto a ele sentava
aguardando uma voz ou socorro
como se não acreditasse mais
em infância nem em orações.

1988

deixei que faltasse uma palavra neste
sonho avistei uma terra menos seca
chamei por vezes o nome de meu pai
e toda minha pregação ecoou deserta

guardei com cuidado a imagem daquele
homem que clamava solitário a coroa
de ser humano, frágil e assim soldado
com ele aprendi a depurar a gordura
viva do meu corpo a ele acoplado
e costurei a primeira letra do seu
nome raro na minha pele menos escura
(que a sua)

nunca mais ralei os joelhos na terra seca
 fiquei cavalo feminino, mulher de pedra
 com pena de escrever no peito e nas mãos

1988 ainda

a primeira vez em que dirigi um carro
 meus pais morriam no banco de trás
 na avenida dos democráticos onde ao
 lado esquerdo cresciam os juncos firmes
 cuja altura eu sempre media com a minha
 sempre um pouco menor mesmo baixa
 meus pais morriam no banco de trás
 e rápido passava um galpão enorme
 o brasil para cristo e era uma igreja
 ninguém nos viu entre as ramas
 o carro acidentado levantando a terra
 e a pasta de papéis de carta voando
 próxima da palavra dos pastores ca
 indo lentamente pelo início da noite
 até que uma sirene foi enfim tocada.

ninguém nunca disse mas os juncos no
 acostamento das estradas a viagem dos
 papéis quadro a quadro sem escrita mais
 a direção tomada pelo rumo das esquinas
 fez com que o gosto metálico do sangue
 escorrido pelo nariz e pela boca
 tomassem a minha mão para partilhar
 a única testemunha viva da morte anônima
 dos meus pais caídos depois entre os juncos
 e um muro branco onde muitos anos depois
 pensei em pichar aquilo que nos unia ou
 os nossos modestos sobrenomes.

1989

eu sou uma criança-pássaro agora
 peguei meu balanço de madeira
 e no voo alto salvei pequenas folhas
 da pasta enlameada de papéis de carta
 por cima de uma casa e de um grande
 a ci den te
 podia ter sido pior, é verdade, tenho
 somente uma pequena cicatriz no lábio
 superior exatamente no meio da boca
 onde estavam os pais que morriam
 (quando exatamente as crianças
 deixam de fazer boas perguntas?)
 minhas asas foram folhas
 os juncos as antenas
 os pulmões um conjunto tímido
 de hortênsias sujas de lama e óleo
 de carros capotados que explodiram

do alto é possível ver a vastidão das
 fagulhas e a única coisa em que pensei
 sendo uma criança-pássaro foi na ciência
 de reunir os papéis queimados e a coleção
 que seria para sempre muito útil de adesivos.

Poemas de Emily Dickinson¹

Seleção e tradução de Adalberto Müller

[God permits industrious Angels – ...]

God permits industrious Angels –
Afternoons – to play –
I met one – forgot my schoolmates –
All – for Him – straightway –

God calls home – the Angels – promptly –
At the Setting Sun –
I missed mine – how dreary – Marbles –
After playing Crown!

¹ [Nota do tradutor] Para esta seleção de poemas, as edições de referência são: *The Poems of Emily Dickinson*. Edited by R.W. Franklin. Cambridge: Harvard University Press, 1998; *The Poems of Emily Dickinson*. Edited by T. H. Johnson. Cambridge: The Belknap Press of Harvard University Press, 1955. Listamos aqui as páginas de cada poema nestas edições, sendo a edição de R.W. Franklin indicada pela letra F, e a edição de T. H. Johnson pela letra J: [Deus permite aos Anjos espertos — ...], F245A-J231; [Não sou Ninguém! Você é quem?...], F260 A-J288; [A Aranha leva a Bola Prata...], 513A-J605; [O Amor aprendemos Inteiro —...], F531A-J568.

[Deus permite aos Anjos espertos – ...]

Deus permite aos Anjos espertos –
Depois do almoço – brincar –
Encontrei um – e esqueci as colegas –
Tudo – pra Ele – ficar –

Deus chama – os Anjos – de volta –
Ao fim da Tarde –
Perdi na Bola de Gude –
E para o Truco – era tarde!

[I'm Nobody! Who are you?...]

I'm Nobody! Who are you?
 Are you – Nobody – too?
 Then there's a pair of us!
 Don't tell! they'd banish us – you know!

How dreary – to be – Somebody!
 How public – like a Frog –
 To tell one's name – the livelong June –
 To an admiring Bog!

[Não sou Ninguém! Você é quem?...]

Não sou Ninguém! Você é quem?
 Você – é Ninguém – também?
 Então somos um par!
 Não conta! Podem te enxotar!

Que chato – ser – Alguém –
 Se mostrando – como o Sapo –
 Na beira do seu Brejo –
 Sempre com o mesmo papo –

[The Spider holds a Silver Ball...]

The Spider holds a Silver Ball
 In unperceived Hands –
 And dancing softly to Himself –
 His Yarn of Pearl – unwinds –

He plies from nought to nought –
 In unsubstantial Trade –
 Supplants our Tapestries with His –
 In half the period –

An Hour to rear supreme
 His Continents¹ of Light –
 Then dangle from the Housewife's Broom –
 His Boundaries² – forgot –

1 [N.t.] Variação: theories

2 [N.t.] Variação: his sophistries

[A Aranha leva a Bola Prata...]

A Aranha leva a Bola Prata
 Nas mãos – ninguém desconfia –
 E dançando consigo Mesma
 Seu Fio de Pérola – desfia –

Do nada ao nada – a porfia –
 O Comércio insubstancial –
 Desafia qualquer Tapeçaria –
 Na metade do Período –

Um Continente de Teoria,
 Na Hora, levanta – Suprema –
 Mas logo pende na Vassoura –
 Esquecido – seu esquema –

[We learned the Whole of Love...]

We learned the Whole of Love –
 The Alphabet – the Words –
 A Chapter – then the mighty Book –
 Then – Revelation closed –

But in each Other's eyes
 An Ignorance beheld –
 Diviner than the Childhood's
 And each to each, a Child –

Attempted to expound
 What neither – understood –
 Alas, that Wisdom is so large –
 And Truth – so manifold!

[O Amor aprendemos Inteiro –...]

O Amor aprendemos Inteiro –
 O Alfabeto – As Palavras –
 Um Capítulo – e o Livro todo –
 E da Revelação – o segredo –

Mas nos olhos Uma da Outra
 Divisou-se a Ignorância –
 Mais divina do que a Infância –
 Uma e Outra, Crianças –

Buscando explicações –
 Nenhuma entendeu – nada –
 Ai! Como é largo o Saber –
 E a Verdade – que complicada –

[Explicar? Como se pode...]¹

Abraham Sutskever

Tradução de Luciano Ramos Mendes

דערקלערן? ווי אזוי דערקלערן?
די זון איז ניט געוואָרן קעלטער,
נאָר שמעלטצן דאָן זי ניט קיין טרערן
און בלויז די דינדהייט ווערט ניט עלטער.

איר ברודער יוגנט איז צעטראָטן
ווי רויטע וויינטרויבן אין דעלטער,
שוין זילבערן די האָר ביים שאַטן
און בלויז די קינדהייט ווערט ניט עלטער.

די שנייען אירע און פּיאַלקעס
באַקומסטו ניט פֿאַר אַלע געלטער.
ס'ווערט אַלט איר קיניג און זיין מלכות
און בלויז די קינדהייט ווערט ניט עלטער.

Explicar? Como se pode explicar?
O Sol em momento algum arrefece
mas lágrima não pode desgelar
e só a infância jamais envelhece.

Sua irmã, a juventude, foi pisoteada
qual uvas de vinho depois da messe
a cabeça de prata já sombreada
e só a infância jamais envelhece.

Por suas neves e flores, dinheiro
não há que baste, a troca não apetece.
Envelheceram o rei e todo o reino
e só a infância jamais envelhece.

¹ [Nota do tradutor] Abraham Sutskever. *Lider fun togbukh*. Tel-Aviv: Di goldene keyt, 1977. p. 34.

Sara

(diálogos com o pai)¹

Sara e Tomás Maia

S — O Bi [o Bisavô] vai morrer?

P — Um dia.

S — As pessoas depois de morrer continuam a fazer anos...

P — Não, não continuam.

S — Continuam sim, mas é sem querer...

(Dezembro de 2004)

*

S — Eu não quero morrer mas vou morrer. Eu não quero morrer porque não sei como vou morrer, pois não pai?

P — Não.

(4.II.2005)

*

1 Estas transcrições foram feitas por Tomás Maia, pai da Sara. Os diálogos foram transcritos para um caderno, instantes ou horas depois da sua ocorrência, não lhes tendo sido nada acrescentado. A Sara nasceu em Janeiro de 2000. Na presente retranscrição, apenas se apõem, entre parênteses rectos, breves precisões. Utilizam-se as seguintes iniciais: S (Sara) e P (pai da Sara).

S — Não consigo agarrar a água.

P — É como a vida...

S — Porquê?!

P — Porque também não a consegues agarrar.

S — Porquê?

P — Porque passa.

S — E se a vida ficar fria, assim como os cubos de gelo?

P — Pois, aí não passa e podes agarrá-la. Mas...

(13.II.2005)

*

A Sara traçou, na espuma do banho, as quatro letras do seu nome; com a agitação da água, não tardaram a desfazer-se. Ela exclamou então:

— Desapareceram — agora chamo-me nada.

(11.VI.2005)

*

S — A água é o melhor que há... Não, há outras coisas melhores... O mundo também é o melhor, e o Sol, o Sol também... Mas o melhor de tudo é o espaço, porque isto está no espaço, a água está no espaço, as árvores — até os cães abandonados estão no espaço. Tudo está no espaço. *(pausa)* É melhor dizer que as coisas estão no espaço ou que as coisas são o espaço?

P — O que é que achas?

S — Eu acho melhor dizer que as coisas são o espaço, não é papá?

P — Sim.

S — Se não houvesse espaço nem havia nós; nós não existíamos.

(23.VI.2005; muito alegre, à noite, bebendo água no intervalo das frases, após a festa d'O *Barquinho* [nome da sua escola primária])

*

S — O céu nunca acaba?
 P — O céu não existe — é o espaço...
 S — O céu é infinito?!
 P — Alguns cientistas afirmam que o espaço é infinito, outros não...
 S — Então o céu nunca viveu?!
 P — Não, o céu nunca viveu...
 S — Nunca, nunca?!
 P — Nunca.
 S — Mas tu já imaginaste? O céu nunca viver!...

(17.V.2006)

*

S — Pai, ontem tive um sonho que te quero contar. Estava em casa de uma amiga (não sei qual era) e a casa dela tinha um corredor que dava para um parque. Depois, fui pelo corredor até ao parque e lá estavam as pessoas todas do *Barquinho*: da sala da Susana, da sala da Guida, da sala da Lena e da sala da Carla. Mas elas estavam muitas altas, no cimo das grades, e começaram a gritar: “Sara, o Bi está bom! O Bi está bom!”. Depois, eu subi as grades e ouvi a voz do Bi que disse “Sara”; e depois eu vi-o sem óculos, com os olhos inchados. Mas ele estava bom — e eu comecei a chorar. E depois, pai, acordei mesmo a chorar, a chorar a sério.

(18.VI.06; o Bi encontra-se no hospital; a Sara já pôde visitá-lo uma vez)

*

S — Pai, o que é que havia antes do espaço?
 P — Como?!
 S — Bem, se eu te perguntasse pela Terra, tu falavas-me do sistema solar, se eu te perguntasse pelo sistema solar, tu falavas-me do Universo, — assim pergunto-te já sobre o espaço: o que é que havia antes?
 P — Antes, pensa-se, não havia nada.
 (*grande sobressalto*)

S — Nada antes do espaço?!

(*pausa*)

P — O que não é um espaço vazio, um espaço com nada. É nada, nenhum espaço. É difícil de imaginar porque nós vivemos no espaço e no tempo, e é deles que temos imagens...

S — Pois é...

P — Pensa-se que houve uma explosão, uma grande explosão (a que se deu o nome de *big bang*), e que terá estado na origem do Universo tal como o vamos conhecendo hoje... Mas continua-se a investigar...

S — E antes dessa explosão — ela era muito quente?

P — Sim.

S — Mais quente do que o Sol?

P — Oh, sim...

S — Pai, interessa-me tanto o que havia antes de mim...

(8.IX.2006)

*

S — Estou a imaginar uma cabana e estou lá dentro. (*pausa*) Estou a entrar dentro do meu sonho.

(14.III.2007)

*

S — Pai, quando é que o Bi faz anos?
 P — A 10 de Setembro. Mas este ano já não vai fazer...
 S — Pois... Mas podíamos cantar os parabéns, à mesma. E podíamos fazer um bolo — só que deixávamos a vela apagar-se sozinha...
 P — Porque o Bi já não está presente?
 S — Não, ele está — mas é invisível.

(20.IV.2007)

...

O regresso à infância

Jorge Sousa Braga

De vez em quando regressas à tua
infância Para visitares um sorriso
para iluminares os quartos escuros
que deixaste para trás Para arrumares
as botas fora da porta ou para fazeres
as pazes com os gatos no cemitério
entre os jarros brancos Outras vezes
é a infância que te procura e não te deixa
adormecer Todos regressamos
à infância nem que seja para morrer

A infância prometida

Maria Carolina Fenati

A anunciação

Descobri que estava grávida na manhã seguinte a uma noite de amor. Tive um sonho candente: estava em Belo Horizonte, cidade em que nasci, e buscava a minha mãe para almoçarmos. Ela entrava no carro e me dizia: “O templo feminino acaba de ser descoberto. Você já foi ver?” Respondia-lhe que não, e juntas seguíamos para o litoral, perto do mar. “Está ali.” — disse-me ela, apontando para a praia. Atravessamos a avenida beira-mar e vi: o templo era feito de areia, com amplas salas abobadadas ligadas por extensos e estreitos túneis. As paredes do interior eram marcadas por pequenas concavidades, como se todo o edifício houvesse sido esculpido na areia com as pontas dos dedos (como quando as crianças fazem seus castelos na praia). Cada sala era habitada por uma deusa e lembro-me de ver Nossa Senhora, Iemanjá, Afrodite e Nanã, cada uma com seu altar luminoso e quase nu. De dentro das salas e dos corredores, escutava-se o rumor do mar, e de algumas

janelas via-se o vai e vem da água. Caminhei pelo templo e lembro-me de sentir o corpo a contrair-se e a expandir-se, espremendo-se pelos corredores e alongando-se diante dos altares das salas. Impressionava-me a beleza do lugar, que parecia ter estado ali desde sempre, ao mesmo tempo antigo e futuro: vinha de tempos imemoriais e destinava-se ao futuro longínquo. Todavia, para mim, era a primeira vez que se revelava. Perambulei pelo templo por tempo suficiente para dele me lembrar com precisão, e agora que o descrevo pela primeira vez vejo-o nitidamente. Não sei em que momento do sonho minha mãe e eu decidimos ir almoçar, saímos do templo, voltamos para o carro e seguimos.

O sonho era claríssimo — todavia qualquer coisa em mim evitava olhar frontalmente para o vislumbre que ele anunciava. Dediquei-me a percorrer na vigília o que conhecera em sonho e algumas vezes me pareceu que tratava-se justamente de um útero gigantesco, herdado das mulheres que me antecederam, e no qual a espécie humana se mantém e se recria sob os olhos e os poderes das deusas. Inspirou-me também pensar na proximidade das águas — o som do mar no sonho era permanente, como talvez o som que uma criança escuta na barriga da mãe, e lembrei mais tarde que os altares do templo tinham ornamentos de metal enferrujados pela maresia, o que dava a tudo a mesma tonalidade terrosa, feminina, quente. Meditei sobre o poder das águas, e sobre as relações entre água e escuta — talvez o templo feminino seja, além do útero, o ouvido, com seus labirintos e galerias. As imagens reverberaram intensamente nos dias que se seguiram ao sonho, e todas as vezes que ponderei se, para além de tudo isto, este sonho seria uma anunciação, ou melhor, a anunciação claríssima de que não estaria mais só no mundo, de que na engrenagem do meu corpo a física mais simples e mais complexa iniciava os mecanismos de expansão da vida, sempre que eu pensava nisso, sentia uma emoção quase insuportável, uma inédita mistura entre alegria e timidez, espanto

e ternura, medo e entusiasmo. Desviava então os olhos, em parte por não saber como acolher o que me acontecia, em parte por desejar viver sem urgência todos os detalhes e as nuances desta aproximação.

Poucos dias mais tarde, uma amiga convidou-me para almoçar com ela, o marido e o filho pequeno. Fomos a um restaurante na Calçada do Combro, em Lisboa, onde vivíamos. Comíamos a sobremesa quando o menino, sentado no meu colo, perguntou-me: “O que tem na sua barriga?” Sorri em silêncio e ele insistiu: “— É comida?” Disse-lhe que sim, que poderia ser o peixe que eu havia comido. O menino, ainda no meu colo, ágil e alegre, me afirmou: “Não é comida, é um neném.” — disse-me isto e escapuliu-me do colo para brincar com as colheres e o resto de doce. Lembro-me de ter disfarçado a minha comoção, buscando vivê-la apenas intimamente, como se o menino tivesse me revelado um segredo que precisava expandir-se no meu interior antes de ser testemunhado por alguém. Fiquei ali, rodeada pelos amigos e ouvindo o som do restaurante naquele dia absolutamente comum. Durante o resto do tempo do almoço, dediquei-me a observar a mim mesma, as minhas sensações, e o menino que me havia feito a anunciação. Atento aos acontecimentos da infância, o menino afirmou-me com simplicidade e alegria que uma nova vida estava por vir. Como ele a havia visto? Será que o menino escutou a criança que se formava no meu ventre — tão pequena, tão informe, tão viva? Talvez ele lhe tenha feito uma promessa, ou então viu-a e quis dizer-lhe, a ela e a mim, que alguém a esperava. Como o anjo que disse a Maria que ela não precisava temer, o menino inspirou-me a livrar-me do medo de acolher o que me acontecia. A simplicidade com que anunciou a vinda de uma nova vida enraizou o meu desejo e, se até ali eu sabia sem poder ver, agora eu confiava na intensidade desta vinda justamente porque a desejava. Escutava as minhas próprias sensações e via-o brincar: aquelas mãos pequeninas animadas por um espírito novo, os olhos tão vivos, o indeterminado que

era a sua vida, o afeto que o ligava ao mundo, o choro intermitente, o humor que o acompanhava! Tudo isto é simples e mágico, milagroso e banal — havia uma criança no meu ventre e se isto era vertiginoso, singular e extraordinário, era, ao mesmo tempo, um ritual da espécie, e eu me sentia amparada pela história ancestral daquele acontecimento irrepitível. A infância me prometia o seu retorno na minha vida.

A espera

Os primeiros tempos da gravidez são de espera e segredo. A paisagem interior modifica-se com velocidade e, enquanto as células da criança multiplicam-se e especializam-se, o corpo da mãe se modifica: meus seios cresciam, a anca alargava-se. Sentia bastante fome, algum enjoo e muito sono — com estas sensações dediquei-me sempre que pude à nutrição e ao descanso. Numa noite, sonhei que meus seios eram feitos de pedras preciosas, dentro das quais o leite se formava. Era belíssimo, sentia que uma sabedoria antiga operava no meu corpo para criar a nova vida e o seu alimento. Quando acordei busquei escrever o que havia visto:

As mulheres têm pedras preciosas nos seios
 Talvez todas talvez eu
 Quando as glândulas tornam-se minerais
 [e lentamente rolam
 umas sobre outras as moléculas ancestrais do
 [mundo novo
 Quando brotam rígidas e reluzentes azuis
 [verdes douradas violetas
 as pedras são fonte de uma matéria branca
 que espera
 que escorre
 Há mais universo nos seios do que nos umbrais.

Despertei-me de súbito, e vi claramente que algo que imaginava (e temia) antes da gravidez havia se dissipado ali. Imaginava que o dia que engravidasse eu atravessaria uma espécie de portal sem retorno, e isto me fazia sentir uma terrível vertigem mental. Imaginava que teria que tornar-me mãe repentinamente e, como não fazia ideia de como isso se fazia, sentia medo e ameaça. Por vezes imaginei como seria passar pelos umbrais deste portal, e a verdade é que via tudo tão desconhecido que preferia não olhar. Este sonho vinha me dizer que nesta edificação mental me esquecia do fundamental: quando engravidasse eu estaria, justamente, *grávida*. Isto é: já se estariam a operar em mim transformações que me afastavam daquele estado mental anterior, aquele que, por não saber, projetava sem cessar as imagens que temia. Agora as ancas alargavam-se, sentia um sono infantil, os seios cresciam e era isto que me ensinava a escutar o universo que se abria no meu ventre, e na minha vida. Como sempre, quando o que nos é dado viver acontece, aquilo que imaginávamos antes dissipa-se como poeira. A experiência é a verdadeira autoridade, dizia Bataille.

Tudo isto acontecia intimamente — apenas meu marido e eu sabíamos da gravidez, o que fazia dela também um *segredo*. Enquanto a barriga não cresce, as mutações do nascimento são sutis e, para quase toda a gente, invisíveis. Degustávamos este segredo entre nós — falávamos da bebê, imaginávamos nomes, adivinhávamos os olhos e a voz; temíamos o mundo que ela iria encontrar, desejávamos que fosse corajosa e humilde; fantasiávamos expectativas, olhávamos possibilidades para o seu mapa astral, comíamos iogurte para fortalecer seus ossos; ficávamos em silêncio, e isto era profundo e luminoso. Hannah Arendt escreveu que tudo o que vive emerge na obscuridade: “por mais forte que seja a sua tendência para se orientar para a luz, aquilo que é vivo necessita da segurança da obscuridade para alcançar a maturidade”. Talvez esta seja a razão pela qual a intensidade luminosa da gravidez seja durante os primeiros meses quase imperceptível

ao mundo público: dentro do útero, a minha bebê era nutrida, aquecida, acolhida, protegida; e eu, que vivia tantas mutações, sentia-me protegida pelo silêncio em que isso acontecia, e esquivava-me de tudo o que poderia vir a antecipar as minhas decisões, obstruir a escuta da dádiva, ou tornar excessivamente visível o que não era senão um mistério radicalmente tangível. No escuro, a bebê crescia e eu a acolhia com espanto, ternura e em silêncio.

Talvez pela força da dádiva (Leiris escreveu sobre a receptividade a algo que nos é ofertado sem que o tenhamos exatamente buscado), talvez como efeito da metamorfose do corpo, talvez por sentir que agora alguém testemunharia pelo resto da vida as minhas qualidades e os meus dramas, talvez por tudo isto e por outros motivos que não sei — gerar uma nova vida fortaleceu em mim o desejo de revolução interior. Escutava um apelo para que o mais íntimo fosse revolvido, e confiava que mesmo as minhas repetições mais arraigadas poderiam ter suas raízes suspensas. Quer dizer: a gravidez foi simultânea a uma radical suspensão da identidade, e a chegada da nova vida era também um aviso da minha morte e do meu renascimento. Se o epicentro das mutações era aprender a tornar-me mãe, os seus efeitos alargavam-se e atingiam com suavidade, e de modo implacável, diferentes camadas da vida. Vi ressentimento, mágoa, raiva, angústia, medo; rememorei tristezas de que já não me recordava, me revi criança e adolescente, nomeei mágoas que experimentei nas relações amorosas; sonhei com doenças dos meus ancestrais, observei o sofrimento vivido pelas mulheres que me antecederam e que, vivo e feroz, se atualizava em mim. Diariamente percebia de que modo estes sentimentos se escondiam e se perpetuavam em gestos repetitivos, em hábitos enrijecidos ou em trágicas crenças íntimas. Via tudo isto e, como noutros momentos da vida, sentia-me perturbada; todavia, com a gravidez, via com mais clareza e sentia simultaneamente um apelo intenso, e um poder imenso, para a metamorfose. Era como se tivesse um

bisturi nas mãos — experimentei cortar, secar, urdir, cuidar, romper, operei de modo profundo. Escutava minhas estruturas a ranger e isto era dolorido e jubiloso; interrompi gestos de amargura, ri do que me perseguia, destemi o entusiasmo, acolhi o encantamento. Talvez este poder operatório fosse um efeito da graça, como se a força que me oferecia uma criança me desse também o poder de cuidar mais radicalmente do corpo no qual ela se formava. De todo modo não sabia o que adviria destas mutações e, se por um lado as operações eram efeitos da clarividência, por outro eram feitas quase às cegas: queria abrir, arejar, limpar e ampliar o espaço interior como um gesto de acolhimento ao desconhecido. A experiência da gravidez era simultaneamente a clarividência e a escuridão.

Pouco a pouco a barriga cresce e aquilo que era vivido em silêncio torna-se a boa nova. Lembro de degustar a notícia como uma criança degusta uma bala na boca, rolando-a na língua, tornando-a redonda e brilhante. Todavia, escapar ao silêncio foi para mim exigente, e me causou timidez. Talvez porque faltavam-me as palavras, talvez porque a intensidade era outra vez tamanha que algo em mim recuava, talvez por querer ainda me manter no aconchego do silêncio. De todo modo, pouco a pouco toda a gente soube, e lembro-me da alegria que as pessoas sentiam (especialmente as avós). Lembro-me ainda das pessoas que me felicitaram sem me conhecer, que me desejaram sorte e que me abençoaram quando me viram num café, numa fila, numa biblioteca. Uma criança é uma novidade no mundo, disse também Hannah Arendt, e quem vê a sua chegada respira de alívio porque a vida, apesar de tudo e por tudo, continua.

Nesta época, tive outro sonho: era uma catedral antiga, com um teto altíssimo, no qual via-se uma rosa branca. A flor era imensa, esculpida em mármore, e estava virada para baixo, de modo que quem a olhava desde os bancos da catedral via com nitidez o desenho formado pelas pétalas. Nunca havia visto uma força tão sensual e feminina a ocupar a abóboda

de uma igreja, e meditava sobre isto quando, baixando os olhos, reparei que nos bancos só havia mulheres, e que eram todas velhas. A verdade é que eram velhíssimas, algumas pareciam árvores de duzentos anos. Falavam entre si e eu ouvia um permanente murmúrio rouco, sem conseguir entender o que diziam. Percebi então que o único homem que havia ali estava no púlpito, vestido como um padre, e conduzia um ritual. Dediquei-me a observar o que acontecia: o homem tirava de uma caixa um pequeno papel e lia alto o nome de uma família; em seguida, buscava o bebê destinado à família sorteada e entregava-o a um grupo de mulheres velhas. Esta sequência repetiu-se várias vezes — o homem, o nome, o bebê, as velhas; o mesmo homem, outro nome, outro bebê, mais velhas. As mulheres subiam em pequenos bandos ao altar. Quando saíam com o bebê, passavam-no de colo para colo, apertavam-no contra o peito, falavam no seu ouvido, limpavam-no com as bordas dos vestidos. Apenas uma vez tentei ir atrás de um destes bandos, e ainda lembro do rosto enrugado da velha que, impedindo que eu me aproximasse, me disse: “Isto não é seu agora, somos nós que vamos cuidar dele.”

Durante o sonho senti angústia, que persistiu depois de acordar. Imaginava que as velhas queriam tomar a nova vida, quase como se a fossem engolir, e temia que o gesto delas abafasse o que nos bebês era novo e claro. Perguntava-me onde estariam a mãe e o pai de cada bebê, com os quais, imaginava eu, eles estariam mais abertos ao imponderável das suas próprias vidas. E o que sentiriam os bebês? As imagens inquietavam-me na manhã que se seguiu ao sonho e aos poucos percebi de que modo elas encontravam ressonância na minha vida. Diante da promessa de um bebê, o que havia de mais antigo em mim se levantava, como as velhas da igreja, atraído pelo que na criança havia de futuro. Na minha experiência interior dava-se então uma espécie de batalha na qual o velho, ameaçado pela própria tendência a petrificar-se, buscava revolver-se para renovar-se, inspirado pelo clarão da vida nova. Sentia claramente também

que o mais antigo era o que dava ao novo as condições de possibilidade da sua existência — eu sentia-me acolhida, como disse, pela sabedoria feminina ancestral que criava em mim a tecnologia da reprodução da vida. Imaginei-me bebê no colo das velhas, vi-me sentada sob um teto de rosa branca e senti o amparo desta força feminina. Talvez seja por amar tão profundamente o novo que o mais antigo torna-se capaz de gerá-lo e acolhê-lo. Experimentava isso interiormente, e testemunhava que a batalha do nascimento, sendo de algum modo uma ameaça (há sempre risco), era essencialmente uma oportunidade luminosa de honrar a vida enquanto transformação. Esta confiança me havia sido dada pela experiência, e eu vivia isto intimamente há alguns meses. Todavia, agora que a novidade era partilhada, esta experiência tornava-se comum e o sonho viera me ensinar esta passagem. Meus ancestrais tornavam-se avós e bisavós, meus amigos eram tios, toda a gente envelhecia um pouco para acolher a nova criança. Era preciso estar atenta para ver que, se o mais antigo manifestava como nunca os seus vícios e dores, era porque vivia, pela aproximação do radicalmente novo, a possibilidade da sua renovação. Na experiência interior, estes movimentos aconteciam sem interrupção; com o sonho, eu era lembrada de que viveria isto no amplo círculo dos meus contemporâneos. Sabia que a vinda da minha bebê viria a operar em nós de modos imprevisíveis e, inspirada pela sua luminosidade, exercitava a minha confiança. O sonho me ensinava que ela em breve iria nascer, tornar-se novidade no mundo.

○ nascimento

Algumas semanas antes do parto, tive uma visão: vi-me como uma pomba enorme, que girava na clareira de uma floresta. Tinha uma pata fincada no chão, tesa e leve; girava todo o corpo sobre este eixo, impulsionada pela outra pata que, neste movimento, selecionava gravetos e folhas que empurrava para o centro. Escutei o testemunho de algumas mulheres sobre o

parto, e a imagem de uma força selvagem a fazer seu ninho não estava distante do que elas afirmavam. Esta visão me acompanhou por alguns dias, junto com a sensação de que se aproximava uma experiência violenta e sagrada.

Poucos dias depois, meus lábios incharam, minhas pernas e pés também, e intuí que precisaria acolher o desconforto para despedir-me da gravidez. Talvez tenham sido estes os primeiros sinais de que meu corpo começava a abrir-se, invertendo o movimento dos últimos meses (a gravidez foi uma experiência de concentração, como se uma espiral de energia centrípeta tivesse o seu vértice no meu umbigo). O corpo se abria e eu recolhia-me, enquanto sentia-me a despedir-me — da barriga, da gravidez e da mulher que eu era, do modo como vivia o tempo e as relações. Sabia que outra vez, tal como havia acontecido quando soube que estava grávida, tudo seria invadido por um movimento de metamorfose vertiginoso e profundo, mágico e cotidiano. Estava envolvida pelas transformações do corpo e observava também a atmosfera sutil onde elas ecoavam. Buscava não temer, observava as pessoas na rua e via que todas elas tinham nascido, tinham saído da barriga de uma mulher sem saber para onde iam, tinham sido de algum modo acolhidas no mundo. Era assim com toda a gente, tinha sido assim comigo, seria assim com a minha bebê.

Com a barriga imensa, tive um sonho. Estava numa espécie de arena com centenas de mulheres grávidas. Uma de cada vez erguia-se no centro da roda, e ali recebia uma chuva de ouro e água, enquanto a multidão torcia por ela, gritando seu nome e enviando-lhe bênçãos. Eu estava entre a multidão e torci para muitas mulheres e seus bebês, desejando-lhes saúde e alegria. De repente, senti-me novamente tímida, e recuei ao ver que a minha vez se aproximava. Afligia-me estar no centro da arena e arrepia-me pressentir a intensidade das bênçãos que me seriam destinadas através das águas, do ouro, das vozes. Precisei de um instante de preparo e corri para um camarim. Diante de um espelho, lavei o rosto, olhei-me nos

olhos, pintei um dos cílios e voltei para a arena. Quando senti as primeiras gotas d'água e ouro caírem no meu corpo, acordei. Era um sonho intenso e ainda de olhos fechados lembrei-me de Oxum, rainha do ouro e das águas doces, orixá que acompanha, guarda e protege as mulheres no parto. Rezei para que ela me acompanhasse e me abençoasse.

Blanchot escreveu que a metamorfose acontece “pouco a pouco, embora imediatamente”, e foi o que senti quando começaram as dores do parto. Eram dores ritmadas, que intensificavam-se pouco a pouco. Foi preciso reinventar a resposta à dor — não recusar, não prender, não tensionar, porque isto fazia doer ainda mais (talvez por contrariar o movimento de abertura do corpo). Busquei sentir dor e relaxar, sentir medo e desconstrair, sentir o rosto do desconhecido a cravar os olhos nos meus e acolher — foram poucos os rituais durante os quais vivi estas sensações, nunca tão radicalmente como no parto. As horas que se seguiram, como lembro agora, passaram num instante. Testemunhava a força do nascimento que operava em mim, respirava, buscava movimentos que ajudassem o corpo a abrir-se, e exercitava-me na entrega sem reservas àquele ritual de despossessão. As contrações intensificam-se conforme a dilatação aumenta, e busquei uma economia de energia que me ajudasse na longa duração: movia-me conforme o necessário durante cada contração, descansava nos intervalos. Este exercício durou algumas horas, e via a força do nascimento (da bebê e da mulher que se tornava mãe) a empurrar meus ossos, alterar meu estado de consciência, dilatar minhas membranas, convocar meu espírito a presentificar-se. A natureza mostrava sua inteligência, arrancava-me gemidos e me exigia confiança.

Quando comecei a sentir vontade de empurrar a bebê, quando as contrações já haviam atingido o seu auge e começavam a suavizar, quando ela já estava com a cabecinha encaixada para sair, quando parecia que estava quase a acabar, senti que talvez não conseguiria. Quem me acompanhava pedia que

eu fizesse força, que aproveitasse a duração da contração para expulsar a bebê e eu, depois de tanto tempo, já não sabia onde encontrar força, nem distinguia propriamente as contrações e os intervalos. Durante a gravidez, imaginei que no parto talvez seria preciso cruzar um limite íntimo, inventar um caminho para lá do que me parecia possível. Para mim, isto não aconteceu pela intensidade da dor, mas acontecia agora, durante a expulsão da bebê, e por exaustão. Foram algumas horas de esforço e eu cada vez mais fraca, até que quase desisti. O que seria desistir? Quase pedi que a bebê me fosse retirada de alguma outra maneira; no meu delírio, perguntei se haveria modo de descansar antes de continuar e, claro, me disseram que não. O nascimento não recua! Talvez tenha sido neste momento que qualquer coisa em mim morreu, e se digo qualquer coisa é porque não sei o que foi, algo morreu de uma vez para sempre, nesta despedida queimou sua imagem (intuo que tratava-se da minha própria imagem naquele instante, da qual não posso sequer recordar). Continuava a escutar que o melhor seria encontrar força, uma concentração de força contínua e intensa. Respirei e procurei em mim onde haveria aquela força. Lembro-me de errar, com o máximo de atenção, por cada parte do meu corpo (cabeça, peito, braços, estômago) e de não encontrar nada, até que, num momento, encontrei um grão luminoso, um quase nada. Nutri-me deste grão e foi com ele que retomei as forças. Sentia a bebê perto, e se algo morrera, em mim já havia o que desejava ardentemente nascer — respirei, empurrei, senti as peles da vagina a rasgarem-se, ela nasceu.

2 poemas sobre erês e um terceiro

Iago Passos

[silencioso, conversava...]

silencioso, conversava
com árvores e pedras

algumas das árvores
lhe presenteavam cascas

as coisas não eram coisas
eram gente, só que diferente

até hoje coleciona
os pedaços que lhe dão

de presente

[eram três e são dois]

eram três e são dois
os pequenos aos pés
dos tambores

são dois e eu um
festa adentro danço
e ganho doces

o menino me olha
batendo na porta
há um poço escuro nos olhos

filha de matamba me ensina
desse poço quem conhece
o fundo não é mais daqui

deixa eu entrar?
sozinho tenho frio e fome
sou teu avô que não cresceu

mamãe dá colo e sorri
na enxurrada
ela chora eu não vejo

vem brincar ô menino
canta ciranda
nina Kianda

(ronca no meio
da roda)

vem brincar ô menino
canta ciranda
nina Kianda

(dobra no riso
a velhice do novo)

[era festa do velho...]

era festa do velho
seu sorriso me dizia dos gestos que dor-
mem

a criança veio me devolver algo que deixei
cair
eu era erê e prometi sempre ter olhos de erê

o dono da cura me deu olhos de rever
infâncias
lembrei, nunca mais esqueci

: segurar firme a voz do invisível

Ensaaios de Fritz Koscher¹

Contados por Robert Walser

Tradução de Carolina Betereli

Introdução

O garoto que escreveu esses ensaios faleceu não muito após ter deixado a escola. Eu tinha alguma dificuldade em motivar sua mãe, uma adorável e honrada senhora, a me permitir publicá-los. Ela estava compreensivelmente muito apegada a essas páginas, o que deve ter sido uma melancólica e doce lembrança de seu filho. Somente diante da promessa de que eu os publicaria inalterados, assim como seu pequeno Fritz os havia escrito, ela finalmente os deixou em minhas mãos. Os ensaios podem muitas vezes parecer maduros e, outras vezes, muito pueris. Um garoto pode dizer palavras de grande sabedoria e palavras de grande estupidez praticamente ao mesmo tempo: assim são os ensaios. Eu me despedi da mãe do garoto da forma mais polida e agradecida que pude demonstrar. Ela me contou toda espécie de aspectos da vida do pequeno rapaz, os quais coincidem graciosamente com os aspectos de seus trabalhos

¹ [Nota da tradutora] Robert Walser. *Fritz Kochers Aufsätze*. Sämtliche Werke in zwanzig Bänden — Erster Band. Berlin: Suhrkamp Verlag, 1986, p. 7-8, 24-26. Este volume reúne ainda outros ensaios, ao modo das redações escolares, como “A Escola”, “Amizade”, “Sobre a Imaginação”, entre outros.

escolares aqui apresentados. Ele, que possuía um divertido e soturno sorriso, teve de morrer cedo. Não foi justo com seus certamente grandes e brilhantes olhos não poder ver nada do grande mundo que ele tanto almejava alcançar. Deste modo, foi-lhe concedido ver claramente tais coisas, a sua maneira, assim como o leitor irá certamente concordar quando ler esses ensaios. Até mais, meu pequeno amigo! Até mais, leitor!

Tema aberto

Hoje o professor disse que podemos escrever sobre o que vier a nossa mente. Para falar a verdade, nada vem à minha mente. Eu não gosto desse tipo de liberdade. Eu gosto de estar atrelado a um tema. Eu sou muito preguiçoso para pensar em algo sozinho. E o que seria isso? Eu fico igualmente feliz em falar sobre tudo. Eu não gosto de ficar procurando por um tema, eu gosto de olhar para as lindas, delicadas palavras. Eu posso criar dez, até cem ideias de uma mesma ideia, mas a ideia original me falta. O que eu sei é que escrevo porque é agradável preencher as linhas com pequenas letras. O “que” não faz nenhuma diferença para mim. — Ah, já sei. Eu vou tentar descrever nossa sala de aula. Isso nunca foi feito antes. A nota “excelente” não poderá me escapar. — Quando eu levanto minha cabeça e olho sobre as várias cabeças a minha volta, não posso fazer nada senão rir. É tão misterioso, tão estranho, tão bizarro. É como um doce e sussurrante conto de fadas. Pensar que cada uma dessas cabeças está cheia de assíduos, saltitantes, apressados pensamentos já é bastante misterioso. A hora da redação deve ser a mais bela e devota justamente por isso. Nenhuma outra hora passa tão sem ruídos, tão digna, e com todos trabalhando tão silenciosamente sozinhos. É como se você pudesse ouvir o pensamento em si mesmo, silenciosamente sussurrando, silenciosamente agitando-se. Como o movimento de um pequeno rato branco. De vez em quando uma mosca levanta voo e então levemente pousa sobre uma cabeça para relaxar sobre um único fio de cabelo. O professor senta em sua mesa como um ermitão entre altos penhascos. A lousa é negra, insondáveis lagos. Os abismos entre eles são as brancas espumas das ondas. O ermitão está completamente imerso em pensamentos e reflexões. Nada que acontece no mundo, ou seja, na sala de aula, o toca. De vez em quando ele luxuriosamente

arranha seus cabelos. Eu sei que luxúria é coçar a própria cabeça. Dessa forma é possível incitar infinitos pensamentos. Isso não parece especialmente bonito, é verdade, mas de qualquer forma nem tudo pode parecer bonito. O professor é um homem baixo, frágil e débil. Eu ouvi dizer que homens como esses são os mais inteligentes e estudados. Isso pode muito bem ser verdade. Eu estou firmemente convencido de que esse professor é muito inteligente. Eu não poderia carregar o fardo desse conhecimento. Se parece irreal escrever isso, por favor, tenha em mente que é absolutamente necessário para o retrato de nossa sala de aula. O professor é muito excitante. Ele frequentemente fica com muita raiva quando um estudante o deixa nervoso por não ser capaz de fazer algo. Isso é errado. Porque ficar irritado por algo tão insignificante como um estudante sendo preguiçoso? Mas, na realidade, eu tagarelei. Se eu estivesse em seu lugar, eu também seria negligente. Você tem que ter um talento muito especial para ser um professor. Manter a dignidade com malandros como nós durante todo o dia requer muita força de vontade. Tudo isso considerando que nosso professor tem muito autocontrole. Ele tem uma maneira gentil, inteligente de contar histórias, à qual não se pode deixar de dar crédito. Ele está sempre vestido corretamente, e é verdade que nós rimos muito às suas costas. Costas são sempre um pouco ridículas. Não há nada que se possa fazer sobre isso. Ele usa botas altas, como se estivesse retornado da batalha de Austerlitz. Essas botas, que são tão grandiosas, que só não têm esporas, nos dão muito o que pensar. As botas são praticamente maiores que ele. Quando está realmente bravo, ele bate os pés com elas. Eu não estou muito feliz com o meu retrato.

Exercitação III¹

Maria Filomena Molder

Música e sedução

*

Que sons ouço? Quem? A porta da varanda está entreaberta.
Que calor faz pelo mês de Agosto!

Repara, repara, a luz desta noite é verde-azul como a de uma
estação de comboios.

Os ouvidos. Pastor, que simulação essa das vozes e cães,
ah! temo, temo a cancela tua, onde guardas teus cães? Sou
pequena dentro desta cama, meus ouvidos enganam-me. De
manhã esconder-me-ei dentro do vaso que fica no patamar
da escada.

1 Publica-se aqui um conto escrito quando eu tinha vinte anos, e publicado, conjuntamente com outros três da mesma época, em edição de autor, quando completei cinquenta. O livro intitulou-se *Exercitações*. Eis o seu colofon: “Este livro, com uma fotografia de Jorge Molder no início (Polaroid, Agosto de 1999), foi ilustrado por Adriana Molder, desenhado por Pedro Falcão e composto em caracteres Collis de Christoph Noordzi. Revisão de José Gabriel Flores. Inclui ainda um CD com canções de Debussy, Poulenc, Schönberg, Webern e Alban Berg, interpretadas por Catarina Molder, acompanhada ao piano por Francisco Sasseti. Numa tiragem de 300 exemplares, foi impresso na Guide Artes Gráficas e produzido pela Secretonix até ao dia doze de Agosto do ano dois mil.”

Entre Ítala e Cobre, dois flancos de montanha, domestiquei
meus cães.

Ensinei-lhes o cheiro, a náusea e a fuga.

* *

Tu chegas-te perto de mim e perguntas:

— Chamaste-me?

— Oh não, como é possível! Ouvia a música e afundava-me
na minha grande cama.

— Chamaste-me?

* * *

Entrava no quarto e dava voltas à cama, entre os cobertores
soltava as tranças.

Quanto tempo depois adormeceria?

Não se lembrava. Ficava horas e horas a tentar reconhecer o
sono e no momento exacto. Que esquecimentos!

Então, súbito, enquanto a sua pálida mente se esgotava em
mansas escaladas, ouvia-o

— OUH! EH!! OUH! EH!

Pastor pastor

Os cães respiravam quase sem fôlego e ladravam de júbilo.

Ele corria certamente descalço.

— OUH! EH! OUH! EH!

Mas teria uma mula ou uma égua, que conduzia, sim pastor
de rebanho inexistente, talvez mercador.

E no entanto, aparecia-lhe tantas vezes imóvel, intransigente
nos seus gritos.

— OUH! EH! OUH! EH!

Ah! como me enganam teus gritos, me enganavam.

Soldado entre tréguas de pano de lençol.

Amor Amor Amor

Por quem esperas?
 Amor Amor
 Ouves. Ouves. As ruas ecoam os meus gestos, a minha língua,
 que ouves? Os cães, a égua, os cestos, selvajaria de inaptidão
 esta minha.
 Insensatez.
 Amor Amor Amor
 Não morres de fome, nem teus braços são finos como cordas
 e transparentes, baços, nem teus olhos enormes e gritantes,
 nem teu ventre erguido.
 Criança. Não morreres tu de fome, enquanto.

* * * *

Que calor fazia! Era Agosto e como te ouvia longínquo. Sem
 saberes caminhavas para mim. Amava os teus gritos e quei-
 xumes, os teus cães.
 Oh! espreito pelas janelas da varanda e a lua é tão branca que
 me desfaz os lábios. saberias que cor têm os meus olhos?
 Eu espreitava e tu estavas tão longe, só teus gritos ouvia, ouvir.
 Como é ouvir?

Amor Amor Amor
 Falas tantas são. Com o correr das noites progride minha
 agonia.
 Meus cães lembrados não serão. Algum perseguidor me ferirá.
 Desejado por ti serei, oh! delinquência da voz.
 Quando me ouves, que ouves?

* * * * *

Minhas três irmãs desleixam-se tanto!
 Deixam obscurecer os pentes e enchem de nódoas a toalha
 de mesa.

Persigo-as todo o dia sem que suspeitem. Passeio entre elas
 e não me vêem. Ah! que conversas gastam horas a fio. E eu
 fingindo dormir.

Amor. Desventura imprópria de mandar. Meus soluços obri-
 gam-me a esconder-me. Tudo me dói e a tua ausência. Não
 saber como encontrar-te.
 Desvaneço-me nos teus dias. Teus contos perseguem minha
 falsa identidade.
 No teu corpo não floresce ainda o negro triângulo (é de renún-
 cia esta minha aprendizagem).
 Criança. Amarga condição de te saber.
 De enganos semeaste todas as noites, nestas ruas percorro,
 na chuva doentia, nos uivos dos cães (política dizem que faço),
 porém és tu a ouvir-me e a ordenar-me. Que desvarios!
 Teres mãe e pai e três irmãs é solidão que te não basta. Das
 coisas insurges-te e dos meus gritos inventaste as noites, tua
 varanda, a lua e todas essas meadas que fazes e refazes.
 E de manhã (como tentas a objectividade) de novo interrogas
 teus pais e espias tuas três irmãs.
 Criança. Amarga condição de te saber.

Correrias

*

Não percebo o que dizes. Não me insurjo das coisas. Apenas
 lhes dou pontapés. Ensinas-me?
 Não me insurjo das coisas. É que te ouço e ninguém mais. Por
 isso me escondo e me espreito.

Ouves? Apalpei-lhes as coxas húmidas (ai! as saliências dos
 ossos). Como lhes brilhavam os olhos. Grandes. Enormes.
 Eram fotografias e fotografias de crianças escuras e magras.

Crianças. Vômitos. Vômitos.
 A morte tem qualquer semelhança para mim.
 Os olhos brilhavam grandes como covas, fundos, esfomeados.
 Ouves? Mastiguei lentamente. As crianças choravam da
 minha lentidão. Mastiguei todas as fotografias e os anúncios
 de máquinas e o nome das terras (?).

* *

Fui ontem visitar a casa da minha avó. Tem um banco com
 uma pêra desenhada, e muitas canecas penduradas na cozinha
 em ripas de madeira.
 A lareira é tão alta que poderia lá dar saltos e saltos.
 Ó! sento-me num cesto de verga e balouço-me.

Eu não te posso deixar meus instrumentos, meus gritos (sou
 vigilante), nas tuas ruas foram-se tantas vezes esquecendo
 meus cães de correr. Eu não te posso deixar.
 Te hei-de fugir, meus cães perseguem-me já, mas irei lento
 que sei do temor bastante.

* * *

Hermes segredou-te o caminho dos Infernos e eu desmaio
 de pavor.
 Meus cães mordem-me os tornozelos e salivam nos meus pés.
 Nas ruas, quantas vezes te persigo e ouço os teus risos e ais.
 Hoje é o silêncio.
 Percorres já os subterrâneos e demoras-te entre os mortos.
 Não, não os verás. Por ora, é no vestibulo que permaneces.
 Como os deuses te são benignos (para mim será a
 impaciência).
 Despem-te e os deuses levam-te pelas mãos (asas ou vidros),
 desdobram-te e colocam teu rosto à beira do lago. E tu esque-
 ces, esqueces.

Pelas tuas pernas escorre uma chuva morna e tu gritas que te
 mordem, gritos não de dor ou de angústia.
 Os deuses possuem-te. Como és quente!
 Sim. Hermes segredou-te entre as pernas o caminho.
 Dos Infernos.

Morte

*

Bateu hoje à porta um coelho assustado e magro vestido de rapa-
 zinho. Tinha o cabelo cortado e sapatos grandes e amarelos.
 Beije-i-lhe a boca para o consolar.
 Vinha carregado de batatas e cervejas. As lágrimas trepavam-
 lhe pelas calças largas e velhas.
 A camisa estava toda molhada e os olhos fugiram para dentro
 da cara. Então eu tirei um lenço e apertei-o à roda da cabecita.
 Para descer melhor as escadas.

Esta manhã oito homens me impediram a passagem.
 Mercadorias não vendo e assaltaram-me. Arrancaram-me os
 olhos e as órbitas encheram-me de areia. Constrangeram-me de
 fúria (não pude deixar de rir) e estrangularam-me os membros.
 Sabe-me tanto a boca a sangue e não paro de rir.
 Meus cães adormeceram certamente.

* *

Enviaste-me sal e despojos (prenúncios de paz) oh! Dodona
 ou Delfos não mentiriam mais!
 Sabe-me tanto a boca a sangue.
 É a maré-morta a invadir-me. Abrem-se nos pés vacilantes
 suspiros, que sobem lentos até ao rosto.
 Chamo-te.

Não sinto o hálito dos meus cães. Os insectos pousam sobre mim os olhos molhados de cobiça.

Amor.

Sabe-me tanto a boca a sangue.

Monólogo

*

Há tantas noites que não ouço.

Quanto tempo terão de ficar meus cabelos presos às árvores brancas da lembrança?

**

Minhas irmãs desenharam-me o corpo a giz. Um dos seios menor como os das Amazonas.

Zoé

Tomás Maia

O segredo do homem é a própria infância

João dos Santos

Fumava e contemplava a distância. E dir-se-ia que fumava para focar a ilimitada distância. Foi o que me passou, ou foi o que dela em mim ficou: um ar que ficava e ficou com a vida que se esfumava.

*

Antes de eu saber ler e escrever, das letras sólidas e apuradas, a Zoé não me passou “nada” — senão a própria passagem, como se deixa passar a si mesma uma mãe que não se guarda nem se resguarda. A Zoé não foi somente ou não foi simplesmente a minha professora primária. Foi e é a minha vida primária.

*

Mal eu sabia que, assim, era o seu nome que se inscrevia em mim. Eu desconhecia, eu só podia desconhecer então a

diferença entre *bíos* e *zoê*. Para mim, o seu nome era como o seu fumo, como o seu olhar focado na distância, como o seu riso que fendia o próprio ar. E era, sobretudo, um nome distante: começava com a última letra do alfabeto e desaparecia como o Z de Zorro desenhado, com uma espada, em três tempos.

*

Quando eu soube que traduziram o hebraico *Hævvāh* (“Eva”) por *Zoé*, e que *zoê* significava portanto *tudo o que vive*, aceitei, muitos anos depois, o destino do seu nome: a insígnia, o ensino inapagável da infância. Inapagável porque não escrito, inapagável como o sabor das azedas, a seiva bebida até ao âmago amargo da vida. A infância era uma flor para beber, e só para beber. Na fonte. Para trincar o caule. Para me contrair — para conhecer a vida primária.

*

Quando soube que a Zoé vivera com João dos Santos, pensei também: terão partilhado o segredo da infância, o segredo que *pode ser* cada criança. A revelação, para ambos, deu-se no acto de ensinar: ensinar os outros a ensinarem-se, passar aos outros a passagem — passar *zoê*: a vida que não nos pertence, *que não é nossa*, como diz Sena na carta-poema aos seus filhos, *mas que nos é cedida* pelo tempo de uma vida.

*

Evoé! era o grito de alegria proferido pelas bacantes; a expressão mesma do júbilo (dionisiaco). *Zoé!* — eis o que a vida diria se falasse, e não fosse este ar mudo que passa e repassa — e que dela me ficou. E que bafeja uma flor bravia.

*

Fumava e fumou até ao fim. Quando começou a recusar a comida, pensei enfim: é a *zoê* a contrair-se, a esfumar-se com a vida primária a que chamam vegetativa. Tenho a certeza que ela fumou o último cigarro mansamente, focada na distância.

*

Hoje alinho estas letras sem a Zoé; paro e, distraidamente, levo a caneta à boca: é a criança estranhando ainda mais o sabor da vida. A caneta — esse caule rijo que apanhei um dia no campo da minha infância. Não já para beber a vida, mas para deixá-la escorrer imparável. Seiva escura do tempo que os outros irão beber.

*

Passam as idades, não passa a vida primária; passam todos os seres, não passa *zoê*.

Lisboa, Dezembro de 2016

Uma árvore, uma rocha, uma nuvem

Fernanda Morse

I

sou torta porque entregava jornais
até hoje o lado esquerdo me dói
sempre que dói eu me lembro
daquele velho no boteco
falando com uma criança
sobre a brancura do esquecimento

II

eu tento não voltar a ele
eu tento
eu tento não voltar a ele
aos tons pastéis ao triste centro
da cidade aos pombos e à falta
ao fim da sessão das bicicletas de belleville
tento estancar essa brancura
mas prefiro não voltar a ele
está quente o chão é duro e exala um odor
próprio às pedras portuguesas
se tropeço, não tem jeito —
papai, segura a minha mão?

III

ele estava muito sério
falou — venha ver o que te espera —
é claro que eu não sabia

era tudo tão confuso
e ele permanecia mudo
eu num sofá, ele no outro
não era só o ombro que doía
a mão no peito e quando olhei
ele chorava
meu pai sofria de amor e fez questão
de ensiná-lo à sua filha
enquanto assistíamos ao brilho eterno
de uma mente sem lembranças
um dia você vai entender — ele dizia

Beauty Contest Talcum Powder

Nuno Moura

os barcos que estão dentro de água
fingem não ver a criança ser levada pelos pais.
Ele tinha apostado num cavalo-marinho
e montado uma cautela,
tinha feito desenhos nas costas de um mudo
e uma porta nas costas de um mágico,
sonhou que tinha as mãos nas costas de um preso
e que o preso era dono dele
porque era mais forte com umas costas precipiciais,
sonhou com catorze objectos de praia
e com catorze crianças mais uma a chorar, que era ele.
Ele tinha mentido a uma tartaruga de casa
que o queria longe do imprevisível e das marés,
era um menino má testemunha das esperanças paisdinhas.
Aaaaah! O seu ódio sobe no balão
desenhado por cima da boca irritada,
o gatilho faz pum e as cabeças passam realmente
pelos lugares do rabo.
Ele sentiu a sua cana rachada na operação à garganta,
apeteceu-lhe ajeitar o chapéu à frente
e cuspir uma saliva.
O seu sonho está na memória.
A memória está na sua língua
e na ambição da laranja podre avessada
que vai rebentar.

Os diabos do novo século¹

(As crianças zapatistas no ano de 2001,
sétimo da guerra contra o esquecimento)

Subcomandante Insurgente Marcos

Tradução de Arlandson Oliveira

Aos meninos e às meninas de Guadalupe Tepeyac no Exílio

Miguel Kantun, de Lerma, é amigo de Canek. Escreve-
lhe uma carta e lhe envia seu filho para que faça dele um
homem.

Canek responde dizendo-lhe que fará de seu filho um índio.

Canek. Historia y leyenda de un héroe maya
Ermilo Abreu Gómez

Este não é um texto político. É sobre os meninos e as meninas
zapatistas, sobre os que já partiram, sobre os que aqui estão e
sobre os que estão por vir. É, pois, um texto de amor... e de guerra.

As crianças podem produzir guerras e amores, encon-
tros e desencontros. Magos imprevisíveis e involuntários, as
crianças brincam e vão criando o espelho que o mundo dos
adultos evita e repele. Têm o poder de modificar seu entorno

¹ [Nota da editora] Texto disponível em: <http://tinyurl.com/grat3diabos>

e transformar, por exemplo, uma rede velha e esfarrapada num avião moderno, em uma canoa,¹ num carro para ir a San Cristóbal de Las Casas. Uma simples garatuja, riscada com o lápis que La Mar lhes oferece para situações como esta, lhes dá combustível para contar uma complexa história na qual o “à noite” abarca horas ou meses, e o “daqui a pouco” pode querer dizer “o século que vem”, e na qual (alguém duvida?) eles e elas são heróis e heroínas. E o são, não apenas em suas histórias fictícias, mas também e sobretudo, em serem meninos e meninas indígenas nas montanhas do sudoeste mexicano.

São nove os círculos do inferno de Dante. Nove, os cárceres que aprisionam as crianças indígenas no México: fome, ignorância, doença, trabalho, maus tratos, pobreza, medo, esquecimento e morte.

Nas comunidades indígenas de Chiapas, a desnutrição infantil chega a até 80%; 72% das crianças não conseguem terminar sequer o primeiro ano da escola primária, e em todos os povoados indígenas meninos e meninas, a partir dos 4 anos de idade, devem cortar e carregar lenha para comer. A fim de romper estes círculos, há que se lutar muito, sempre, inclusive desde criança. Há que se lutar tenazmente. Às vezes é preciso empreender uma guerra, uma guerra contra o esquecimento.

Disse que este é um texto sobre os meninos e as meninas que se foram. Como de praxe, “damas primeiro”; começarei por esta lembrança que se espera que jamais se repita.

Trata-se de “Paticha”. Já falei dela anteriormente e, por meio dela, de todos os nonatos do porão do México.

Muito se tem escrito, quaisquer que sejam as consequências disso, sobre as causas do levante zapatista. Aqui aproveito para propor outro ponto de partida: os zapatistas nonatos, isto é, boa parte das crianças zapatistas. No México, rara é a família indígena que não conta três ou quatro crianças

1 [Nota do tradutor] No original, lê-se *cayuco*, embarcação indígena.

mortas antes dos 5 anos. Milhares nas montanhas do sudoeste mexicano, dezenas de milhares no desvão abandonado pela “modernidade” governante: os povos indígenas, os habitantes originários destas terras.

Com menos de 5 anos de idade, Paticha morreu de uma febre. Em poucas horas, uma febre queimou-lhe os anos e os sonhos.

Quem foi responsável por sua morte? Que consciência foi fecundada por seu desaparecimento? Que dúvida se dissipou? Que medo foi derrotado? Que valentia floresceu? Que mão se armou? Quantas mortes como a de Paticha fizeram possível a guerra que teve início em 1994?

As perguntas são importantes, porque a morte de Paticha foi uma morte obscura. Já disse anteriormente que sequer foi considerada como óbito, porque para o Poder ela nunca nasceu. Além disso, a nonata chamada Paticha morreu na obscuridade da noite, no esquecimento.

Contudo, obscuridades como a de sua morte são as que iluminaram a medíocre noite deste país, em 1994...

I.

E, por falar em obscuridades férteis, deve haver alguma explicação científica para dar conta de como uma nuvem escura pode dar lugar ao brilho poderoso de um relâmpago. Há muitas explicações ideológicas, mas mesmo antes de o homem dar-se conta, em cerimônias, livros e colóquios, da maravilha de uma tormenta noturna, a escuridão já produzia claridade, a noite já paria o dia, e já o fogo mais terrível se tornava fresco alento.

Esta é uma madrugada particularmente escura. Contudo, para surpresa dos meteorologistas mais astutos (ou simplesmente para contradizê-los), raios vão rasgando o horizonte do oriente, ramos secos de luz caindo da árvore luminosa que a noite esconde atrás de si. A noite é como um espelho negro, uma sombra quebrando-se em amarelo e em

laranja. Um espelho. A moldura é formada pelos quatro pontos cardeais de um horizonte de sobe e desce, arborizado e de um cinza escuro. Um espelho visto pelo lado escuro do espelho, que avisa sobre o que tem por trás, prometendo-o...

Todas as histórias são povoadas por sombras. Na zapatista, não são poucas as que delinearam nossa luz. Estamos repletos de passos de andar silente que, contudo, fazem possível o grito. São muitos e muitas os que ficam quietos para que o movimento caminhe. Muitos rostos dispersos que permitem iluminar outros rostos. Alguém disse que o zapatismo tinha êxito porque sabia tecer redes. Bem, pois é, por trás de nós há muitas tecelãs de mão ágil, de grande engenho, de passo prudente. E, enquanto sobre cada nó da rede rebelde dos esquecidos do mundo se alça uma luz incandescente e rápida, ainda nas sombras, elas tecem novos traços e abraços...

Por falar em tecelãs e em abraços, afasto-me do calor e do frescor de La Mar na cama e saio para andar um pouco, nesta madrugada em que fevereiro reitera o seu delírio e anuncia a chegada da lebre de março. Justo ali, onde a montanha é o território da noite de baixo, alguns vaga-lumes se alvoroçam na quente umidade que anuncia a tormenta.

Uma pequena sombra soluça perto da rede. Eu me aproximo o bastante para distinguir um homem pequenino, baixinho, rechonchudo, bigodudo e de idade avançada. Duas asas maltratadas de papelão vermelho enrugado, um par de pequenos chifres e um rabo que acaba em ponta de flecha fazem com que se assemelhe a um diabo.

Sim, um diabo. Um diabo bastante maltratado. Um pobre diabo...

— “Pobre diabo” é teu avô! — resmunga a diminuta figura.

Não arredo. Mesmo que minha cabeça e minhas pernas me digam para correr para longe dali, sou o homem da casa (bem, da choupana, mas acredito que me entendem), e não

devo abandonar La Mar, que é a mulher da casa. Muitos filmes de Pedro Infante me impõem que proteja a casa e, como “Martín Corona” e “Ahí viene Martín Corona”, devo refrear minha vontade de sair correndo. Bem, pelo menos não sem antes avisar a La Mar que, como já disse, é a mulher da casa da qual eu sou o homem.

Assim, não tento nenhuma “retirada estratégica” e, como sempre acontece quando o terror se apodera de mim, acendo o cachimbo e falo. Faço algum comentário inútil sobre a instabilidade do clima e, vendo que não há resposta, me aventuro...

— Então você ouve o que penso...

— Como se você gritasse — responde o homenzinho.

— E não me chame de homenzinho! — esbraveja ele...

— Lúcifer, me chame de Lúcifer — se apressa a interromper meu pensamento.

— “Lúcifer”? Já sei, já sei. Você não é o anjo que se rebelou por soberba contra o Deus cristão e foi mandado de castigo para o inferno? — falo de um só fôlego.

— Que pilhéria! Mas não foi assim. A história, infeliz mortal, é escrita pelos vencedores, neste caso, por Deus. Na realidade o que aconteceu foi um problema de salários e condições de trabalho. Um sindicato, por mais angelical que fosse, não estava nos planos divinos, então Deus decidiu aplicar a cláusula de exclusão. Os escribas mercenários se encarregaram de aviltar nossa justa luta e assim nos foi... — diz Lúcifer enquanto se ajeita para sentar-se ao pé de um Huapac.

Naquele momento, me dou conta de sua pequenez, mas não digo nada. Suponho que meu silêncio o incentivará a continuar falando, e, de fato, é isso que acontece, porque Lúcifer começa a contar uma história de, como é típico de um diabo, horror e crueldade em grau máximo. Seu relato parece tragédia, comédia, ou parte da guerra...

II.

Lúcifer ficou em silêncio por um instante. Além das estrelas de cima e das de baixo (os vaga-lumes), ninguém mais andava pela noite afora. Acendi de novo o cachimbo, mais para aproveitar a luz do isqueiro e olhar a figura do diabinho do que por vontade de fumar. Do forninho do cachimbo saíram nove círculos de fumo. Ao desvanecer-se do último, ele falou.

A história que Lúcifer me contou pode ferir a suscetibilidade das consciências boas e cristãs, coisa pouco recomendável, sobretudo nestes tempos em que o alto clero pressiona para atrasar o relógio da história. Mas, como não estou disputando indulgências, e já conheço o inferno que o Poder impõe aos pobres, não tenho por que me preocupar. Em todo caso, cumpro com o dever de advertir os leitores e lembrar a eles que só estou transcrevendo o que Lúcifer me contou, a saber:

“O Deus dos ricos e dos livros estava muito satisfeito com o Tratado de Livre Comércio, a passagem para o primeiro mundo, a globalização econômica e com todos estes embustes que mais do que produto divino parecem coisa do inferno — por mais que nós, os diabos, não sejamos capazes de tais horrores.

Bem, o caso é que Deus havia designado, como lhe compete, um anjo da guarda para cuidar de cada uma das crianças da geração do Tratado de Livre Comércio. Os anjos não são muitos, e o trabalho de anjo da guarda de crianças é muito mal pago. Mas um tal de Gabriel, líder condecorado e arcanjo por sinal, obrigou o quadro de pessoal a cumprir a meta. Houve protestos, mas foram poucos. De tal sorte que cada criança do TLC tinha seu anjo da guarda.

Mas acontece que vocês, zapatistas, resolveram levantar-se em armas naquele primeiro de janeiro de 1994 e mudar tudo, até a memória divina. Porque até aqui Deus não se lembrava das crianças indígenas. Não é que não as

levasse em consideração ou pensasse em desfazer-se delas, simplesmente ignorava que existiam.

O Deus dos livros e dos ricos é um patrão como todos, mas muito à moda antiga. Por isso, arrazoou que, enquanto o neoliberalismo se encarregava de despachar à outra vida todas as crianças zapatistas, ele teria que cumprir com suas funções divinas e dar um anjo da guarda a cada criança zapatista.

Mas, como já não havia anjos da guarda disponíveis, então reabilitou os diabinhos. Para tal, nos obrigou a assinar um tratado comercial humilhante e prejudicial à diabólica soberania do inferno. O inferno passava por problemas econômicos, e o tal de São Pedro se aproveitou de nossos apuros para conceder-nos um crédito financeiro que continha, como é de se imaginar, uma cláusula diabólica.

Bem, o caso é que Deus podia dispor da força de trabalho infernal em condições leoninas, e sem que isso afetasse as restrições migratórias que nós diabos temos ao cruzarmos a fronteira celestial. Sem perceber, de supetão éramos empregados de segunda, sob as ordens daquele que nos havia expulso.” Lúcifer fez uma pausa que mais parecia um soluço. Em seguida, continuou...

“Foi assim que, a partir da extraterritorialidade do seu poder financeiro, Deus nos pôs para trabalhar como ‘anjos da guarda’ daqueles que havia esquecido em sua euforia primeiro-mundista, das crianças zapatistas. E agora, em vez de instigar as boas consciências ao pecado, de perverter almas inocentes, de apadrinhar líderes empresariais, de ‘inspirar’ o governador panista² de Querétaro, de assessorar o bispo Onésimo Cepeda, ou de projetar a campanha pós-eleitoral da Fox, agora estamos cuidando, em condições de trabalho miseráveis, das crianças do porão.

2 [N.t.] Referente a Partido Acción Nacional, partido político conservador mexicano com laços estreitos com a Igreja Católica.

Acontece que somos “diabos da guarda”!

Sério! Por um salário miserável, Deus (que, não se esqueça, é o Deus de tudo o que foi criado, inclusive do inferno) nos obriga a proteger as crianças zapatistas. E pensar que ainda há quem se vangloria da bondade divina!...”

III.

Lúcifer silenciou por um momento, e eu aproveitei para rabiscar algumas palavras. E é isso, vocês não vão acreditar, também me surpreendi. Tanto que, imediatamente, escrevi algumas linhas a Eduardo Galeano para que conte isso num de seus livros:

“Data: despontar do terceiro milênio.

Dom Galeano:

No México neoliberal do começo do século XXI, as crianças zapatistas são tão pobres que não chegam a ter um anjo da guarda. No lugar deste, levam consigo um diabo, um diabinho da guarda.

Nas noites de tormenta entre as montanhas do sudeste mexicano, as crianças rezam: ‘Diabinho da guarda, doce companhia, não me desampares, nem de noite, nem de dia’, e por aí vai...

Valeu. Saúde e nada de mate.

O Sup.”

(Fim da carta a Galeano).

Bem, não vou atormentar os chefes de redação com mais pontuações dialogais, de maneira que vou contar de uma vez o que afligia este “diabo da guarda”.

IV.

Acontece que coube a Lúcifer ser chefe de um grupo de “diabos da guarda”. Não sei quantos grupos são necessários para cuidar de todas as crianças zapatistas (que são muitas), mas ao de

Lúcifer coube um trabalho infernal, terrível, diabólico. Devia cuidar de: Beto, Heriberto, Ismita, Andulio, Nabor, Pedrito, Toñita, Eva, Chelita, Chagüa, Mariya, Regina, Yeniperr e, finalmente, horror dos horrores!, Olivio e Marcelo.

Quando lhe coube ser o “diabo da guarda” de Beto, Lúcifer ficou desesperado. E não foi por causa da vida agitada deste menino-soldado que com seu estilingue desafia tanto um veículo blindado, tipo *hummer* e com lança-granadas, como um helicóptero *black hawk* da geração do TLC. Tampouco foi pelo seu cansado sobe e desce de colinas e barrancos, procurando lenha para o fogão de sua casa. Não, o que deixou Lúcifer desesperado (e o levou a pedir sua transferência de custódia) foram as perguntas do Beto:

“Por que a cidade grande fica tão longe? É maior que Ocosingo? Qual é o tamanho do mar? Para que serve tanta água? Como vive o povo que vive no mar? De que tamanho é o estilingue que pode matar um helicóptero? Se o soldado tem sua casa e sua família em outro lugar, por que vem até aqui nos tirar nossa casa e nos perseguir? Se o mar é tão grande quanto o céu, por que não o viramos para que nele se afoguem os helicópteros e os aviões do governo?”

Foram perguntas como estas que motivaram a mudança de trabalho de Lúcifer. Mas não se deu bem, porque, então, foi designado para cuidar de Heriberto...

— Foi terrível — confessa Lúcifer. — Esse menino odeia a escola como o ministro da educação pública, e os professores como o líder sindical pelego. Prefere brincar e ir caçar doces e chocolates. Você precisa ver como eu tenho que correr atrás dele quando ouve o barulho do celofane de um doce!

Depois de Heriberto, Lúcifer passou a cuidar de Ismita.

Me conta Lúcifer que, um dia, Ismita ficou bravo com Marikerr (a menina se chama assim, não me culpem) porque disse que ela quebrou um galho do murici (árvore frutífera) de Ismita. “Mas como pode ter sido ela a quebrá-lo se ela é muito pequena e a árvore é muito grande?”, perguntou-lhe Lúcifer.

“Ela se pendurou e quebrou o galho”, disse Ismita e olhou em tom de reprovação para Marikerr, que entrara de penetra em um assalto infantil à mercearia de “Aguascalientes”. O assalto foi organizado por Lúcifer porque, diz ele, “as crianças devem estar prontas para tudo, inclusive para serem governadores”. Ismita deve ter cerca de 10 anos, mas a desnutrição crônica o presenteou com a estatura de uma criança de 4. Ismita compensa sua falta de estatura física com grandeza moral. Não só perdoou Marikerr por ter quebrado o galho de seu murici, como também lhe ofereceu o refresco e as bolachas que ganhou no assalto à mercearia. “É que ninguém a convida”, disse Ismita a Lúcifer quando este o repreendeu.

A generosidade não desperta o entusiasmo do inferno, por isso Lúcifer foi cuidar de Andulio.

Depois de muito caminhar, Lúcifer chegou à casa de Andulio, aquele do sorriso brilhoso. Nós conhecemos Andulio naqueles dias terríveis da perseguição de 1995. Maio era um sopro quente queimando dias e noites, e Andulio amanhecia trepado numa árvore tentando imitar um peru com seu canto. Não se aproximava muito de nós, mas uma tarde, quando pediu um gravador e começou a dançar ao ritmo de um corrido,³ descobrimos que nos aceitava. La Mar lhe perguntou então, em frente a um cartaz, onde estava o Sup. Andulio titubeou e, um instante depois, se virou e apontou para mim. O Sup. não podia estar no cartaz e no vão da porta ao mesmo tempo, de tal forma que ao apontar para mim de corpo presente, Andulio reiterava seu materialismo filosófico. Eu estava esquecendo de dizer que Andulio nasceu sem as mãos, uma malformação genética deixou-lhe dois cotos nas extremidades dos braços.

— Esta criança não tem mãos, mas tem um sorriso demasiadamente angelical — disse Lúcifer para justificar sua nova mudança. Assim chegou a Nabor.

³ [N.t.] Gênero musical mexicano.

Com Nabor não foi melhor. Com 3 anos nas costas, Nabor tem uma libido que deixaria Casanova constrangido. Lúcifer não fazia outra coisa senão passar vergonha e decidiu ir para outra comunidade. Assim chegou a Guadalupe Tepeyac no exílio.

Nesta comunidade tojolabal,⁴ desalojada de suas casas pelo exército federal mexicano, lhe coube fazer as vezes de “anjo da guarda”, perdão, de “diabo da guarda” de Pedrito. Pedrito é um menino guadalupino nascido no exílio. Sua mãe deu-lhe à luz quando se inaugurava o Primeiro Encontro Intercontinental pela Humanidade e contra o Neoliberalismo. Com 3 anos nas costas, Pedrito é amigo de Lino, outro menino guadalupino. Lino nasceu no dia 9 de fevereiro de 1995 e tinha apenas poucas horas de vida quando foi expulso de sua casa pelos soldados.

Voltando a Pedrito, acontece que ele não quer ir à escola. Já o ameaçaram de levar seu caso à assembleia da comunidade, mas não adiantou. Eu o adverti de que, se ele não fosse, iria denunciá-lo num comunicado dirigido ao povo do México e aos povos e governos do mundo. Pedrito ficou só me olhando, encolheu os ombros e disse “mande-o, afinal eu não sei ler”. La Mar o defende dizendo que tem apenas 3 anos, e Pedrito fica olhando para ela e suspira apaixonado. Mas esta é outra história, agora estamos com Lúcifer cuidando de Pedrito.

Acontece que Pedrito teve vontade de brincar de cavalo. Você está certo se supõe que coube a Lúcifer ser o cavalo. E você também está certo se supõe que Lúcifer desistiu.

— É que esta criança aperta muito as rédeas — disse para justificar-se.

⁴ [N.t.] Tojolabal é uma comunidade indígena na parte sul do estado mexicano de Chiapas.

V.

Depois de Pedrito, Lúcifer decidiu mudar para um gênero mais aprazível e se dedicou a cuidar de uma menina zapatista: Toñita.

Lúcifer não ficou preocupado com a tendência de Toñita de desprezar o amor que “muito machuca” (para meu escândalo, qualificou a tendência dela como “saudável”). Nem isso nem o fato de ter sido transformado em boneca por uma Toñita empenhada em cortar-lhe as asas.

— Não devia ter sido o único a quem as havia cortado — disse com rancor.

O “diabo da guarda” aguentou tudo isso, mas não pôde suportar o contínuo quebrar e colar de xícara de chá que é a vida das meninas zapatistas...

Foi assim que o “diabo da guarda” de Toñita renunciou e passou a cuidar de Eva. Durou pouco. Na décima quinta vez em que assistia a “Escuela de Vagabundos”, com Pedro Infante e Miroslava, pegou no sono e Eva aproveitou para bordar umas florzinhas e um “Viva o EZLN”⁵ em suas asas. A vergonha fez com que Lúcifer migrasse.

Depois de Eva, foi a vez de Chelita. Uma menina morena de 6 ou 7 anos e com uns olhos pretos como estrelas. Aconteceu com Lúcifer o que acontece com todos, quando Chelita o viu, deixou-o gelado (temperatura pouco adequada para um diabo), fê-lo voar pelos céus (rumo nada recomendável devido à expulsão, etc.) e arrancou dele um “Ave-Maria Puríssima!” que, isso sim, foi demais. Foi como se lhe arrancassem a alma, perdão, foi como se lhe arrancassem as asas, o que Lúcifer sentiu quando o desligaram dos cuidados de Chelita e o colocaram com Chagüa.

Chagüa, como seu nome indica, não se chama Chagüa,

5 [N.t.] Sigla de Ejército Zapatista de Liberación Nacional.

mas, sim, Rosaura, só que ninguém a chama pelo seu nome. Deve ter uns 8 anos. Em um pequeno bando de crianças belicosas, quem lidera não é um menino, mas uma menina, Chagüa. Ela é a primeira e a mais rápida em trepar nas árvores para pegar as cigarras, ela é a mais feroz e certa nas lutas com pedras e lama, ela é a primeira a lançar-se ao ataque e, até agora, ninguém a ouviu pedir trégua. Contudo, quando se aproxima de nós, algo raro acontece: Chagüa é uma criança terna e doce que abraça La Mar e pede a ela que lhe conte uma história ou a penteie ou apenas a abraça e fica quietinha, suspirando de vez em quando.

Lúcifer não renunciou pelo desconcerto que a “fúria terna” de Chagüa provocava nele, mas porque, durante uma briga, foi atingido por uma pedrada, e o galo que nasceu lhe deixou um terceiro chifre que não o ajudava em nada. Foi assim que Lúcifer foi cuidar de outra menina, Mariya.

Mariya deve ter uns 7 anos e no seu povoado é a que tem a melhor pontaria com o estilingue. Descobrimos isso, nós e o povo, durante uma de nossas passagens por estas terras.

Depois de caminhar por várias horas, La Mar e eu nos deixamos cair na entrada de um casebre. Ainda não havíamos recuperado as forças, quando se aproximaram Húber, Saúl, Pichito e um número indeterminado de crianças de nomes igualmente indeterminados. Todos traziam o seu estilingue e pediam uma competição para ver quem tinha a melhor pontaria. Mariya já estava sentada ao lado de La Mar e não dizia nada. Sem me levantar, organizei os turnos e aconselhei pôr uma lata a dez passos de distância. Todos eles tiveram a sua vez e a lata continuava no seu lugar.

Quando perguntei se não faltava ninguém, La Mar disse “falta Mariya”.

Diante do espanto de todos, Mariya se ergueu e pegou emprestado um estilingue.

Um murmúrio de reprovação sacudiu o grupo de varões (entre os quais eu não estava, não porque quisesse

dar uma de feminista, mas porque não tinha forças para levantar-me e ajudar meu gênero).

Mariya dedicou aos meninos um rápido olhar de desprezo, e isso bastou para que eles ficassem calados. Reinava um silêncio que tinha pouco de gozação e muito de expectativa...

Mariya tensionou o estilingue, fechou um olho, tal e qual mandam os manuais de estilingue, disparou, e a lata voou com um estrépito metálico.

Mariya e La Mar prorromperam num grito de júbilo: “As mulheres ganharam!”

Os meninos ficamos estupefatos, contritos e de queixo caído. “Não se preocupem”, disse-lhes para consolá-los, “da próxima vez organizamos uma competição da qual Mariya não participe”. Acho que não convenci ninguém.

Lúcifer foi educado à “moda antiga”, ou seja: estilingues não são para as mulheres. Foi assim que ele teve uma, digamos, “crise de consciência machista” que estourou quando Mariya o derrotou no rude e (ex)varonil esporte de derrubar latas com um estilingue. Foi assim que Lúcifer foi parar em outro lugar.

Em outras comunidades, Lúcifer cuidou de Regina, uma menina de uns 9 ou 10 anos que se comporta como se tivesse 30. Madura e responsável, Regina é irmã e mãe de seus irmãos menores, guarda-costas dos insurgentes, a melhor preparadora de tortilhas da vizinhança e um sol quando sorri. Apesar de sua experiência com queimaduras infernais, Lúcifer renunciou quando não conseguiu suportar o fato de queimar os dedos ao virar as tortilhas na chapa.⁶

— Não eram as queimaduras — me esclarece Lúcifer — mas sim o fato de ter de levantar-se às 4 da madrugada para

6 [N.t.] No original, lê-se *comal*, grelha lisa, plana e circular tipicamente usada no México e na América Central para cozinhar tortilhas, tostar especiarias, secar carne e preparar comida em geral.

fazer o fogo, moer o milho e preparar as tortilhas. E este era só o começo do dia...

Desvelado e com os dedos queimados, Lúcifer foi cuidar da Yeniperr.

Yeniperr é um excelente exemplo de como um pássaro vence a máquina. Quando os helicópteros sobrevoam sua comunidade, Yeniperr os persegue com perguntas. Diante de projéteis tão ferozes, os aparatos bélicos se retiram, e Yeniperr continua volteando entre as rolinhas e os beija-flores. Volta e meia, quando voa, Yeniperr se perde e não tem nada a temer, a não ser que os terríveis Capirocho e Capirote estejam por perto.

Com Yeniperr, Lúcifer durou alguns dias. Pelo que me conta, não foi o medo dos helicópteros e dos aviões governamentais que o fez pedir a mudança de trabalho.

— É que nunca me dei com esse negócio de voar. Não à toa sou um anjo caído... — diz Lúcifer enquanto massageia as nádegas.

Antes ele não tivesse feito isso, porque aí, devido à falta de pessoal, Lúcifer foi designado para cuidar de dois meninos: Olivio e Marcelo, ou seja, Capirocho e Capirote.

VI.

Olivio, o autodenominado “sargento Capirocho”, me confessou que quando ele crescer vai ser grande, vai ser o “Sup”. “E você, Sup, o que vai ser?”, me perguntou sabendo que a extensão de sua aspiração me deixará sem emprego. “Eu?”, disse para ganhar tempo, “eu vou ser um cavalo, um menino cavalo, e vou até acolá, bem longe...” e aponte para um ponto indefinido no horizonte. “Você pode ser sargento”, me consolou Olivio enquanto descobria uma rolinha que volteava ignorando as aspirações hierárquicas do hoje Capirocho e o terrível estilingue que pendia de seu pescoço.

“Cabo Capirote”, responde Marcelo quando lhe pergunto como se chama. Sem compaixão alguma, e talvez fazendo

uso do privilégio militar do seu “grau”, enfia-se onde quer e começa a procurar doces, chocolates, a contar histórias fantásticas ou a espiar as mulheres quando tomam banho.

Olivio e Marcelo, Capirucho e Capirote. Estes dois meninos brincam de provocar-se mutuamente quando se põem a recitar poesias. Quatro poemas integram seu repertório, e sempre se esmeram para mesclar uns e outros. O resultado? Não importa, desde que ao final obtenham um pirulito ou um chocolate, possam desenhar “bolinhas de gude” ou sair para caçar zanates,⁷ sempre sem sucesso. Capirucho e Capirote acham que não há melhor remédio para o desamor do que um bom zanate para comerem juntos.

Estes dois anões, perdão, meninos, têm energia de sobra. Têm cerca de 7 anos e ampliam a cada dia o seu raio de ação. Por entre espinhos e matagais perseguem o “erello” (uma espécie de salamandra que chega até um metro de comprimento), mas não se aproximam muito dele. Levaram Lúcifer de um lado para o outro, suas asas ficaram cheias de espinhos e arranhões, encheram seus bolsos de pedras (para o estilingue) e o “deixaram zozzo” com seu blá-blá-blá constante. As noites não são suficientes para que Lúcifer se recupere, e logo tem que ir atrás deles pegar caracol, caranguejo e “camarão”, ir ao cafezal, ser picado por formigas, abelhas ou por qualquer animal “selvagem” da comunidade, chutar uma bola murcha, comer tudo o que encontram ao alcance de suas mãos e altura e ouvi-los contar façanhas que nunca aconteceram. Mas o que mais deprime Lúcifer é quando fazem-no de alvo para treinar com o estilingue.

Lúcifer já está velho, sua idade remonta ao início do tempo. Digo isso não para que tenham pena dele, mas para

7 [N.t.] Zanate (*Quiscalus mexicanus*) é uma espécie de ave passeriforme da família Icteridae que vive nas Américas, distribuindo-se nos territórios entre os Estados Unidos e o Equador.

que o compreendam. Conheço Capirucho e Capirote e tenho certeza de que o trabalho de cuidar deles deixaria esgotado até o próprio Deus (que, diga-se de passagem, tampouco é jovem).

Por isso, não me causou surpresa quando Lúcifer me disse que renunciava de uma vez por todas a cuidar das crianças zapatistas.

— É melhor que eu vá a Kosovo ou a Ruanda ou a qualquer outro lugar onde a ONU cumpre sua missão de promover guerras — disse Lúcifer enquanto se levantava. — Com certeza nestes lugares há mais tranquilidade.

E, já prestes a afastar-se, ajuntou:

— Ou à diocese de Ecatepec ou à cúpula empresarial mexicana, o que dá no mesmo. Lá há corrupção, mentiras, injúrias, roubos e todas estas maldades mais próprias dos diabos ortodoxos como eu.

Entendo o desespero e o desconsolo de Lúcifer. Tenho certeza de que teria preferido não tentar organizar nenhum sindicato angelical se tivesse sabido que, com o passar do tempo, teria que correr atrás destas crianças.

À luz de um vaga-lume, acrescentei um adendo à carta para Eduardo Galeano:

“P.S. MAIS DETALHES. Dom Eduardo: Deus não vive entre as montanhas indígenas do México. E o diabo, nem que lhe paguem...”

Estava amanhecendo quando me despedi de Lúcifer e voltei para La Mar.

VII.

A maioria dos meninos e das meninas de Guadalupe Tepeyac no exílio nasceram e cresceram longe de sua terra. No governo mexicano há agora outro partido, e estas crianças continuam reféns (agora daqueles que se autodenominam “promotores da mudança”) para impor-nos a rendição. O que mudou para estas crianças? A história de seu antigo povoado parece-lhes

um conto, tão distante está no tempo e espaço que regressar a ele lhes parece uma viagem muito longa. Intrincados e mesquinhos cálculos políticos e uma soberba estúpida, eis o que os expulsou de seu povoado e que se nega a devolver-lhes o que lhes pertence.

Não só neste povoado errante, em todas as comunidades zapatistas, meninos e meninas crescem e se tornam jovens e adultos em meio a uma guerra. Mas, contrariamente ao que se possa pensar, os ensinamentos que recebem de seus povoados não são de ódio e vingança, muito menos de desespero e tristeza. Não, nas montanhas do sudeste mexicano as crianças crescem aprendendo que “esperança” é uma palavra que se pronuncia coletivamente, e aprendem a viver a dignidade e o respeito ao diferente. Talvez uma das diferenças entre estas crianças e as de outros lugares é que estas aprenderam a ver o amanhã desde pequenas.

Mais e mais meninos e meninas continuarão crescendo entre as montanhas do sudeste mexicano. Serão zapatistas e, como tais, não chegarão a ter um anjo da guarda. Nós, “pobres diabos”, cuidaremos deles até que se tornem grandes. Grandes como nós, os zapatistas, os mais pequenos...

Das montanhas do Sudeste Mexicano
Subcomandante Insurgente Marcos
México, fevereiro de 2001.

X games para Carol Shaw

João Reynaldo

ENDURO

Você não tem medo. Você não dorme.
Seu objetivo na vida é quebrar o último
recorde. Passe a maior parte do tempo
na pista. Veja o adversário pelo retrovisor.
Você é o nosso ídolo. A corrida foi confirmada.

FROGGER

Ajude o sapo a chegar do outro lado
da estrada... VIVO. Evite ser esmagado
por automóveis. Pule nos troncos.
Pule nos barcos. Entre no arbusto.
Cuidado com o jacaré!

JUNGLE HUNT

Você está pendurado em cipós escorregadios.
Lute contra crocodilos dentuços. Desvie-se de
pedras assassinas. Tenha pressa! Resgate
seu amor das garras dos canibais.
A hora do almoço está chegando...

FAST-FOOD

Hambúrguer, batata frita, milk shake, pizzas voando em velocidade gastronômica.
 Você e uma boca devoram o que apraz.
 Quanto mais calorias, melhor colocação.
 Evite o picles de repolho roxo!

MOUSE TRAP

Você é um rato. Administre sua fome entre os corredores e as portas da casa. Coma pedaços de queijo. Fuja dos gatos. Se encontrar ossos de cachorro, coma.
 Você se transformará em cachorro e finalmente poderá comer os gatos!

SPACE INVADERS

Alienígenas ameaçam nosso planeta.
 Seu job é impedir que pousem na Terra.
 Destrua-os com o canhão laser.
 Quando você achar que destruiu todos, novos alienígenas aparecerão.

CRYPTS OF CHAOS

Há séculos esta lenda ficou desconhecida. Dizem que as criptas estão protegidas por criaturas pavorosas. Milhares de pessoas entraram nelas em busca de relíquias. Ninguém voltou para contar história. Mas isso não vai amedrontar quem gosta de aventuras como você!

Afinal você tem armas mágicas e quando retornar vencedor, todos os dados serão descriptografados.

BOBBY IS GOING HOME

Pule! Pule! Não deixe as pedras, o lago, a borboleta, os pássaros e o morcego molestarem o pequeno Bobby. Pule!
 Alegre-se com a grama verde e o céu azul.
 Acompanhe Bobby até o lar doce lar!

FROSTBITE

Ajude Frostbite, o intrépido arquiteto do Norte, a construir iglus pulando sobre blocos flutuantes de gelo. Cuidado com os moluscos assassinos, gansos árticos, caranguejos-reais do Alasca, ursos polares e a queda vertiginosa da temperatura!

SEAQUEST

Você descobriu um tesouro no fundo do mar. Seus mergulhadores foram para lá e não voltaram. Desça de olhos abertos!
 Tubarões assassinos e submarinos piratas estão atrás deles e do seu ouro. Solte torpedos!
 Não saia dessa todo molhado...

OTHELLO

O campo de combate é composto por uma malha com 64 quadrados. Cada combatente

tem uma cor e tenta capturar o maior número de quadrados que existe. Quando você captura um quadrado, esse quadrado passa a ser seu e ele muda de cor para a sua cor.

SUPER BREAKOUT

Abra seu caminho através de um colorido campo de forças.

Escola Primária de Delinquência¹

Roberto Arlt

Tradução de Marcos Visnadi

Ao caminhar pela rua Tacuarí, chegando ao número 760, encontra-se um edifício pintado de verde-escuro, com janelas adornadas por cortinas brancas, e na frente um letreiro que diz “Departamento de Polícia. Depósito de Menores”.

Se você leva um mandato do chefe de polícia, permitem a sua entrada. Quem o atenderá será um senhor muito amável, o diretor, ou, caso este não esteja, outro senhor tão amável quanto o diretor, que é o subdiretor.

Esse senhor, ou ambos, ou qualquer um dos dois, lhe perguntará qual o objetivo de sua visita, e, se você explica que é jornalista, é quase certeza que ambos, ou cada um deles, se queixem das bombas que lhes direcionaram os jornalistas,

¹ [Nota do tradutor] Estes textos foram publicados inicialmente em quatro edições do jornal portenho *El Mundo*, no qual o escritor trabalhou como colunista e repórter policial a partir de 1928. A edição que serve de referência para os textos aqui traduzidos é: Roberto Arlt. *Tratado de delincuencia: aguafuertes inéditas*. Buenos Aires: Biblioteca Página 12, 1996.

injustamente, responsabilizando-os... Mas não nos antecipemos... ou sim, antecipemos. Eles se queixam, como eu dizia, de serem taxados de responsáveis pela imensa desordem, pela espantosa desorganização que rege o mecanismo dessa instituição que, apesar de pertencer à polícia, está a serviço direto da delinquência, constituindo um viveiro de futuros criminosos.

Mas, como conversando a gente se entende, diretor e subdiretor, ambos ao mesmo tempo ou cada um de uma vez, enfim lhe demonstram que não podem fazer absolutamente nada contra o que acontece ali, a não ser manter uma ordem aparente e uma limpeza efetiva.

A higiene é a única coisa que se pode elogiar, sem medo de mentir ou de exagerar, no Depósito Policial de Menores.

O piso está varrido, as camas estão arrumadas excessivamente, como num quartel, os meninos estão em aula. E, aqui, pare de contar.

O coquetel do diabo

Você entra numa classe. Nas primeiras fileiras, distingue cotoquinhos de seis ou sete anos. Enfronhados num uniforme azul, parecem passarinhos. Nas últimas fileiras, você vê uns marmanjos truculentos de cabeça raspada, crânio chanfrado por quedas assimétricas na abóbada, e, naturalmente, você pergunta:

- Por que esse pequetito está aqui?
- A mãe o trouxe porque não pode ficar com ele em casa.
- Perfeitamente. E esse grandalhão?
- Porque matou sua filha.
- E esse outro?
- É um degenerado...
- E esse pequetito?
- Roubou uma garrafa de vinho.
- É o coquetel do diabo. Junto à criatura totalmente

inocente, você encontra o futuro cliente da cadeira elétrica, se aqui existisse uma cadeira elétrica.

Seu acompanhante e guia nesse inferno lhe diz, como se se desculpasse:

— Aqui nós não fazemos nada mais que cumprir as ordens dos juizes. Mas, como o local não é apropriado, acaba que não se podem separar os menores delinquentes dos que não são... Se você quiser conversar com os meninos...

— Chame esse loirinho.

O loirinho vem correndo. Sete anos de idade. Olhos com esperança e assombro. Educadinho.

— Por que você está aqui?

— A mamãe me trouxe.

— Tua mamãe trabalha?

— Sim, é empregada.

Síntese dramática. A mãe do menino tem também uma filha, menor que ele. A dona da casa onde trabalha permite que a empregada leve a menina, mas não o rapazinho, porque os meninos incomodam demais. O que pode fazer a empregada? Agradecer por lhe deixarem levar a menina e buscar um lugar seguro para depositar seu filho? Alguém lhe indicou o Juizado de Menores. E o juiz de menores... resolveu tranquilamente o problema, enviando a criatura a um depósito de menores delinquentes, muitos dos quais são degenerados de cabo a rabo. Mas a mãe ignora tais lindezas. E é possível que o juiz de menores também diga que as ignora... E então aqui não aconteceu nada. Todos somos inocentes e este planeta é o melhor dos mundos.

O loirinho se senta e chamo um grandalhão simpático, de dezessete anos de idade. Vem rapidamente na minha direção, sorrindo como se eu fosse seu irmão ou seu pai e pudesse lhe resolver um problema difícil.

— Por quê você está aqui?

— Por ter roubado 205 pesos.

— Nada mal pra começar. (Sorriso de agradecimento.)

E por que você queria essa grana?

Piscou-me um olho, cheio de confiança, e disse:

— Era pra assaltar o caixa da Agronomia, sabe? Eu tinha todas as informações.

— Mas meu filho... O caixa ia resistir. O que você faria, então?

— Bom, então eu ia ter que matar ele. Não acha?

Ele se expressa de maneira tão simples e natural, e suas ideias são tão claras para ele mesmo, que você acaba aceitando que, de fato, é natural que o cidadão despachasse o funcionário da Agronomia, se este resistisse...

Descemos. Num pátio, um rapaz totalmente simpático que bate continência quando passamos por ele.

— E esse mocinho tão simpático, por que está aqui?

— Condenado a quinze anos de cadeia.

— Quinze anos!

— Sim, é Ricardo Reyes, que no dia 1º de janeiro matou uma velha a punhaladas.

— Que idade tem?

— Dezesete anos.

(Continuarei amanhã.)

El Mundo, 26 de setembro de 1932.

Escola Primária de Delinquência (segunda parte)

— Quer visitar a enfermaria do Depósito, senhor?

— Como não.

Quem me acompanha é o professor dos meninos delinquentes. Na enfermaria, uma criança tuberculosa. A escaradeira manchada de sangue. Seguimos em frente. Um rapaz de dezesseis anos em outra cama. Boca fina, lábios sinuosos: um doente distinto.

— Quem é o senhor? Por que está aqui?

— Por matar seguranças com o meu carro.

Trata-se de um menino de bem. Mania de velocidade. A família passeando na Europa e ele, para se distrair do tédio, atropelando com sua *voiturette* qualquer infeliz que aparecesse pela frente. À disposição do juiz de menores. Alguém me informa:

— Além de assassinar pessoas com seu carro, é clinicamente um depravado.

Sáimos. No pátio, um ranhentinho:

— E você...?

— Por roubar uma bicicleta.

É extraordinária a quantidade de meninos que se encontram no Depósito da rua Tacuarí por roubar bicicletas. Numa visita anterior, encontrei uma criatura de sete anos detida por roubar uma garrafa de vinho. Há outros, por sua vez, que estão detidos por nada.

Não conhecem o juiz

A primeira anormalidade que salta aos olhos nas declarações dos meninos detidos, evidência de que eles não conhecem o juiz que julga seus processos, não conhecem o defensor público, não conhecem ninguém, apenas seus professores e os inspetores, que não têm conhecimento científico necessário para desempenhar tais funções.

O mínimo que pensa uma pessoa sensata é que o juiz ou o defensor deveriam conhecer os pequenos prisioneiros sob sua jurisdição, conhecer imediatamente a qualidade moral do detido, certificar-se com seus próprios olhos de que não se tenha cometido nenhuma injustiça ou monstruosidade ao prender uma criança junto com delinquentes, mas não é isso o que ocorre. A maioria das respostas dos meninos revela que o juiz ou o assessor fazem esses trâmites por ofício, e não pelo conhecimento direto do flagelado.

E é então que, do conjunto desse mecanismo, se depreende a mais descomunal falta de lógica e de congruência que se pode pretender dentro de um sistema preventivo e penal.

A polícia, o juiz ou o diabo enclausuram os meninos no inferno do Departamento para livrá-los da pernicioso vagabundagem e das amizades delituosas que podem contrair na rua...

A intenção é ingenuamente boa... Mas o caso é que, para livrar o menino das amizades delituosas, ele é enclausurado precisamente entre delinquentes de todos os níveis, entre degenerados de variações clínicas as mais diferenciadas, e então a evidência salta com maiúsculas espantosas:

A JUSTIÇA ESTÁ FABRICANDO DELINQUENTES COM CRIANÇAS QUE NÃO TÊM ABSOLUTAMENTE NADA DE DELINQUENTES.

Os maiores depravam os menores

Maiores e menores convivem no refeitório e nos dormitórios em uma promiscuidade de idades que sugere o que, num artigo de jornal, não se pode dizer ao público.

Importa pouco que a criatura abrigada no Depósito tenha sido alojada ali a pedido de sua mãe. Ela se relacionará, comerá lado a lado, brincará com outro detido acusado de qualquer delito, com experiências que comunicará no dia a dia.

Se o menino ingressou ali inocente, sairá pervertido. Se tinha resíduos morais, esses vestígios serão anulados por seus companheiros. O maior pressiona o menor com toda a intensidade de sua perversão específica. Não é suficiente a vigilância dos inspetores nem dos professores. As coisas acontecem ali como em qualquer estabelecimento penitenciário. Logo, os professores se assombram, e dizem ao visitante, movendo pateticamente a cabeça:

— Noventa por cento dos que ingressam no Depósito de Menores voltam... voltam acusados de delitos mais graves.

Seria bom que eles não reingressassem, ainda mais com acusações relevantes. A primeira detenção no Depósito foi suficientemente poderosa para apodrecê-los formalmente. Ali se aprendem as artes do roubo, da simulação, da astúcia. Para uma criança que vive entre delinquentes, seria terrível não adquirir a capacidade de delinquir ostentada pelos maiores – e que maiores!

Ali se alojou Cocuccio, o famoso menor chefe de um bando de menores assaltantes e assassinos. Os pequenos devem tê-lo mirado com a mesma admiração com que nós admiramos Firpo ou Justo Suárez.¹ E querer que uma criança não admire um delinquente é uma total perda de tempo.

Tanto admiram os delinquentes que vou citar um caso que um professor me narrou:

No Depósito, era permitido ler revistas policiais. Uma noite, os meninos prepararam uma fuga espetacular rachando a cabeça de um vigia e levantando a cerca. Interrogados, responderam que haviam aprendido a tática de fuga na revista policial.

El Mundo, 27 de setembro de 1932.

Escola Primária de Delinquência (terceira parte)

O que dizem os professores dos menores delinquentes? É interessante escutar suas opiniões, pois elas revelam um desalento profundo em face da desordem que rege o mecanismo do Depósito de Menores e as instituições com que se relaciona.

— Nós não podemos fazer nada por essas criaturas enquanto a Justiça amontoar num mesmo estabelecimento salas de aula, dormitórios e refeitórios, o menino honesto com o criminoso nato, a criança travessa e inocente com o degenerado e

¹ [N.t.] Boxeadores muito populares na Argentina.

o perverso. As aulas que abarcam do primeiro ao quinto ano carecem absolutamente de eficácia. O que as crianças aprendem é nulo, e só se decidem a estudar algo quando se desperta seu interesse dizendo que o juiz colocará em liberdade os que demonstrarem condições para o estudo. Alguns são tão mentalmente atrasados que seu lugar verdadeiro seria um Instituto de Retardados Mentais. Sobre isso, vou contar uma anedota:

O professor está dando aula de história. Chama um menino acusado de furto e que estava distraído e lhe pergunta:

— Quem foi San Martín?

— Não sei, senhor. Não participei desse caso.

Ficam entediados

Os meninos ficam desesperadamente entediados. As quatro paredes do Depósito não são o que há de mais adequado para fazer alguém dançar de alegria. Muito menos uma criança separada de sua família.

Até cinco anos atrás, a disciplina era rigidíssima. Havia castigos corporais. A entrada de professores jovens fez o sistema mudar. Atenho-me às informações deles.

Atualmente, não se bate nos meninos. Faz-se com que se entediem com três horas de aula. E as três horas de aula têm a finalidade de evitar que os maiores, no recreio e nas horas livres, se entretendam pervertendo os menores.

Delinquentes, meninos sem pai ou sem tutores responsáveis contraem no Depósito a necessária amizade para que, quando saírem para a rua, não tenham dificuldade em buscar um cúmplice. Eles se aperfeiçoam no delito sem que professores ou zeladores tenham a menor ilusão quanto a sua possibilidade de recuperação.

Nós, me diz um professor, precisaríamos de um estabelecimento grande, com divisões para menores que nunca

delinquiram e para aqueles acusados em primeiro grau. Precisaríamos de laboratórios de psicologia experimental... porque muitos menores, que nós, por experiência, classificamos como anormais, os médicos dos tribunais, com uma só olhada, os classificam como normais. Ficam evidentes as contradições mais monstruosas entre o julgamento de um médico, de um juiz e de um professor de menores. As conclusões são as seguintes: o menino é enviado de um estabelecimento para o outro, em noventa por cento dos casos, sem o menor critério científico.

Ninguém tem culpa

E, lá, ninguém tem culpa!

A polícia lava as mãos, dizendo que eles não têm a função de servir como refúgio de menores sem lar. Os professores se desculpam, observando, e com razão, que tudo aquilo que se pode ensinar aos meninos é anulado pelos maiores delinquentes que convivem no conjunto. O diretor do estabelecimento, por sua vez, argumenta que o edifício é pequeno e que ele não pode fazer milagres; a Justiça afirma deter as crianças para livrá-las do contágio da delinquência da rua; o juiz de menores e os defensores, não sei de que modo se justificam; os médicos asseguram que um menor é um degenerado quando não é, e que não é quando é, como afirmam os professores, práticos nisso de analisar os meninos...

Chegou-se ao cúmulo do irrisório, e as contradições já são tão monstruosas que a única conclusão que se desprende delas é a seguinte:

Nossa sociedade, com ou sem culpa, está fabricando delinquentes. E os juízes sabem disso. Não podem ignorar; são obrigados a não ignorar.

O Depósito de Menores é um antro de corrupção. Sem tino, sem o menor escrúpulo moral, se encerram nele crianças

cujas travessuras, quando interpretadas maliciosamente, podem ser classificadas como delituosas. Toma-se como pretexto para fabricar menores delinquentes o fato de que seus pais não podem atender suas necessidades de maneira correta. E, para corrigir um pequeno mal, cria-se um mal maior. Infinitamente maior.

É o que dizem os professores: aqueles que entram no Depósito saem; mas voltam...

O antinatural seria que não voltassem, com os técnicos em delinquências que estão confinados ali com liberdade para ministrar, aos que as ignoram, cátedras de roubo, de vício e de crime.

A gente se entedia

Um detento de dezesseis anos me diz:

— Aqui a gente se entedia.

E como não vai se entediar! Ali não tem nem oficinas para ensinar-lhes alguma profissão.

Para salvar as aparências, foram instaladas aulas que, por outro lado, têm a vantagem de evitar que os presos convertam a casa em um inferno. Isso é tudo o que se fez por eles. Mais nada.

O mais grave do caso é que artigos como o que o autor escreve têm a vantagem de remover o vespeiro, mas durante alguns dias. Depois, tudo volta ao seu curso normal, se é normal que um estabelecimento policial tenha a direta e imediata função de fabricar meninos, em sua maioria travessos, futuros criminosos.

El Mundo, 28 de setembro de 1932.

Escola Primária de Delinquência (fim)

Com esta nota, finalizo as impressões que tive da minha visita ao Depósito de Menores Abandonados e Delinquentes, da rua Tacuarí.

Do que escrevi anteriormente, se depreende que a instituição é um desastre. Não alcança nenhum objetivo a não ser o de engrossar as fileiras da futura delinquência.

O visitante inexperiente encontrará ali meninos de todas as idades, uniformizados com um traje azul, salas de aula limpas, dormitórios em ordem e camas bem-arrumadas. E nada mais. Sob essa aparência de ordem e limpeza, camuflagem eterna de todas as instituições inúteis, oculta-se o câncer de uma ameaça social:

Toda criança que num momento de estupidez cometer uma travessura perigosa estará ameaçada pela Justiça (que se propõe a corrigi-la) de ser encarcerada ali, para que ali, em vez de se corrigir, ponha-se definitivamente a perder.

Quem são os culpados

Quem são os culpados por esse desastre?

Os pais. Muitos menores são filhos de lares constituídos irregularmente. Não se pode culpar um menor por não ter pai ou mãe, nem por carecer do indispensável senso moral para conviver na comunidade.

A polícia?

A polícia se limita a proceder segundo instruções prévias. Quando um menor delinque, a função da polícia é colocar esse menor sob a jurisdição de um juiz, para que o juiz o julgue.

Chegamos, então, aos juízes.

São culpáveis, os juízes?

Creio que são os únicos culpáveis, e são duplamente culpáveis porque, não existindo uma jurisprudência adequada

ao menor nem instituições que encerrem em seu funcionamento uma garantia severa de salvação do menor, atuam com mais crueldade, por omissão, do que com os maiores de idade.

Uma análise simples:

No Departamento de Polícia, os quadros dos detidos estão divididos segundo um critério simples, mas aceitável, inclusive para os próprios detidos. Não se coloca jamais um acusado sem antecedentes no quinto quadro, entre profissionais da delinquência.

Por que não se procede com os menores segundo o mesmo critério? Por que se encarcera o menino acusado de vagabundagem no mesmo local em que se encontram menores cuja periculosidade é infinitamente superior? Por que se aloja o menino cuja mãe não pode manter no mesmo estabelecimento onde o degenerado, o ladrão ou o assassino convivem em harmoniosa amizade?

Salta aos olhos o que podem responder os juízes:

— Nós não temos locais adequados.

Frente a essa resposta, não cabe senão outra:

— Se não têm locais adequados, técnicos educadores adequados, não privem de liberdade um menor, ainda mais para encerrá-lo em uma escola de delinquentes.

A monstruosidade que se revela nesse procedimento dá calafrios, principalmente se a contemplamos no interior do Depósito.

Prender um menino porque roubou uma garrafa de vinho ou porque não devolveu a bicicleta que havia alugado, junto com outro menor que psiquicamente é um delinquente nato ou um degenerado, é um contrassenso que não tem nome.

E mais contrassenso ainda se se considerar que juízes, professores, diretores de estabelecimentos dessa natureza
NÃO ACREDITAM NA EFICÁCIA DO PROCEDIMENTO.

E como ninguém acredita...

E chegamos ao fim.

Como os professores não acreditam que suas lições possam reformar um menino, e os juízes também não acreditam, nem os zeladores, nem ninguém, nos encontramos na presença de um mecanismo inútil, que funciona porque sim, entre o pessimismo daqueles que deveriam estar dedicando todas as suas energias para a solução do problema, porque é para isso que o Estado lhes paga.

Uns botam a culpa nos outros, e todos, por sua vez, repousando na convicção de que nada podem fazer, deixam que o mecanismo do Depósito trabalhe naturalmente; e a função natural desse Depósito de Menores é destruir o pouco de bom que pode ter um menor que cai ali dentro.

E essa desordem terrível se prolongou para todas as instituições de menores. Nenhuma delas cumpre as funções para as quais foi criada. O ceticismo dos de cima se reflete no dos de baixo, e a preocupação de todos esses funcionários quase perfeitamente inúteis é uma só: não ser atacados pelos jornais. O resto lhes interessa de modo escasso.

E, como tudo se contagia, do nosso lado, nós, os jornalistas, que encaramos tais problemas, temos a convicção íntima de que qualquer campanha contra essas instituições é perfeitamente inútil. Durante dois ou três dias as pessoas comentam as anomalias que o jornal revelou para elas, e então se esquecem. Nada é feito em favor dos menores. E o problema terrível continuará no ar até que venha outro que escreva estas notas... e as pessoas voltem a esquecer.

El Mundo, 29 de setembro de 1932.

Matinê perdida

Fabiano Calixto

foi tudo tão passageiro
como passos de pássaros no telhado
como um *f* mal desenhado
no caderno de caligrafia
da terceira série

you com seu vestido vermelho
hálito de *drops* de menta
perfumando tantas dúvidas
e um sorrisinho modernista de nascença
como um contrabando
uma contradança

eu, com meu tênis velho
camiseta desbotada do AC/DC
dois ou três carinhos de colibri
um minuto de silêncio por minuto no peito
uma lua cheia
na carteira vazia

foi tudo tão passageiro
aquela canção do Frank Valli
a soda com limão e gelo
o bolo de brigadeiro
a festa junina no nosso quarteirão
os amigos que já não estão mais
nem aí

nem aqui
o copo cheio de tônica e gim
a coleção de gibi

foi tudo muito passageiro
mesmo com cinquenta fichas
a ligação sempre caía
e chorávamos escondidos
cheios de dor e uísque
sob a concha do orelhão
e a nossa oração
era dois mil enigmas
nos lábios de amianto
de uma esfinge

a matinê perdida
domingo tecnicolor
deitando sol em nossos sonhos
(o velho domingo e sua gravata florida
agora, apenas uma orelha de livro,
uma ferida
mertiolatada)

na pista esperávamos as *lentinhas*
para poder alimentar o amor
que morava na gente
como um cão sob a marquise
mora no rosto da chuva

o primeiro beijo veio a navio
o coração disparado
o calor suando frio

foi bonito, foi tudo muito bonito
(na verdade, foi bonito pra caralho)

e passageiro
 como Sessão da Tarde e pipocas
 bolinhos de chuva e catapora
 como os sapos que a tempestade traz
 para ninar o nosso naufrágio

tudo muito passageiro, sim
 mas nunca frágil
 continuamos lendo
 nossa saudade em cada lenda
 e fomos cada qual por sua trilha
 nós todos, tombados pelo patrimônio histórico
 das coisas do coração
 hoje
 vemos a areia da vida surfar no abismo
 de uma ampulheta
 que vai daqui
 até as estrelas

Cavalitas

Maria Archer

para a criança a cabeça é fundamental
 para o maracá também, funda mental

de tudo o resto se pode prescindir, passando nas grades da cave do casarão branco
 — passa a cabeça, passa o resto —
 lá dentro as caves do vinho, a escadaria, o salão redondo onde pintava
 coisas tão grandes que, diziam,
 as telas saíam de lá cortadas ao meio para passar nas portas,
 Aquela pasta avermelhada, o que é?
 Todo um salão erguido na imaginação só com a fresta:
 um raio de luz ilumina uma festa de partículas, a tia diz que é *poeira*
 Fiquei lá amando essa pa-pa-pa-palavra num canto

Na imensa cozinha uma escada em caracol
 nunca-nunca subi essa,
 nem a da bisavó.

entrar e sair,
 entrar y salir, *estando dentro*
 os pequenos peixes
 os aceleradores de partículas
 os enlaçadores
 nossos soberanos senhores

Reconheci e protegei
 aqueles mais perto da fonte,
 eles serão os vossos guias

Ontem contavam-me:
Somos o orvalho
frescos
somos mesmo cuspo de estrela, depois que a noite passou
somos mesmo como tu quando
daquela vez para dizer alma, disseste
O sol do peito
a oval branca entre as espáduas
que flutua fantasminha
intransponível
quando uma seta chega

É por isso este grito de galochas no bosque:
o veado não morre
ao ser alcançado!
O sol do seu peito tem jeitos com o dançar
até ver onde se alojar.
— pedimos atenção nas clareiras, igrejas do arvoredado.

E antes de dizer *boa noite*, contar-lhes que
orações fazem muito pelos vórtices magnéticos da terra
Nos tempos em que Triângulo Das Bermudas foi meu inimigo,
debaixo da tenda sagrada feita de lençol amarrado na cama,
à luz do lume da lanterna,
eu o garantia em seu lugar com meu fervor
- & nenhum avião será tragado

Estas coisas conta uma rezadeira de berço
que antes de ser temente de cantos
foi ocasional comedora de gafanhotos
e constante devota das canas e dos núnús.
Aparelhada com a vara do descobridor
os pés pretos curtidos, os calções azuis, o torso indistinto, bronzeado
(e aquela penugem, trilho de posteriores tremores)

a mesma cana com
que tocávamos o desconhecido-
uma lesma nova, um rato,
o sapo teso: a morte

sabíamos muito bem que já vivíamos sobre o reino.

Pois bem, *boa noite*,
aqui chegados exigimos enterrar com exéquias
(um limão, uma oração, uma linda pedra...)
toda a carcaça encontrada no caminho
os sóis dos seus peitos assim nos pedem
eu já fiz assim com
— sapos
— um albatroz
— um rato
— um coyote
— um guaxinim
— o cachorrinho
— um lagostim
— passarinhos

com as formigas não, elas carregam seus próprios mortos.

Fim

Num lugarejo¹

Abraham Sutskever

Tradução de Luciano Ramos Mendes

אין כוטער

א

זונפֿאַרגאַנג אויף אייזיק בלאַע וועגן.
 זיסע דרעמלפֿאַרבן אין געמיט.
 ס'לייכט פֿון טאַל אַ שטיבעלע אַנטקעגן
 מיט אַ שניי פֿון זונפֿאַרגאַנג באַשיט.
 ווונדערוועלדער הוידען זיך אויף שויבן,
 צויבער־שליטנס קלינגען אין אַ קרייז.
 אויפֿן פּיצל בידעם וואַרקען טויבן,
 וואַרקען אויס מיין פנים. אונטער אייז.
 דורכגעשטרײפֿט מיט בליציקע קרישטאַלן
 צאַפֿלט דער אירטיש אין האַלבער וואַר.
 אונטער אויסגעשוויגענע קופֿאַלן
 בליט אַ וועלט אַ קינד פֿון זיבן יאָר.

1.

O pôr do sol numa estrada da cor do gelo.
 Doces colorações oníricas em tu'alma.
 Uma cabana brilha no vale tão belo
 brilha no crepúsculo, do inverno a calma.
 Lenha-maravilha que pende das janelas,
 trenós mágicos ressoam incansavelmente.
 No ático gemem as pombas singelas,
 cantam em minha face. Gelo transparente
 atravessado pelo brilho cristalino
 o Irtich semirreal, serpenteante rio invernial.
 Debaixo dum domo de silente fascínio
 uma criança conhece o mundo primordial.

¹ [Nota do tradutor] Abraham Sutskever. *Sibir poeme*. Jerusalém: Levin-Epstein, Goldberg, 1953. p. 10-12.

ב

אינעם ליכטיק־טונקעלן, פֿאַרשנייטן
 כוטער פֿון מיין קינד־הייט אין סיביר,
 בליען פֿון די שאַטן־אַפלען קווייטן,
 קוועקזילבערנע קווייטן אָן אַ שיעור.
 אין די ווינקלען אָפּגעלאַשן מאַטע
 בלאַזט אַרײַן לבנה איר געבלענד.
 וויס ווי די לבנה איז דער טאַטע,
 שטילקייט פֿונעם שניי אויף זיינע הענט.
 ער צעשניידט דאָס שוואַרצע ברויט מיט בלאַנקן
 רחמימדיקן מעסער. ס'פנים בלויט.
 און מיט נײַ צעשניטענע געדאַנקען
 טונק איך אינעם זאַלץ דעם טאַטנס ברויט.

ג

מעסער. טאַטע. רויכיקע לוטשינע.
 קינד־הייט. קינד. אַ שאַטן נעמט אַראָפּ
 ס'פֿידעלע פֿון וואַנט. און דין־דין־דינע
 שנייענקלאַנגען פֿאַלן אויף מיין קאַפּ.
 שטיל. דאָס שפּילט דער טאַטע. און די קלאַנגען
 אויסגראַווירט אין לופֿטן, ווי אין פֿראַסט
 זילבערלעך פֿון אַטעם בלאַ צעהאַנגען
 איבער שניי לבנהדיק באַגלאַזט.
 דורך אַן אייזיק אָנגעפּעלצטן שייבל
 שמעקט אַ וואַלף צום פֿלייש פֿון דער מוזיק.
 שטיל. אין אונדזער טויבנשלאַק אַ טיבל
 פּיקט זיך פֿון אַן אייעלע, פּיק־פּיק.

2.

No claro-escuro do vilarejo enevoado,
 lá onde foi minha infância, na Sibéria,
 das pupilas-de-sombra flores hão floreado,
 infinitas flores de inquieta matéria.
 Pelas frestas de ângulos gastos e pálidos
 a lua sopra em nós seu hálito radiante.
 Meu pai, branco como a lua, aspecto cálido
 em suas mãos – um branco silêncio congelante.
 Ele corta o pão preto com iluminada
 faca piedosa. Seu rosto torna azulado.
 Eu, agora com ideia recém-cortada
 dou ao pão de meu pai um cobertor salgado.

3.

A faca. Papai. Uma tocha fumacenta.
 Infância. Criança. A sombra pega o violino
 da parede. Em minha cabeça arrebenta
 o som da neve, fino, cada vez mais fino.
 Silêncio. O pai está tocando. E no vento
 ele inscreve sua música. Como o prateado
 espelho, pende um azulado alento
 por todo lado, na neve luar esmaltado.
 Por detrás da janela em gelo vestida
 um lobo fareja a carne musical.
 Silêncio. Bica uma pomba recém-nascida,
 abre a casca do ovo, em nosso pombal.

Quando eu era menino

Friedrich Hölderlin

Tradução de João Barrento

Da ich ein Knabe war...

Da ich ein Knabe war,
 Rettet' ein Gott mich oft
 Vom Geschrei und der Rute der Menschen,
 Da spielt' ich sicher und gut
 Mit den Blumen des Hains,
 Und die Lüftchen des Himmels
 Spielten mit mir.

Und wie du das Herz
 Der Pflanzen erfreust,
 Wenn sie entgegen dir
 Die zarten Arme strecken,

So hast du mein Herz erfreut,
 Vater Helios! und, wie Endymion,
 War ich dein Liebling,
 Heilige Luna!

Quando eu era menino,
 Um deus muitas vezes me salvava
 Do tumulto e da vergasta dos homens,
 E eu brincava, tranquilo e feliz,
 Com as flores do bosque,
 E as brisas do céu
 Brincavam comigo.

E tal como tu alegras
 O coração das plantas
 Quando para ti estendem
 Os delicados braços,

Assim também, Hélio, pai!, me encheste
 De alegria a alma, e como Endimião,
 Sagrada Lua,
 Fui teu favorito!

O all ihr treuen
 Freundlichen Götter!
 Daß ihr wüßtet,
 Wie euch meine Seele geliebt!

Zwar damals rief ich noch nicht
 Euch mit Namen, auch ihr
 Nanntet mich nie, wie die Menschen sich nennen,
 Als kennten sie sich.

Doch kann ich euch besser,
 Als ich je die Menschen gekannt,
 Ich verstand die Stille des Aethers,
 Der Menschen Worte verstand ich nie.

Mich erzog der Wohllaut
 Des säuselnden Hains
 Und lieben lernt' ich
 Unter den Blumen.

Im Arme der Götter wuchs ich groß.

Oh, deuses fiéis, todos
 Vós, e amáveis!
 Se soubésseis
 Como vos amava este meu coração!

Então, é verdade, ainda vos não chamava
 Pelos vossos nomes, nem vós
 A mim me nomeáveis, como fazem os humanos,
 Julgando que assim se conhecem.

Mas eu a vós conhecia-vos melhor
 Do que jamais conheci os humanos,
 Compreendia o silêncio do éter,
 As palavras dos homens nunca as entendi.

A mim, criou-me o murmúrio
 Harmonioso das árvores do bosque
 E fui aprendendo a amar
 No meio das flores.

E nos braços dos deuses me fiz grande.



EDITORA Maria Carolina Fenati
EDITORA ADJUNTA Júlia de Carvalho Hansen
EDITORA DE ARTE Luísa Rabello
COMISSÃO EDITORIAL Cecília Rocha, Daniel Ribeiro Duarte,
Júlia de Carvalho Hansen, Luísa Rabello, Maria Carolina Fenati
ESTAGIÁRIO Werterley Cruz

© Edições Chão da Feira
Rua Albita 194, sala 503, Cruzeiro – Belo Horizonte, MG, 30310-160
www.chaodafeira.com | chao@chaodafeira.com

Gratuita v.3 – Infância Novembro 2017

Gratuita é a revista das Edições Chão da Feira,
tem periodicidade irregular e é distribuída gratuitamente.

ORGANIZAÇÃO Maria Carolina Fenati
COORDENAÇÃO EDITORIAL Luísa Rabello, Maria Carolina Fenati
EDITORIAL DE PROSA Maria Carolina Fenati
EDITORIAL DE POESIA Júlia de Carvalho Hansen
CAPA E PROJETO GRÁFICO Luísa Rabello, Clarice G. Lacerda
REVISÃO Bernardo Romagnoli Bethônico
EDIÇÃO SONORA Daniel Ribeiro Duarte
ASSESSORIA DE IMPRENSA Val Prochnow
GESTÃO FINANCEIRA Flávia Mafra

Respeitando as variantes da língua portuguesa, as editoras decidiram
manter a grafia original de cada texto, segundo a escolha do respectivo
autor ou tradutor.

Esta revista foi realizada com recursos da Lei Municipal de Incentivo à Cultura de
Belo Horizonte. Fundação Municipal de Cultura. Patrocínio Uni-BH. Projeto 641/2015 IF

I43

Infância / Organizadora Maria Carolina Fenati. - Belo Horizonte:
Chão da Feira, 2017.
228 p - (Gratuita; v. 3)

ISBN 978-85-66421-16-3

1. Literatura brasileira. 2. Poesia brasileira. 3. Prosa brasileira.
I. Fenati, Maria Carolina. I. Título.

CDD-B869.8

Com tiragem de 2.000 exemplares, esta *Gratuita* está composta nas fontes Archer e Chaparral. Impressa em papéis Kraft 300 g/m² e Pólen Bold 90g/m² pela gráfica O Lutador, no mês de novembro de 2017, em Belo Horizonte. No site das Edições Chão da Feira estão disponíveis a versão digital e a edição sonora deste número da *Gratuita*.

Para além de todas as pessoas que participaram diretamente nesta edição, agradecemos: Adelaide Ivánova, Aline Magalhães Pinto, Akemi Aoki, Ana Rabello, Catarina Barros, Cátia Sá, Cícero Oliveira, Cibele Noronha de Carvalho, Claude Ravelet, Davis Diniz, Dirce Waltrick do Amarante, Eduardo Pellejero, Fernanda Regaldo, Frederico Spada Silva, Gustavo de Abreu, Gustavo Rubim, Henrique Estrada Rodrigues, Ilana Lichtenstein, Isadora Fernandes, Jamille Pinheiro Dias, João Adolfo Hansen, Jordi Carmona Hurtado, Juliana Salles, Júlio Martins, Laura Erber, Leonardo Fróes, Lia Rabello de Castro, Marcelo Castro, Marcelo Diana, Maria Fenati Ribeiro, Marta Carvalho, Maria de Fátima Fenati, Maria Clara Xavier, Paulo Marques, Priscila Amoni, Rafael Barros, Rafael Camisassa, Rafael Sánchez-Mateos Paniagua, Ricardo Valério Fenati, Rita Rocha, Rosana Kohl Bines, Roberto Zular, Sergio Maciel, Silvina Rodrigues Lopes, Sofia Scarinci Nestrovski, Ulpiano Vázquez, Wilson Alves Bezerra, Yolanda Vilela.

Patrocínio



Infância

- Abraham Sutskever 136, 216
Aglaja Veteranyi 102
Alberto Lins Caldas 62
Ana Martins Marques 21
Angélica Freitas 35
Bruna Beber 30
Emily Dickinson 128
Fabiano Calixto 120, 210
Fernanda Morse 172
François Rabelais 32
Friedrich Hölderlin 220
Giorgio Agamben 14
Iago Passos 155
João Reynaldo 193
Jorge Sousa Braga 142
Leda Cartum 122
Machado de Assis 54
Marcílio França Castro 11
Maria Archer 213
Maria Carolina Fenati 143
Maria Filomena Molder 162
Narcís Oller 47
Nuno Moura 174
Rafael Barrett 22
Roberto Arlt 197
Robert Walser 159
Sara e Tomás Maia 138
Sebastião Edson Macedo 24, 53
Simkha Bunim Shayevitch 66
Subcomandante
Insurgente Marcos 26, 112, 175
Sylvia Molloy 16
Tatiana Pequeno 125
Tomás Maia 169
Walter Benjamin 109